



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOBIODIVERSIDADE E
TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS**

TEREZA MARIA DE LIMA

**O EMPREGO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NA
LÍNGUA FALADA DE FORTALEZA**

REDENÇÃO- CEARÁ

2016

TEREZA MARIA DE LIMA

O EMPREGO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NA
LÍNGUA FALADA DE FORTALEZA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) - Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na Linha de Pesquisa Sociobiodiversidade e Sustentabilidade.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio.

REDENÇÃO - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema Integrado de Bibliotecas

T295e

Tereza Maria de, Lima.

O emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza /
Lima Tereza Maria de. – 2016.

157 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Redenção, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio.

1. Língua portuguesa – Português falado – Fortaleza (CE). 2. Objeto direto anafórico –
Fortaleza (CE). 3. Teoria variacionista. 4. Pronome lexical. I. Título.

CDD 469.79831

TEREZA MARIA DE LIMA

O EMPREGO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NA
LÍNGUA FALADA DE FORTALEZA

Orientador: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) – Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em: 06/09/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio
Orientador



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo

Avaliadora Externa



Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

Avaliador Interno

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, pela
Misericórdia Divina.

AGRADECIMENTOS

À **Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo**, pelas bênçãos que derrama em todos os momentos de meu viver, o que possibilitou a elaboração desta pesquisa.

À **Maria**, nossa Mãe, que com Graça e Consolo transforma minhas preocupações em realizações, abrindo os caminhos que levam a **Deus**.

Ao meu **Anjo da Guarda**, que não teve um minuto de descanso enquanto esse estudo estava a se realizar, guardando, rezando e iluminando os caminhos que ousei enveredar.

À minha mãe, **Anete**, que com Trabalho e Fé, nos faz cristãos.

Ao meu pai, **João Lopes** (*in memoriam*), um dos muitos poetas populares que ficou no anonimato e um grande incentivador das letras.

À minha filha, **Maria Isabel**, que, de tanto ouvir falar em clítico acusativo, sintagma nominal anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia, fica observando o seu uso nos desenhos animados da TV, sempre atenciosa, carinhosa e pronta para ajudar.

Aos meus irmãos: **Ana, Eva, Margareth, Margarise, Luana, Ana Karinny, Tiene, João Filho** (*in memoriam*), **Manoel** (*in memoriam*), **Lúcia** (*in memoriam*), que fazem parte do meu pensar, do meu falar, do meu sentir, do meu agir.

Aos **meus familiares e amigos**, pelas palavras de incentivo.

Aos **colegas de turma** do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS), pelos momentos de vivências em sala.

À **Maria de Fátima Muniz**, Professora de inglês, pela ajuda na tradução do Abstract.

À **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**, pela oferta do Curso de Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, turma I, contribuindo com o ensino, a pesquisa e a extensão.

Ao **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**, pelo atendimento solícito durante o cursar das disciplinas e o realizar da pesquisa.

Aos **Professores** de todas as 7 disciplinas que cursei no MASTS (Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis): Dr. **Carlos Mendes Tavares**, Dr. **Cícero Saraiva Sobrinho**, Dr. **Hugo Marco Consciência Silvestre**, Dr. **Juan Carlos Alvarado Alcócer**, Dra. **Juliana Jales de Hollanda Celestino**, Dr. **Luís Tomás Domingos**, Dra. **Marcela Magalhães de Paula** e meu ORIENTADOR, Dr. **Cássio Florêncio Rubio**, pelas reflexões e debates.

À Profa. Dra. **Marcela Magalhães de Paula**, pós-doutoranda na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela participação e sugestões apresentadas no Seminário de Apresentação do referencial teórico desta pesquisa.

À Profa. Dra. **Maria Marta Pereira Scherre**, pesquisadora 1-B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo, colaboração, envio de material na área da Sociolinguística, e, principalmente, por facilitar o contato com outras pesquisadoras.

À Profa. Dra. **Maria Eugênia Lamoglia Duarte**, Professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por sua disponibilidade, acessibilidade, atenção, troca de e-mails e envio de material, principalmente texto ainda não publicado, para ajudar na fundamentação teórica.

À Profa. Dra. **Aluiza Alves de Araújo**, Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), pela atenção, incentivo, disponibilidade em ajudar, tendo cedido, gentilmente, o *Corpora* que possibilitou a concepção deste estudo, pelas valiosas contribuições apresentadas na Banca de Qualificação e, também por aceitar o convite para participar da Banca Examinadora.

À Profa. Dra. **Léia Cruz de Menezes**, Professora do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pelas pertinentes observações apresentadas no Seminário do Referencial Teórico, na Banca de Qualificação e, também por aceitar o convite para participar da Banca Examinadora.

Ao Prof. Dr. **Fábio Fernandes Torres**, Professor Adjunto do Curso de Letras do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela disponibilidade, aceitando, gentilmente, o convite para participar da Banca Examinadora.

Em especial ao Prof. Dr. **Cássio Florêncio Rubio**, Professor Adjunto II do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), MEU ORIENTADOR. Um *gentleman*, que, com sua integridade, sobriedade, segurança, competência, sapiência e, principalmente, PACIÊNCIA, guiou-me pelos caminhos da Pesquisa Sociolinguística, ensinando-me a vivenciar cada etapa de estudo com RAZÃO e sensibilidade. Muito obrigada, estimado Professor, pelas constantes lições apreendidas! Que Deus o abençoe!

A todos, a benção do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

“Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.

Vida que não se guarda
nem se esquivava, assustada.
Vida sempre a serviço
da vida.

Para servir ao que vale
a pena e o preço do amor.

Ainda que o gesto me doa,
não encolho a mão: avanço
levando um ramo de sol.
Mesmo enrolada de pó,
dentro da noite mais fria,
a vida que vai comigo é fogo:
está sempre acesa.

(...)

Nas águas da minha infância
perdi o medo entre os rebojos
Por isso avanço cantando.

(...)

O que passou não conta? Indagarão
as bocas desprovidas.

Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
com sua garra e seu mel.

Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando.

Não, não tenho caminho novo.

O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.

Aprendi

(o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém a mim
e aos que vão comigo.

Pois já não vou mais sozinho.

(...)”.

(Thiago de Mello)

RESUMO

Este estudo, que tem como pressupostos teórico-metodológicos a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1994; 2001; 2006 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), aborda o emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza. Para a investigação, far-se-á uma análise das formas de realização do objeto direto anafórico: clítico acusativo, sintagma nominal anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia. Parte-se da hipótese geral de que a faixa etária dos mais idosos e o nível de escolaridade mais alto favoreceriam o uso da variante padrão: clítico acusativo e, por consequência, a faixa etária dos mais jovens e o nível de escolaridade mais baixo propiciariam o uso das variantes não padrão: SN anafórico, objeto nulo ou categoria vazia e pronome lexical. O objetivo é investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam essas formas de uso do objeto direto anafórico, principalmente a variante pronome lexical, e avaliar se há indícios de processo de mudança ou de variação estável. Seleccionamos 107 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e dois tipos de inquéritos que compõe o *corpus*: DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes). Os informantes foram estratificados em função do *sexo*, da *faixa etária* e da *escolaridade*. As variáveis controladas foram: *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *tema discursivo*, *tipo de registro* (extralinguísticas) e *traço semântico do antecedente*; *número do sintagma nominal objeto*; *tempo e modo verbal*; *estrutura sintática da sentença*; *tipo de oração*; *presença ou ausência do sujeito*; *tipo de antecedente*; *topicalização do antecedente* (linguísticas). Inicialmente, realizamos uma rodada geral (quaternária), para sabermos as frequências de uso das quatro variantes analisadas e testarmos a nossa hipótese geral, o lugar da variante pronome lexical na fala de fortalezenses. Com o auxílio do programa computacional *GOLDVARB X*, obtivemos os seguintes resultados gerais: clítico acusativo 0,4%, sintagma nominal anafórico 38,2%, pronome lexical 23,6% e objeto nulo ou categoria vazia 37,7%. Realizamos também uma rodada binária (pronome lexical x outras: clítico acusativo, sintagma nominal anafórico e objeto nulo ou categoria vazia). Os resultados dessa análise, com pesos relativos, apontaram relevância dos fatores: *traço semântico do antecedente*, *presença ou ausência do sujeito*, *forma verbal*, *escolaridade*, *sexo*. Com a análise dos dados, constatamos que os clíticos estão cada vez mais em desuso no português do Brasil e o uso do pronome lexical é espontâneo e crescente na língua falada, o que pode confirmar a aceitação do falante, independentemente do nível de escolaridade, ao uso de uma forma linguística desconsiderada pelo padrão gramatical. O SN anafórico

mostrou-se bastante produtivo em nossa amostra, seguido do uso considerável do objeto nulo ou categoria vazia como recursos para a realização do objeto direto anafórico.

Palavras-chave: Objeto direto anafórico. Teoria Variacionista. Língua falada de Fortaleza. Pronome lexical.

ABSTRACT

This study, whose theoretical and methodological assumptions Language Variation and Change Theory (Labov, 1994; 2001; 2006 [1972]; Weinreich, Labov; Herzog, 2006 [1968]) discusses the use of the direct object anaphoric of third person in the spoken language of Fortaleza. For research, far-there will be an analysis of the embodiments of the anaphoric direct object: clitic accusative, anaphoric noun phrase, lexical and pronoun null object or empty category. Departed of the general hypothesis that the age of the elderly and the level of higher education would favor the use of standard variant clitic accusative and therefore the age of the youngest and lowest education level would provide the use of variants nonstandard SN anaphoric, null object or lexical pronoun and empty category. The objective is investigate linguistic and extralinguistic factors that influence these recurrent forms of use of anaphoric direct object, mainly the variant lexical pronoun and evaluate whether the process of evidence change or stable variation. We selected 107 database informants NORPOFOR (Oral Standard of Portuguese Popular Fortaleza) and two types of surveys that make up the corpus: DID (Dialogue Informant and documenter) and D2 (Dialogue Two Informants). The informants were controlled by *sex*, *age group* and *educational level*. We try to work with the variables: *gender*, *age*, *education*, *discursive subject*, *record type* (extra-linguistic) and *semantic feature of the antecedent*; *number of the noun phrase object*; *time and verbally*; *syntactical structure of the sentence*; *kind of prayer*; *presence or absence of the subject*; *kind of history*; *antecedent of topicalization* (linguistics). Initially, we carried out a general round (quaternary), to know the frequency of use of the four variants analyzed and we test our general hypothesis, the place of variant lexical pronoun in fortalezenses speaking. With the help of computer program GOLDVARB X, we obtained the following general results: clitic accusative 0.4%, 38.2% anaphoric noun phrase, lexical pronoun 23.6% and null object or empty category 37.7%. Then we perform a binary round (lexical pronoun x others: accusative clitic, anaphoric noun phrase, and null object or empty category). The results of this analysis, relative weight, showed that the lexical pronoun is favored by factors: *semantic feature of the antecedent*, *presence or absence of the subject*, *verb form*, *education*, *sex*. With data analysis, we found that the clitics are increasingly out of favor in Portuguese of Brazil; the use of lexical pronoun is spontaneous and growing in the spoken language, which can confirm the acceptance of the speaker, regardless of education level, the use of a linguistic form disregarded the grammatical pattern. The anaphoric SN proved to be very productive in our sample, followed

by considerable use of null object or empty category as resources for the direct object anaphoric.

Keywords: Direct object anaphoric. Language Variation and Change. Spoken language of Fortaleza. Lexical pronoun.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Fatores favoráveis ao apagamento do objeto (OMENA, 1978).....	46
Tabela 2	Condicionantes linguísticos (OMENA, 1978).....	47
Tabela 3	Distribuição dos informantes por idade e escolaridade (DUARTE, 1986).....	51
Tabela 4	Fatores linguísticos e sociais em pesquisas variacionistas.....	62
Tabela 5	Distribuição do número de inquéritos e ocorrências de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo tipo de registro na fala de Fortaleza.....	100
Tabela 6	Variação na forma do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza.....	101
Tabela 7	Ordem de seleção dos fatores para o fenômeno objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza.....	103
Tabela 8	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>traço semântico do antecedente</i> na fala de Fortaleza.....	105
Tabela 9	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>traço semântico do antecedente</i> na fala de Fortaleza: resultado para a variável pronome lexical.....	106
Tabela 10	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>topicalização do antecedente</i> na fala de Fortaleza.....	107
Tabela 11	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>topicalização do antecedente</i> na fala de Fortaleza: resultado para a variável pronome lexical.....	109
Tabela 12	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>presença ou ausência do sujeito</i> na fala de Fortaleza.....	110
Tabela 13	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>presença ou ausência do sujeito</i> na fala de Fortaleza: resultado para a variável pronome lexical.....	111
Tabela 14	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>tempo e modo verbal</i> na fala de Fortaleza.....	112
Tabela 15	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>tempo e modo verbal</i> na fala de Fortaleza: resultado para a variável pronome lexical.....	117
Tabela 16	Grupos de fatores linguísticos não selecionados para o fenômeno objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza.....	117
Tabela 17	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza: resultados para as variáveis não selecionadas pelo programa <i>GOLDVARB X</i>	118

Tabela 18	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>escolaridade</i> na fala de Fortaleza.....	124
Tabela 19	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa em relação ao Nível de Escolaridade na fala de Fortaleza: resultado para a variável <i>pronomes lexicais</i>	125
Tabela 20	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>tipo de registro</i> na fala de Fortaleza.....	126
Tabela 21	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>tipo de registro</i> na fala de Fortaleza: resultado para a variável <i>pronomes lexicais</i>	127
Tabela 22	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>sexo</i> na fala de Fortaleza.....	128
Tabela 23	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa em relação ao sexo na fala de Fortaleza: resultado para a variável <i>pronomes lexicais</i>	129
Tabela 24	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>faixa etária</i> na fala de Fortaleza.....	130
Tabela 25	Objeto direto anafórico de 3ª pessoa em relação à Faixa etária na fala de Fortaleza: resultado para a variável <i>pronomes lexicais</i>	131
Tabela 26	Distribuição das variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo <i>tema discursivo</i> na fala de Fortaleza.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	O Pronome <i>ele</i> e suas marcas correspondentes de função (OMENA, 1978)	40
Quadro 2	Pronomes pessoais do caso reto e oblíquos (SACCONI, 1994).....	42
Quadro 3	Fatores condicionantes para a maior ocorrência da variante <i>objeto nulo</i> (OMENA, 1978).....	48
Quadro 4	Favorecimento ao apagamento do objeto direto anafórico (TARALLO, 1983).....	50
Quadro 5	Resultados das pesquisas de Omena (1978) e Duarte (1986).....	55
Quadro 6	Realizações do objeto direto anafórico em pesquisas sobre língua oral com falantes escolarizados.....	57
Quadro 7	Realizações do objeto direto anafórico em pesquisas sobre língua oral com falantes não escolarizados.....	59
Quadro 8	Realizações do objeto direto anafórico em pesquisas sobre língua escrita com falantes escolarizados.....	60
Quadro 9	Distribuição dos informantes do NORPOFOR por gênero, faixa etária, tipo de registro e escolaridade (ARAÚJO, 2011).....	70
Quadro 10	Distribuição dos nossos informantes do Projeto NORPOFOR por sexo, tipo de registro, escolaridade e faixa etária.....	71
Quadro 11	Distribuição geral das ocorrências por sexo, escolaridade e faixa etária em nossa amostra.....	72
Quadro 12	Distribuição dos informantes da amostra do tipo de registro D2 – Diálogo entre Dois Informantes.....	74
Quadro 13	Distribuição dos informantes da amostra do tipo de registro DID – Diálogo entre informante e Documentador.....	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Estratégias para a realização do objeto direto anafórico (OMENA, 1978).....	47
Gráfico 2	Ocorrências de objeto direto anafórico (PEREIRA, 1961).....	49
Gráfico 3	Frequência de realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa em alguns estudos variacionistas.....	102
Gráfico 4	Resultados gerais da frequência de uso para a realização do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza.....	133

LISTA DE ABREVIATURAS

ON	Objeto nulo
SN	Sintagma nominal
SNa	Sintagma nominal anafórico
PL	Pronome lexical
CL	Clítico acusativo
ODA	Objeto Direto Anafórico
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
VARBRUL	<i>Variables Rules</i> (Regras Variáveis)
WLH	<i>Weinreich, Labov e Herzog</i>
DID	Diálogo entre Informante e Documentador
D2	Diálogo entre Dois Informantes
DOC	Documentador
Nº. oc.	Número de ocorrências
NORPOFOR	Norma Oral do Português Popular de Fortaleza
FOR	Fortaleza
TVM	Teoria da Variação e Mudança
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Ø	Objeto Nulo ou Categoria Vazia
Inq.	Inquérito
Nº	Número
Inf.	Informante
Escol.	Escolaridade
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
SVODI	Sujeito/Verbo/Objeto Direto/Indireto
SVOD + PRED.	Sujeito/Verbo/Objeto Direto + Predicativo
SVOD	Sujeito/Verbo/Objeto Direto
SVO	Sujeito/Verbo/Objeto
SERs	Secretarias Executivas Regionais
v.	Ver

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	25
2.1	VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	34
2.1.1	Princípios empíricos para a mudança linguística.....	35
3	OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	39
3.1	VARIAÇÃO/MUDANÇA NA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES.....	39
3.1.1	A abordagem das gramáticas prescritivas e descritivas.....	40
3.2	ALGUNS ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	46
3.3	FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS QUE IMPULSIONAM À VARIAÇÃO.....	63
4	METODOLOGIA.....	67
4.1	TIPO DE PESQUISA.....	67
4.2	COMUNIDADE DE FALA.....	67
4.3	<i>CORPUS</i>	68
4.4	AMOSTRA.....	70
4.5	ENTREVISTAS.....	72
4.6	INFORMANTES.....	73
4.7	LEVANTAMENTO DOS DADOS.....	78
4.8	CONTEXTOS VARIÁVEIS.....	78
4.8.1	Variável dependente.....	79
4.8.2	Variáveis independentes.....	80
4.8.2.1	Variáveis extralinguísticas.....	81
4.8.2.1.1	<i>Sexo</i>	81
4.8.2.1.2	<i>Faixa etária</i>	83
4.8.2.1.3	<i>Escolaridade</i>	84
4.8.2.1.4	<i>Tema discursivo</i>	85
4.8.2.1.5	<i>Tipo de registro</i>	86

4.8.2.2	Variáveis linguísticas.....	87
4.8.2.2.1	<i>Traço semântico do antecedente</i>	87
4.8.2.2.2	<i>Número do Sintagma Nominal objeto</i>	88
4.8.2.2.3	<i>Tempo e modo verbal</i>	89
4.8.2.2.4	<i>Estrutura sintática da sentença</i>	91
4.8.2.2.5	<i>Tipo de oração</i>	92
4.8.2.2.6	<i>Presença ou ausência do sujeito</i>	92
4.8.2.2.7	<i>Tipo de antecedente</i>	93
4.8.2.2.8	<i>Topicalização do antecedente</i>	94
4.9	HIPÓTESES SOBRE O FENÔMENO VARIÁVEL.....	94
4.10	CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....	96
4.11	PROGRAMA DE REGRAS VARIÁVEIS UTILIZADO.....	97
5	DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	99
5.1	ANÁLISE DA VARIÁVEL DEPENDENTE.....	99
5.2	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS.....	103
5.2.1	Análise das variáveis linguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária)	104
5.2.1.1	<i>Traço semântico do antecedente</i>	104
5.2.1.2	<i>Topicalização do antecedente</i>	107
5.2.1.3	<i>Presença ou ausência do sujeito</i>	109
5.2.1.4	<i>Tempo e modo verbal</i>	112
5.2.2	Variáveis linguísticas não selecionadas como relevantes para o fenômeno	117
5.2.2.1	<i>Estrutura sintática da sentença</i>	118
5.2.2.2	<i>Número do sintagma nominal objeto</i>	120
5.2.2.3	<i>Tipo de antecedente</i>	121
5.2.2.4	<i>Tipo de oração</i>	122
5.2.3	Análise das variáveis extralinguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária)	123
5.2.3.1	<i>Nível de escolaridade</i>	123
5.2.3.2	<i>Tipo de registro</i>	126
5.2.3.3	<i>Sexo do informante</i>	127

5.2.3.4	Faixa etária.....	129
5.2.4	Variável extralinguística não selecionada como relevante para o fenômeno.....	131
5.2.4.1	Tema discursivo.....	132
5.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VARIANTES EM ESTUDO NA AMOSTRA DE FALA DE FORTALEZA.....	132
5.3.1	Clítico acusativo.....	133
5.3.2	Sintagma nominal anafórico.....	134
5.3.3	Pronome lexical.....	135
5.3.4	Objeto nulo ou categoria vazia.....	136
6	CONCLUSÃO.....	137
	REFERÊNCIAS.....	143
	APÊNDICES.....	151
	APÊNDICE A - Mapa dos estudos variacionistas sobre o ODA – objeto direto anafórico de terceira pessoa.....	152
	APÊNDICE B - Chave de Codificação.....	153
	ANEXOS.....	154
	ANEXO A - Distribuição dos bairros de Fortaleza por SERs – Secretarias Executivas Regionais.....	155
	ANEXO B - Mapa das SERs – Secretarias Executivas Regionais.....	156
	ANEXO C - Modelo de Ficha de Informante NORPOFOR (ARAÚJO, 2007).....	157

1 INTRODUÇÃO

Diversos trabalhos realizados no âmbito da investigação linguística, acerca da realização do objeto direto no português brasileiro, dentre eles Omena (1978), Pereira (1981), Duarte (1986), Tarallo (1993), Cyrino (1997), Freire (2000) e Marafoni (2004), apontam que esta categoria pode ser retomada anaforicamente através de quatro estratégias: um clítico acusativo (i), um pronome lexical (ii), um sintagma nominal (iii) ou um objeto nulo ou categoria vazia (iv), como mostram os exemplos:

- (i) Saulo esperou-*a* na enfermaria domingo à tarde.
- (ii) Saulo esperou *ela* na enfermaria domingo à tarde.
- (iii) Saulo esperou *Ana* na enfermaria domingo à tarde.
- (iv) Saulo esperou \emptyset na enfermaria domingo à tarde.

Estes exemplos, encontrados no português brasileiro, buscam responder ao questionamento: “Onde Saulo esperou Ana?” e apresentam essas quatro possibilidades de uso do objeto direto anafórico de 3ª pessoa, demonstrando a sua variabilidade, embora as gramáticas normativas o apresentem com apenas uma variante, o clítico acusativo. Essa variante padrão é descrita nos trabalhos referendados nesse estudo acerca das realizações do objeto direto anafórico na língua oral, como os de Omena (1978), Duarte (1986), Correia (1991), Marafoni (2004), Figueiredo Silva (2004) e Mendonça (2004), como de ocorrência rara, confirmando o fato de esta já ser, no português brasileiro, uma estratégia aprendida através da escolarização, logo não mais fazendo parte do que se adquire em língua materna. A exemplo, o estudo de Averbug (2000), que analisa o uso do clítico em textos escritos (redações) de alunos do ensino fundamental I – alfabetizados (2%), fundamental I – 4ª série (6%), fundamental II – 8ª série (23%), ensino médio (28%) e universitário (40%), registrando um índice um pouco maior de uso do clítico, principalmente na escrita dos informantes com mais alto grau de escolaridade. Quanto ao objeto nulo ou categoria vazia, o estudo acima traz uma hierarquia geral de realização, na qual ele aparece como a estratégia preferencial (35%), seguido do sintagma nominal anafórico (33%), variantes que não apresentam o rótulo de não padrão e do pronome lexical (23%), rotulado nas gramáticas normativas.

O pronome lexical aparece em Cunha e Cintra (2007, p. 302/303), compondo uma seção intitulada “equívocos e incorreções”, na qual, a respeito do emprego dos pronomes

retos, os autores afirmam ser frequente na fala *vulgar* o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto.

Entretanto, em pesquisas variacionistas com essa temática, constata-se que, tanto na escrita quanto na fala do português brasileiro, a realidade de uso da língua, no tocante ao fenômeno do pronome lexical, é distinta do que prescreve a norma gramatical. E, com o surgimento da Linguística, a tradição de estudos gramaticais começou a ser criticada, e suas regras começaram a ser refutadas por muitos estudiosos. Esse embate já pode ser constatado em Saussure (2006 [1916]):

Começou-se por fazer o que se chamava de “Gramática” (aspas do autor). Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovida de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas (...) (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 7).

Após o aparecimento da Sociolinguística, na década de 1960, muitos estudiosos dessa área intensificaram os estudos sobre as descrições das línguas naturais a partir de dados empíricos de fala e, dessa forma, surgiu um novo modo de descrever as regras das línguas, diferente do modelo normativo.

No Brasil, já são inúmeros os volumes na literatura linguística (artigos, dissertações, teses) que contrastam análises prescritivas com análises de cunho variacionista. Há também gramáticas descritivas que, levando em conta as pesquisas das inúmeras vertentes linguísticas (sociolinguística, funcionalismo, análise crítica do discurso, linguística textual, entre outras), oferecem outras formas de se analisar uma língua. São exemplos, as gramáticas de Perini (1996, 2008, 2010), Azeredo (2010), Neves (2011), Bagno (2011) e Castilho (2012). Essas obras surgem para, além das gramáticas normativas e muitas vezes em oposição a elas, serem mais uma referência na compreensão e explicação desses sistemas tão complexos que são as línguas naturais. Consequentemente, quem mais se beneficia dessa disputa teórico-metodológica é a escola, pois pode tomar decisões relativas ao ensino de gramática a partir de uma grande quantidade de materiais didáticos.

O emprego pronominal no português do Brasil, principalmente como objeto direto anafórico, tem sido objeto de inúmeros estudos, seja numa perspectiva mais propriamente morfossintática, seja nos prismas da Sociolinguística Variacionista. (v. APÊNDICE A, mapa, com legenda, dos estados que apresentam estudos sobre a temática).

O foco de atenção desta investigação é a realização do pronome-sujeito pelo pronome-objeto (fenômeno de mudança linguística) no falar dos fortalezenses. O fenômeno em questão é abordado sob a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, da qual provém a ideia de que toda língua natural se encontra suscetível à mudança e que esta, encaixada em outras alterações no sistema linguístico, passa, antes, por um estado de variação, que pode ser sistematizado, visto que, para usar os termos propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 103), “é uma variação ordenada”, também, por este modelo privilegiar a análise da linguagem em uso e por possibilitar a sistematização das variações/mudanças linguísticas.

Nesta investigação, utilizou-se uma amostra constituída por 107 informantes, provenientes do *corpus* NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), com o intuito de descrever e analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na realização do objeto direto anafórico na variedade local.¹

Várias razões justificam o interesse em estudar o emprego do objeto direto anafórico: para termos uma melhor compreensão do uso das variantes no português do Brasil, especificamente do pronome lexical; para contribuirmos, com os resultados, para o ensino de língua materna, já que o conhecimento da diversidade linguística brasileira é imprescindível em virtude das frequentes situações de heterogeneidade linguística com as quais, constantemente, professor e aluno se deparam em sala de aula; para contribuir com os estudos sincrônicos e, para concluir, a última justificativa, que diz respeito ao interesse em interpretar o uso do pronome-sujeito pelo pronome-objeto no falar dos brasileiros.

Entretanto, a escolha por uma variante específica (pronome lexical), como matéria de estudo, justifica-se, em primeiro lugar, por ser a variante discriminada nas gramáticas normativas, seguidas pela escola; e, em segundo, por ser utilizada na língua falada no Brasil de forma espontânea; além de diferenciar o português europeu do português brasileiro.

Embora estudiosos de várias partes do território brasileiro e de orientação diversa tenham se preocupado com o objeto direto anafórico de 3ª pessoa, como se verá mais adiante, não se tem, até o presente momento, conhecimento de nenhum estudo variacionista com esse tema no contexto cearense. Pretende-se, então, preencher esta lacuna com a presente investigação.

¹ O Projeto NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - foi idealizado com o objetivo de constituir um banco de dados que possibilite ao pesquisador a descrição de diferentes fenômenos do falar popular dos fortalezenses, sendo coordenado pela Professora Dra. Aluiza Alves de Araújo.

A hipótese que fundamenta este estudo e para a qual se busca confirmação é a de que a faixa etária dos mais idosos e o nível de escolaridade mais alto favorecem o uso da variante padrão (clítico acusativo) e, contrariamente, faixa etária e nível de escolaridade mais baixos propiciam o uso das variantes não padrão: o SN anafórico, o objeto nulo ou categoria vazia e o pronome lexical.

Nesse intuito, este trabalho pretende descrever e analisar como se dá a variação do objeto direto anafórico no falar dos fortalezenses, o que, conseqüentemente, amplia o conhecimento das variedades linguísticas faladas no português do Brasil, embora se compreenda que esta pesquisa, no contexto dos falares cearenses, é um pequeno passo no registro das variedades linguísticas que se encontram no território brasileiro.

Esta dissertação é constituída pelas seguintes partes: esta parte introdutória; a fundamentação teórica, que abrange a revisão bibliográfica e traz uma síntese das pesquisas já realizadas, contextualiza o objeto direto anafórico na literatura e aborda os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística; a metodologia, apresentando a constituição da amostra, a definição das variáveis, o método computacional de análise e as rodadas experimentais; a apresentação e interpretação dos resultados; uma síntese dos principais resultados obtidos nas análises realizadas para as realizações do objeto direto anafórico; as considerações finais; e, por fim, as referências bibliográficas utilizadas nesta investigação.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Neste capítulo, focam-se os pressupostos e conceitos básicos da Sociolinguística Laboviana, destacando aspectos que possibilitam enquadrar o fenômeno em estudo na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM) e no registro da variação/mudança no PB.

O estudo da linguagem em seu contexto social não foi considerado por Saussure (2006 [1916]), que tratou, em sua dicotomia *langue x parole* (língua x fala), da língua apenas como um sistema de natureza homogênea e, portanto, invariável, excluindo a fala, por sua natureza variável, fato que instigou Labov (2008 [1972]) em suas pesquisas.

A partir desse reconhecimento, o aparente *caos* da variação passou a ser desmitificado e assumiu-se que as explicações para os inúmeros fenômenos de variação e mudança deveriam ser buscadas não apenas nos dados da língua, mas também na estratificação social.

Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) (2006 [1968]), considerando o funcionamento da linguagem no contexto social, propõem um modelo teórico, no sentido de descrever a ocorrência das regras variáveis do sistema linguístico e, para isso, observam o comportamento de fatores linguísticos e sociais; daí surgindo, nos estudos variacionistas; a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou a Sociolinguística Variacionista.

A proposta de WLH (2006 [1968]) caracteriza a língua como um sistema heterogêneo e organizado, o que significa dizer que a estrutura linguística comporta variação sistematizada, que se constitui como uma propriedade inerente ao sistema linguístico, podendo ser descrita e analisada.

O fenômeno de variação possibilita ao ser humano transmitir o mesmo conteúdo, do ponto de vista referencial, de maneiras diferentes, conforme apontam Labov (2008 [1972], 1978) e WLH (2006 [1968]). Essas formas alternativas recebem o nome de variantes que, por sua vez, constituem uma determinada variável. Desse modo, os termos: variante e variável constituem os elementos básicos de uma análise variacionista (MOLLICA, 2012).

A esse respeito, Tarallo (1993, p. 08) afirma que “as variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de variável linguística, ou seja, se uma determinada estrutura mantém, dentro de um mesmo contexto, o mesmo valor referencial que outra, diz-se que são variantes que correspondem à mesma variável. Como

exemplo, em nosso estudo, temos o emprego variável do objeto direto anafórico (doravante, ODA) de 3ª pessoa no PB (português brasileiro), que pode ser realizado por quatro formas ou variantes diferentes: o clítico acusativo, o pronome lexical, o SN anafórico e o objeto nulo ou categoria vazia, conforme apresentamos nos exemplos relativos ao referente *Maria*, mencionado anteriormente no discurso:

- (i) João encontrou-*a* na discoteca ontem à noite. (clítico acusativo).
- (ii) João encontrou *ela* na discoteca ontem à noite. (pronome lexical).
- (iii) João encontrou *Maria* na discoteca ontem à noite. (SN anafórico).
- (iv) João encontrou \emptyset na discoteca ontem à noite. (objeto nulo ou categoria vazia).

No primeiro exemplo, temos a presença da variante padrão, o clítico acusativo; no segundo, a variante apontada como desvio pelas gramáticas normativas, o pronome lexical; já nos dois outros, as variantes que, embora consideradas não padrão, não são abordadas pela gramática tradicional, por isso não são estigmatizadas, como é o caso do SN anafórico e o objeto nulo ou categoria vazia.

Reconhecida a possibilidade de usar variantes com o mesmo valor representacional, defende-se a existência de forças atuantes sobre o uso de uma ou de outra forma. Essas forças são os condicionadores ou variáveis independentes, que podem ser de natureza linguística (referentes ao próprio sistema) ou extralinguística (externas ao sistema). Nesse contexto, o pesquisador procura, através do modelo de análise fornecido pela Sociolinguística Variacionista, identificar tais fatores e observar seus alcances em termos estatísticos.

Como exemplo desses fatores condicionadores, no caso da variação pronominal, têm-se variáveis linguísticas como: *a forma verbal, o traço semântico do antecedente, a estrutura sintática da sentença*, dentre outras, atuando sobre o uso de uma ou de outra forma variante do fenômeno em estudo; ou as variáveis de caráter extralinguístico, dentre essas, as mais comuns em uma observação sociolinguística no Brasil são: *sexo, faixa etária e nível de escolaridade*, o que naturalmente não implica dizer que o pesquisador esteja restrito a elas.

De acordo com Mollica (2012, p. 11), uma variável é tida como independente no sentido de que ela não depende de nenhum outro mecanismo e “pode exercer pressão sobre os usos aumentando ou diminuindo sua frequência”. Essas variáveis não devem ser confundidas com as de natureza dependente, que recebem esse nome porque o uso das variantes que a constituem “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural”.

A esse respeito, WLH (2006 [1968]) destacam a regra variável como uma ferramenta analítica que possibilita descrever e explicar a variação em qualquer nível de análise (fonológico, morfológico, sintático, lexical, discursivo), não importando a natureza do fenômeno em questão, o que, inclusive, ocasionou várias críticas, dentre elas, a de Lavandera (1977).

Segundo Camacho (2010, p. 151):

Quando os mesmos métodos e técnicas passaram a ser aplicados a casos de variação em sintaxe, houve a primeira grande crise no estatuto metodológico da teoria variacionista em razão de forte reação, provocada por Lavandera (1977, 1978), Romaine (1981) e García (1985).

Lavandera (1977) questiona a possibilidade de encontrar fenômenos variáveis além do nível da fonologia, partindo do pressuposto de que, passando desse nível, todos os elementos possuem um significado próprio, o que, segundo a estudiosa, invalidaria a expectativa de encontrarmos, para além da fonologia, fenômenos de variação.

Labov (1978), opondo-se à Lavandera, defende tal possibilidade e amplia a noção de mesmo significado para significado representacional. E, baseando-se nesse pressuposto, juntamente com Weiner, realiza um estudo pioneiro de cunho quantitativo sobre a variação com construções ativas e passivas no inglês, testando a influência de fatores internos e externos à língua sobre a alternância entre elas, sendo que apenas os primeiros mostraram-se relevantes.

Esse resultado possibilitou à Lavandera (1978) elaborar mais argumentos acerca da impossibilidade de realizar uma pesquisa variacionista em níveis que não o dos fonemas. O que levou a pesquisadora a retomar o questionamento foi o fato de que os fatores externos ao sistema não se mostraram relevantes. Para ela, estudos em que variáveis sociais ou estilísticas não se mostram relevantes não devem ser caracterizados como pesquisa sociolinguística.

Essa colocação foi rejeitada por Labov (2008 [1978]) e, mais uma vez, o pesquisador se defendeu, afirmando que uma pesquisa variacionista não pretende apontar apenas a influência de fatores sociais sobre fenômenos de variação, procura, além disso, observar a atuação de fatores próprios à estruturação das línguas, sempre vistas como um fenômeno social.

Esse fenômeno possibilita inferir que as variantes apresentam o mesmo significado referencial, embora também possuam valores sociais e estilísticos diferentes, como é o caso

das variantes que estamos a controlar, o ODA de 3ª pessoa no PB, uma variável que comporta quatro variantes:

- (i) clítico acusativo;
- (ii) SN anafórico;
- (iii) pronome lexical;
- (iv) objeto nulo ou categoria vazia.

Essas variantes apresentam quatro possibilidades de respostas, como por exemplo, para o questionamento: - Onde você deixou Thiago? Usando o clítico acusativo, variante padrão, única considerada correta nas gramáticas normativas, responde: - Deixei-*o* no colégio; usando o SN anafórico, apresenta a resposta: - Deixei *Thiago* no colégio, usando o pronome lexical, responde: - Deixei *ele* no colégio e, usando o objeto nulo ou categoria vazia, responde: - Deixei \emptyset no colégio. Nas três últimas possibilidades de resposta, utilizam-se as variantes não padrão, sendo que a variante pronome lexical é apontada como “incorreta” pelas gramáticas normativas, apesar de todas retomarem o mesmo referente.

Labov (2008 [1978]) apresenta, ainda, a existência de três elementos em sua teoria: *indicadores, marcadores e estereótipos linguísticos*. Segundo ele, os primeiros correspondem a “traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa”, já os segundos “exibem estratificação estilística tanto quanto social” e os terceiros “são formas socialmente marcadas, enfaticamente destacadas pela sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p. 360). Desses três elementos, *indicadores, marcadores e estereótipos linguísticos*, os últimos recebem mais censuras, por serem alvos de julgamentos negativos.

Como afirma Gnerre (1985, p. 4): “uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

A esse respeito, aponta Coelho *et al.* (2015, p. 18) que:

Mesmo que não seja a *variante* mais usada por uma comunidade, a *variante padrão* é, em geral, a *variante de prestígio*, enquanto a *não padrão* é muitas vezes *estigmatizada* – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as *variantes padrão* tendem a ser *conservadoras*, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as *variantes não padrão* tendem a ser *inovadoras*.

Rubio (2012, p. 81) afirma que: “há uma relação de concorrência entre as variantes em uma comunidade de fala” e o *prestígio* ou o *estigma* a uma variante “não tem relação direta com padrões linguísticos; é pautado pela avaliação social atribuída ao usuário da língua.”.

Segundo Labov (2008 [1972]), como os falantes têm dificuldade para aceitar que formas distintas tenham o mesmo significado social, são impulsionados a conferir-lhes valores sociais diferentes. Nesse sentido, embora permaneçam com os mesmos valores de referência, não apresentam o mesmo significado social e/ou estilístico. O uso da variante *pronomes lexical* pode ser prestigiado por estar associado à fala espontânea ou, ao contrário, ser estigmatizado em relação à fala monitorada. É importante notar que as variantes não guardam em si mesmas quaisquer valores sociais, mas o obtêm, segundo Camacho (2001, p. 59), “em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais.”.

De acordo com Rubio (2012, p. 82/83):

[...] a associação da variante de *prestígio* à variante *padrão* nem sempre é observada, visto, em certas circunstâncias, ocorrer a implementação na comunidade de fala de formas inovadoras que não pertencem ao padrão, mas que não são desprestigiadas na comunidade de fala, dado o nível de consciência da comunidade acerca de uma avaliação positiva ou negativa da forma alternante.

Do ponto de vista científico, não existe variante superior à outra, a variante de *prestígio* se impõe dentro da comunidade por ser valorizada positivamente em razão de estar associada ao grupo social de maior *status*, enquanto as variantes estigmatizadas são utilizadas por aqueles que, por pertencerem aos estratos sociais mais baixos da população, são discriminados.

Segundo Tarallo (1986), em um fenômeno variável, pode ocorrer das variantes continuarem coexistindo por muito tempo sem que haja predominância de uma sobre a(s) outra(s), configurando um caso de variação estável, ou pode ocorrer da variante inovadora ser mais utilizada pelos mais jovens, diminuindo seu uso em relação à idade dos outros informantes, o que indica uma mudança em progresso.

Quanto aos meios pelos quais as formas variantes de uma variável entram em disputa pela expressão de um significado, ressalta Coelho *et al.* (2015, p. 20):

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle

rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de suas “rivais.” (aspas dos autores).

Com base nessas postulações, pode-se perceber que, em um caso de variação, a implementação de uma variante pode ser considerada inovadora ou conservadora. A forma mais antiga, em um processo de variação e possível mudança, geralmente empregada por falantes mais idosos, é considerada *conservadora*, ao passo que a forma mais recente e passível de implementação, mais provável de ser encontrada na fala da geração mais nova, é considerada *inovadora*.

De acordo com Labov (2008 [1972]), pelo chamado *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. E as discrepâncias entre as duas falas são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos anos que separam os dois grupos.

Nesse contexto, há diversos fatores internos e externos ao sistema linguístico a considerar; os primeiros dizem respeito aos aspectos morfológicos, semânticos, sintáticos, entre outros; os segundos estão relacionados à identidade do falante, como por exemplo, os aspectos de natureza social: *sexo, idade, escolaridade*, entre outros.

Ressaltam-se também as variações estilísticas, formas de que o falante dispõe para enunciar a sua expressão verbal, objetivando interagir de forma diferente, de acordo com a situação em que está inserido. Como expressa Perini (2004, p. 69): “O falante, portanto, adapta seu texto às necessidades da situação.”² Porém, Araújo (2007) informa que não se pode desconsiderar que todo e qualquer quadro de variação sistemática só pode existir e conseqüentemente ser encontrado em uma comunidade de fala constituída por falantes reais em situações reais de interação.

Em relação à impossibilidade de delimitar, de forma precisa, o alcance dos diferentes usos da língua feitos pelos falantes, Labov (2008 [1972], p. 225) afirma que:

Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua [...] Os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões

² Por situação, entende-se a consideração do contexto social em que ocorre a interação verbal.

normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real.

Labov (2008 [1972]) faz a descrição da língua a partir de uma comunidade, e não a partir de um único falante, isso porque ela é um fenômeno eminentemente social, daí o pressuposto de que uma mudança linguística não pode ser estudada fora da comunidade em que ela ocorre.

Nesse sentido, tendo como objeto de estudo a fala das pessoas que fazem parte de uma comunidade linguística, o sociolinguista precisa se envolver com a comunidade para observar o uso da língua. Para tanto, seleciona informantes para representar o grupo a que pertencem, segundo critérios etnográficos ou sociológicos. Esse procedimento tem como finalidade precípua coletar o falar natural que encontramos nas situações em que o falante não se preocupa com o modo como fala.

Dessa forma, é imprescindível o levantamento de todos os contextos relevantes para uma dada variável, num determinado *corpus* e a sua consequente quantificação por meio de programas computacionais para a adequada atribuição de pesos relativos aos fatores das variáveis analisadas. De acordo com os postulados variacionistas, uma análise linguística pautar-se-á no uso real da língua, partindo de amostras colhidas através da observação empírica.

Com isso, o alvo da coleta de dados em uma pesquisa sociolinguística passa a ser o vernáculo, modelo de língua em que o menor grau de monitoramento é dispensado pelo falante ao seu discurso (LABOV, 2008 [1972]). Esse modelo de língua pode ser encontrado nos registros linguísticos compartilhados por familiares no aconchego de seus lares, durante conversas espontâneas entre amigos, em momentos de lazer, longe dos locais de trabalho ou qualquer outro ambiente no qual se exige que a linguagem usada pelo falante seja mais cuidada, monitorada.

Para a coleta do vernáculo, a ferramenta mais comum na pesquisa variacionista é a entrevista individual gravada. Esse mecanismo apresenta pontos questionáveis, afinal seria possível ter acesso a um modelo de fala espontâneo o bastante para ser tido como vernacular, estando o falante submetido à presença de um entrevistador, principalmente no caso de entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), de gravadores e respondendo a possíveis questionamentos?

Para Labov (2008 [1972], p. 63), “os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados coletados”, por isso, o autor nos oferece algumas formas para lidarmos

com tais impasses. A principal delas consiste em tentar gerar situações, durante a entrevista, que envolvam narrativas pessoais. Através delas, o entrevistador/pesquisador tenta fazer com que o informante sinta-se mais ‘à vontade’ e conseqüentemente mais emotivo. Para isso, recorre aos sentimentos do falante, instigando-o a narrar situações em que ele se viu próximo à morte, por exemplo. Segundo Labov (2008 [1972], p. 245), “as narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo”.

A metodologia da pesquisa variacionista apresenta etapas importantes a serem seguidas, pois, de acordo com Labov, o pesquisador deve ainda observar se algumas propriedades básicas de um fenômeno variável são devidamente mantidas no objeto de sua análise. Primeiro, o fenômeno deve manter certa frequência de ocorrência. Segundo, deve ser estruturado e estar devidamente inserido no sistema. Terceiro, ele deve ser bastante estratificado, isto é, obedecer a uma distribuição assimétrica “num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos da sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p. 26).

O estudo sistemático desses fatores possibilitará avaliar que forças condicionam a escolha de uma ou outra variante em uso. É o caso dessa pesquisa, que trata do emprego do ODA (objeto direto anafórico) de 3ª pessoa, buscando respostas para as forças dentro e fora da língua que condicionam o emprego das diferentes variantes no contexto atual.

A mudança linguística pode ocorrer em tempo real ou aparente. De acordo com Labov (1994), no primeiro caso, numa sucessão de sincronias, o pesquisador compara dados de outras épocas, para entender melhor o valor e a direção da variável na comunidade; já no segundo, na sincronia, o pesquisador faz um recorte transversal da amostra de fala de uma mesma comunidade num determinado momento da língua em função da faixa etária dos informantes, como é o caso desse estudo.

Para Labov (1994), a dificuldade da observação em tempo aparente consiste em saber discernir se a relação entre as variáveis linguísticas e a idade representa de fato uma mudança em progresso ou uma gradação etária, ou seja: “se os indivíduos modificam seus hábitos linguísticos ao longo de suas vidas, mas a comunidade como um todo não muda, caracteriza-se então um padrão próprio de uma faixa etária” (LABOV, 1994, p. 84).

Ao se concluir por uma mudança linguística, faz-se necessária muita atenção por parte do sociolinguista/pesquisador às outras variáveis, como classe social e grau de escolaridade, que podem interferir no processo. Por exemplo, Labov (1994) constatou que os falantes mais jovens podem apresentar um nível de escolaridade e de profissão mais alto do que os mais idosos. Nesse sentido, a distinção de comportamento linguístico entre jovens e

idosos pode ser muito mais um reflexo da diferença de escolaridade e de profissão dos falantes do que uma diferença etária.

Ressalta-se, entretanto, que a caracterização de um processo de variação estável ou de mudança em curso não depende dos resultados isolados de cada variável social, mas está relacionada, principalmente, à interpretação coerente que o sociolinguista/pesquisador faz do processo como um todo, baseando-se nas evidências empíricas obtidas pelos resultados de cada variável.

Nesse estudo, decidiu-se trabalhar com o tempo aparente por se constituir num método de investigação simples e eficaz. Além disso, contar-se-á com o auxílio dos resultados das outras variáveis sociais para confirmar a tendência revelada pelos resultados da variável faixa etária, pois, para Labov (1994), as forças que atuam no presente para produzir uma mudança linguística são as mesmas que, no passado, devem ter produzido outras mudanças. Dessa forma, ele percebeu que as mudanças ocorridas em distantes épocas podem ser compreendidas por meio das que estão ocorrendo na atualidade, já que o mecanismo não muda.

Com base em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), algumas considerações devem ser feitas para o estudo das mudanças linguísticas. É preciso ter claro que a mudança linguística não deve ser considerada como uma deriva aleatória, mas sim como a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala, que irá assumir o caráter de uma diferenciação ordenada. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através das regras que governam a variação na comunidade de fala.

Os fatores linguísticos e extralinguísticos estão totalmente inter-relacionados no âmbito de uma mudança linguística. Explicações com base apenas em um ou outro aspecto, não importam se são bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. No contexto da Sociolinguística, a mudança linguística pressupõe variação, mas nem toda variação implica necessariamente mudança, pois duas formas podem ocorrer ao mesmo tempo, sem que uma substitua a outra. E ainda assim, para que ocorra o desaparecimento de uma variante, é necessário que tenha existido um período de convivência. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]).

2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), baseando-se no *continuum* heterogêneo da língua, propõem um modelo empírico de análise, o qual orienta os caminhos da variação e da mudança nas línguas naturais, fazendo entender, descrever e explicar, de forma sistemática, os diversos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem uma ou outra variante linguística, apontando, assim, uma nova perspectiva de análise da linguagem.

Esse modelo de análise de variações linguísticas, proposto por WLH (2006 [1968]), denominado Sociolinguística Variacionista, nos diz que toda mudança é precedida de um período de variação, em que há uma “competição” entre, pelo menos, duas variantes para a realização de uma variável.

Um dos pontos chave para sua observação é, como vimos anteriormente, a existência de formas variantes coexistentes. Em outras palavras, é preciso que haja, em um dado momento e por um longo período de tempo, uma competição entre duas ou mais formas até que uma deixe de ser usada em função de outra. Em linhas gerais, essas formas podem coexistir durante muito tempo sem que uma se sobreponha a outra, o que para Labov (2008 [1972]) caracterizaria uma variação estável.

Até que um processo de mudança possa ser apontado como concluído, Labov (2008 [1972], p. 125) identifica, pelo menos, três diferentes estágios no quadro de variação:

- (i) no primeiro, temos o que o autor chama de a origem da mudança: nesse estágio o fenômeno de variação está restrito ou marca um pequeno grupo;
- (ii) no segundo, temos a propagação da mudança: aqui um número mais amplo de falantes adota uma das variantes e o contrastante entre elas passa a ser mais evidente;
- (iii) já no terceiro, o processo de mudança atinge a sua completa realização: nele, como o próprio nome sugere, é estabelecida a total regularidade na eleição e eliminação de uma das formas variantes em competição.

Contudo, vale lembrar que nem todo fenômeno de variação observável em uma comunidade de fala resulta em mudança, mas toda mudança é precedida por um fenômeno variável. Nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125): “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.”.

Embora seja impossível para um variacionista indicar contextos exatos em que determinadas variantes aparecem, ou se um fenômeno de variação resultará em mudança, é-lhe perfeitamente plausível falar em termos de tendências. Dessa forma, o levantamento de hipóteses em uma pesquisa desta natureza é mais do que um princípio metodológico, é uma verdadeira exigência. Em se tratando de mudança linguística, tais hipóteses, não raro, são levantadas principalmente em função dos fatores ou variáveis sociais, como, por exemplo, a variável *sexo*.

A variável *sexo*, dentro de uma observação de possível mudança, é amparada no sentido de que, quando um indivíduo do *sexo* feminino passa a usar mais uma forma inovadora do que os homens, principalmente se esta possuir um *status* social mais elevado, pode ser um sinal positivo de mudança em curso.

Neste sentido, percebe-se que as mulheres tendem a ser mais inovadoras. Em contrapartida, por aparentarem possuir uma consciência mais elevada do *status* social das formas linguísticas (PAIVA, 2003), tendem a ser mais conservadoras quando a forma inovadora não é avaliada de forma positiva pela sociedade.

Tais afirmações refletem tentativas de simplificar questões extremamente complexas que permeiam a consideração da variável *sexo* na perspectiva variacionista, pois diferentes posturas podem ser assumidas. Labov (1994), por exemplo, argumenta que a tentativa por parte das mulheres de preservar o uso das formas mais prestigiadas em seus comportamentos linguísticos relaciona-se diretamente com o fato de elas procurarem contrapor-se às condições de inferioridade nas quais são historicamente colocadas.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), uma teoria que tenha por função a observação do comportamento de qualquer mudança linguística deve buscar responder a cinco problemas centrais relacionados à explicação dessas mudanças: *os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação da mudança*, os quais serão abordados a seguir.

2.1.1 Princípios empíricos para a mudança linguística

WLH (2006 [1968], p. 121/126) discutem cinco problemas que deverão ser resolvidos para a realização de uma pesquisa que se proponha dentro de uma teoria de mudança linguística:

O primeiro: *problema dos condicionamentos* - refere-se ao conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança numa determinada direção, uma vez que o

processo de mudança, raramente, altera o sistema inteiro, pois, em geral, a mudança é um movimento de um conjunto limitado de variáveis que, gradualmente, sofre alterações. É necessário ao pesquisador procurar abarcar todos os condicionantes possíveis para as mudanças no sistema (WLH, 2006 [1968], p. 121).

Para o nosso objeto de estudo (ODA de 3ª pessoa), devem ser registrados tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos que possam favorecer ou desfavorecer as variantes em processo de variação e mudança. Embora alguns fatores já tenham sido atestados como relevantes para o fenômeno em trabalhos anteriores, faz-se necessária a confirmação de sua influência para a comunidade alvo desta pesquisa. Outros fatores, em nosso caso os estilísticos, ainda que não sejam comumente pesquisados, devem ser considerados com o intuito de se verificar se exercem ou não influência sobre o fenômeno.

O segundo: *o problema da transição* - consiste em investigar como uma determinada forma muda de um estágio a outro. Segundo WLH (2006 [1968], p. 122), a mudança se dá: à medida que um falante aprende uma forma alternativa; durante algum tempo, os falantes convivem com a forma inovadora e com a anterior a ela e; apenas uma das formas é usada pelos falantes. Dessa maneira, a mudança é estudada como fazendo parte de um *continuum*.

No caso de nosso estudo, a maior frequência de uso das variantes representativas do ODA de 3ª pessoa: *clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia* acarreta como consequência uma variante se sobrepõe a outra variante, encerrando o processo de variação. Ressalta-se, entretanto, que não é somente a prescrição que irá determinar a implementação de uma variante, mas também a avaliação, por parte da sociedade, dos valores sociais dessa variante.

O terceiro, *o problema do encaixamento* – visa responder como uma mudança se encaixa na estrutura social e na estrutura linguística da comunidade e quais os reflexos desta mudança no sistema linguístico, pois, como a língua é um sistema, toda variação e/ou mudança não ocorre isoladamente, de modo que uma mudança pode desencadear outra. Segundo WLH (2006 [1968], p. 122), a mudança linguística necessariamente deve ser concebida como encaixada no sistema linguístico e na matriz social.

No caso de nossa variável dependente, o ODA de 3ª pessoa na fala cearense, busca-se analisar quais os fatores linguísticos e sociais que condicionam uma possível substituição de uma variante por outra.

O encaixamento na matriz social pode ser verificado a partir do momento que a variação se estende para diferentes segmentos sociais, fazendo com que a mudança gradativamente seja instaurada. Normalmente, a variação se inicia nas gerações de falantes

mais jovens, as quais, gradativamente, vão sucedendo os mais idosos. Obviamente, deverá haver um conjunto de fatores favoráveis à variante inovadora para que ela se implemente na comunidade, principalmente a não recusa dessa variante por parte de determinados estratos sociais da comunidade, como os mais escolarizados.

Dentre as variantes em estudo, o SN anafórico e o objeto nulo ou categoria vazia talvez sejam os que mais apresentem sinais de encaixamento na matriz social, visto terem se mostrado nessa e em outras comunidades de fala como variantes presentes em todos os segmentos sociais, o que significa um indício de processo de mudança.

O quarto, *o problema da avaliação* - está relacionado à consciência linguística dos falantes, ou seja, à forma como os membros de uma comunidade de fala julgam a mudança e qual a consequência dessa avaliação sobre a mudança. A imposição do processo contínuo de mudança vai depender diretamente dos correlatos subjetivos e das avaliações dos falantes. A mudança, provavelmente, irá gerar efeitos sobre a estrutura e o uso da língua. Estratos sociais diferentes reagem de forma diferente às mudanças ocorridas no sistema (WLH, 2006 [1968], p. 124).

Ressalta-se que, embora na composição do *corpus* não tenha sido feito controle para a medição da avaliação social do falante em relação a sua fala e a fala dos demais membros da comunidade, recorreremos às características sociais normalmente associadas às formas de prestígio e, do mesmo modo, às características mais associadas às formas desprestigiadas na comunidade, conforme aponta a literatura sociolinguística, como forma de apreendermos o *status* social das formas variantes.

Dessa forma, é possível atentar para o fato de que as variantes linguísticas podem adquirir prestígio social ou serem estigmatizadas. A variante inovadora, geralmente, é a que sofre estigma, por ser a não padrão. Por outro lado, a variante conservadora é aquela prestigiada socialmente e a que figura no padrão normativo. Entretanto, estas afirmações podem não ser completamente verdadeiras, se atentarmos, por exemplo, para o uso do clítico no PB atual, visto que, a depender da situação de fala, uma construção como: “Onde está o jornal?” “Pu-lo sobre a mesa”, embora seja conservadora e prescrita nas gramáticas tradicionais, não parece ser de prestígio na comunidade.

O quinto, *o problema da implementação e da mudança* – envolve os fatores sociolinguísticos responsáveis pela implementação da mudança e por explicar por que uma dada mudança ocorre em uma língua em uma dada época e não em outra.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124), o processo de mudança envolve estímulos e restrições tanto da estrutura social quanto da estrutura da língua.

Com base em estudos empíricos, Labov (2008 [1972]) constata que o padrão da mudança em progresso, encontrado nos centros urbanos, revela que a camada social mais inovadora é a intermediária, contrariando as correntes anteriores, as quais defendiam que as mudanças eram provenientes das camadas sociais mais altas ou das camadas sociais mais baixas. Portanto, a caracterização de um processo de variação estável ou de mudança em curso não depende dos resultados isolados de cada variável social, mas está relacionada, principalmente, à interpretação coerente que o sociolinguista faz do processo como um todo, baseando-se nas evidências empíricas obtidas pelos resultados de cada variável.

Após apropriação da teoria que subsidia este trabalho, passamos a tratar, na sequência, da colocação pronominal e do fenômeno específico de realização do objeto direto anafórico (ODA) no português brasileiro.

3 OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A proposta deste capítulo é proporcionar uma maior visão da variação/mudança na colocação dos pronomes no português do Brasil (doravante PB); focar nas diferentes gramáticas em relação ao pronome *ele* e suas formas correlatas e, encerrando, apresentar os estudos variacionistas relevantes sobre o objeto direto anafórico (doravante ODA) de 3ª pessoa no PB.

3.1 VARIAÇÃO/MUDANÇA NA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES

A variação no uso dos pronomes no PB é um fenômeno que vêm sendo bastante estudado, conforme aponta Coelho *et al.* (2015, p. 153): “de todas as mudanças porque passa o português ao longo dos séculos, talvez a pronominal tenha sido a mais significativa”. Os autores retratam a forma pronominal antiga e evidenciam a usada no português atual, destacando a entrada das formas pronominais ‘*você*’, ‘*vocês*’ e ‘*a gente*’ na língua portuguesa.

Para Faraco (1996, p. 52): “mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais”. As mudanças no contexto pronominal influenciam também o contexto da concordância verbal, que passa de seis formas distintas básicas para quatro, três ou apenas duas, como exemplifica Coelho *et al.* (2015, p. 156/157): “*Eu ando, Tu anda, Ele anda, Nós andamos, Vocês andam, Eles andam*”. Essas inovações provocam mudanças em cadeia que afetam também outros subsistemas pronominais, como a substituição do pronome possessivo *seu* por *dele*, para evitar ambiguidade gerada pela possibilidade de o locutor poder estar se referindo ao seu interlocutor ou não. Configura-se, desse modo, como já apontado, o que Labov (2008 [1972]) chama de *encaixamento estrutural*.

Na visão de Perini (2010, p. 115), os pronomes pessoais “têm um comportamento gramatical peculiar, e precisam ser estudados separadamente”. O pronome *ele*, por exemplo, toma forma de pronome objeto. Assim, podemos dizer: Maria convidou-*o* para o jantar ou Maria convidou *ele* para o jantar. Entretanto, embora esse pronome tenha suas marcas correspondentes de função, como expressa Omena (1978, p. 05), quadro 1, elas são utilizadas de diversas maneiras no PB, a depender do falante em situação de uso, sendo pouco usadas em suas formas originais.

Quadro 1 - O pronome *ele* e suas marcas correspondentes de função

Pronomes	Marca correspondente de função
ele (s), ela (s)	Nominativo/Sujeito
lhe (s)	Dativo/Objeto Indireto
o (s), a (s)	Acusativo
se (reflexivo)	Acusativo

Fonte: Omena (1978, p. 5).

Essas marcas correspondentes de função, descritas por Omena (op. cit.), diferem do uso que delas se faz. Assim, o uso do pronome-sujeito pelo pronome-objeto, como acontece em: “Encontrei *ele* na sala dos professores”, em vez de: “Encontrei-*o* na sala dos professores”, evidencia que o uso dos pronomes complementos clíticos de 3ª pessoa (*o, a, os, as*) vem sendo diferenciado em relação ao que postulam as gramáticas tradicionais. Esses pronomes vêm sendo substituídos por um SN anafórico, pelo objeto nulo ou categoria vazia ou ainda por um pronome lexical. Desse modo, em resposta à pergunta: Você viu José? Poder-se-ia responder: - Vi *José* na praça ontem. (SN anafórico); - Vi \emptyset na praça ontem. (objeto nulo ou categoria vazia) ou - Vi *ele* na praça ontem.

Assim, o ODA de 3ª pessoa, fenômeno em variação no PB, recebe um tratamento distinto no contexto das gramáticas prescritivas e descritivas. Estas descrevem a existência de possibilidades de escolha; enquanto aquelas estabelecem regras que defendem uma única possibilidade de uso. Na seção a seguir, foca-se nas diferentes gramáticas do PB, para abordar o uso do pronome *ele* e suas formas correlatas.

3.1.1 Abordagem das gramáticas prescritivas e descritivas

Neste tópico, aborda-se o que apontam algumas gramáticas prescritivas e descritivas sobre o emprego do pronome *ele* no contexto linguístico de ODA.

Seguindo a tradição gramatical, os gramáticos prescritivistas: Sacconi (1994), Cegalla (2005), Cunha e Cintra (2007), Bechara (2001, 2006), Campedelli e Souza (2000), Cereja e Cochar (2009), Luft (2002) e Tufano (1990) conceituam gramática como “conjunto de regras”, expressão que pode ser entendida como um conjunto de regras que devem ser seguidas (gramáticas normativas); conjunto de regras que são seguidas (gramáticas descritivas) e conjunto de regras que o falante da língua domina (gramáticas internalizadas).

De acordo com Possenti (1996, p. 64), as prescrições das gramáticas normativas destinam-se a fazer com que os leitores aprendam a “falar e escrever corretamente”. Para o autor, gramáticas desse tipo são conhecidas como normativas ou prescritivas. Elas não incorporam os avanços dos estudos linguísticos, não sanam a incoerência dos conceitos utilizados na descrição da língua e não atualizam os dados relativos ao uso normal da escrita.

Para os gramáticos descritivistas: Perini (2010), Neves (2011) e Castilho (2012), a preocupação é descrever e/ou explicar as línguas, tais como elas são faladas, tornando-as conhecidas. Nesse tipo de trabalho, a gramática descritiva considera o contexto social e cultural para analisar as construções gramaticais, tendo como válida na escrita uma linguagem funcional.

Ressalta-se que a gramática internalizada refere-se aos conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua, cuja aquisição, conforme Duarte e Serra (2015, p. 33), “se dá de forma natural”. Essa linguagem espontânea, própria, autêntica, faz parte do conhecimento linguístico do ser humano. Como expressa Neves (2004, p. 80):

Cada indivíduo de uma comunidade linguística tem natural conhecimento de sua língua materna, e põe em uso esse conhecimento nas mais diversas situações, numa simples ligação entre esquemas cognitivos e linguagem, isto é, em decorrência, simplesmente, de a linguagem ser uma das manifestações do funcionamento da mente.

O que Neves (2004) expressa é o saber de uma língua: a que se fala. É dispor de um conjunto articulado de hipóteses sobre as regras que a língua segue em contexto formal ou informal. No contexto formal, por exemplo, em relação às colocações pronominais, Tufano (1990, p. 78/79) destaca que “os pronomes pessoais são retos quando desempenham a função de sujeito, e oblíquos quando desempenham a função de complemento”. Como exemplo: “*Ele* ainda não *me* devolveu o livro.” (*ele*– pronome reto e *me* pronome oblíquo).

Tufano (1990) também registra, nas observações consideradas importantes, que os pronomes acompanhados das palavras *só* ou *todos* assumem a forma do caso reto, como mostram os exemplos: “Eu vi *só ele* ontem à noite” e “O diretor recebeu *todos eles*.” Dessa forma, este autor apresenta regras, normas que se destinam ao “correto” uso gramatical.

A mesma ideia é partilhada por Sacconi (1994, p. 118) que expressa que “Toda palavra que substitui ou acompanha um substantivo, indicando a pessoa gramatical, é um pronome”. E exemplifica: “*Ela* veio, mas não *a* vi”. O mesmo autor afirma que o pronome

Ela e *a* são pronomes porque substituem um substantivo qualquer, indicando a terceira pessoa gramatical, como mostram os exemplos ((i), (ii) e (iii)).

- (i) *eu, nós* (a primeira pessoa do discurso, ou seja, o falante);
- (ii) *tu, vós* (a segunda pessoa do discurso, ou seja, o ouvinte);
- (iii) *ele, ela, eles, elas* (a terceira pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala).

Dessa forma, Sacconi (1994, p. 119) destaca que os pronomes pessoais substituem as três pessoas gramaticais, também chamadas pessoas do discurso, e apresenta (Quadro 2) os pronomes pessoais do caso reto e oblíquos:

Quadro 2 - Pronomes *pessoais* do caso reto e oblíquos

Pronomes retos	Pronomes oblíquos
Eu	<i>me, mim, comigo</i>
Tu	<i>te, ti, contigo</i>
Ele (ou ela)	<i>o, a, lhe, se, si, consigo</i>
Nós	<i>nos, conosco</i>
Vós	<i>vos, convosco</i>
Eles (ou elas)	<i>os, as, lhes, se, si, consigo</i>

Fonte: Sacconi (1994, p. 120).

De forma semelhante, Campedelli e Souza (2000) afirmam que os pronomes pessoais retos funcionam como sujeitos de frases e os oblíquos como complementos verbais, adjuntos adverbiais, adjuntos adnominais e complementos nominais. E exemplificam: “Eu sou como eu sou: pronome pessoal intransferível.” (Torquato Neto); “Não se esqueça de mim, não se afaste de mim, não desapareça.” (Caetano Veloso).

Para Rocha Lima (1998, p. 243): “Objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal. Identifica-se facilmente: a) porque pode ser o sujeito da voz passiva; b) porque corresponde, na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas: *o, a, os, as*”.

Há, no entanto, conforme Rocha Lima (op. cit., p. 319), construções em que os pronomes oblíquos (*o, os, a, as, me, te, se, nos, vos*) podem desempenhar função de sujeito de verbos no infinitivo. Sendo assim, numa construção como: Pedro está aí fora, mande-o entrar, o pronome *o* funciona como objeto do verbo *mandar* e sujeito de *entrar*. No entanto, Rocha Lima, ao falar dos pronomes retos como objeto direto, afirma que o uso dessas formas ocorria na língua arcaica e que, com a evolução da língua, foi sendo resquícios da evolução.

No que se refere à divisão dos pronomes pessoais em retos e oblíquos, a mesma visão é encontrada em Cegalla (2005, p. 170/171), quando ele apresenta a frase “Mauro havia deitado tarde”. “Ele ainda dormia quando a mãe o chamou”, explicitando que “As palavras *ele* e *o* substituem o nome Mauro, em terceira pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, *ele* e *o* são pronomes pessoais”, e reitera que “Os pronomes retos funcionam, em regra, como sujeito, e os oblíquos como objetos ou complementos”.

Campedelli e Souza (2000, p. 156) também alertam: “Os pronomes pessoais retos não devem aparecer depois de uma preposição. Neste caso, é obrigatório o uso dos pronomes oblíquos”. Exemplo: “Entre mim e ti há uma distância enorme”. Esses autores apresentam a mesma concepção normativa de Tufano (1990) e Sacconi (1994), considerando a língua como algo pronto e acabado.

Bechara (2001, p. 173) enfatiza que, “a rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento”. Exemplo: “Eu saio”, “Eu não sou ele”, “Eu o vi” e “Não lhe respondemos”. E destaca: “Casos há em que essa norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua”. Exemplo: “Depois de muita delonga, o diretor escolheu eu, o Henrique e o Paulinho”. Desse modo, o autor busca uma aproximação da estrutura e funcionamento da língua de acordo com determinada variedade linguística.

Luft (2002, p. 154) apresenta a mesma concepção normativa de Tufano (1990), Sacconi (1994) e Campedelli e Souza (2000, p. 155): “os pronomes retos servem de sujeito ou de predicativo deste.”.

Segundo Almeida (1997, p. 425), “o nome objeto direto provém do fato de o objeto prender-se diretamente ao verbo”. Embora, em algumas construções, ele venha preposicionado. Isso ocorre, segundo Cegalla (2005, p. 319), “pela clareza da frase, a harmonia da frase e a ênfase ou a força de expressão”; ocorre, ainda, quando for constituído das formas pronominais: *mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles e elas*.

Nesse sentido, Almeida (1997, p. 426) destaca: “Não devemos pensar que é errado dizer ‘leveí a ele’. O que é errado é dizer ‘leveí ele.’”. A esse respeito, Sacconi (1994, p. 121/122) apresenta a dúvida: “Posso usar ‘não vi ela’, ou ‘beijei ela?’”. E o autor responde:

Nem com o maior carinho faça isso, se estiver escrevendo. Quando estiver falando, em casa, com amigos, parentes, ou até com ela, não faz muito mal. O cuidado maior, nesse caso, é com a língua escrita, que não deve conter frases assim, por exemplo: “Não vi ela.” Escreva sempre: “Não a vi.” (SACCONI, 1994, p. 121/122, aspas do autor).

O que se percebe, na resposta de Sacconi, é uma significância exclusiva e valorativa às normas gramaticais, o que deixa claro quando escreve: “Nem com o maior carinho faça isso...”, “escreva sempre...”.

Ainda a esse respeito, Cunha e Cintra (2007, p. 302/303), no tópico onde apresentam “equivocos e incorreções”, destacam:

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome ele (s), ela (s) como objeto direto em frases do tipo: “Vi ele.” “Encontrei ela.” Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XVI, deve ser hoje evitada. (aspas dos autores).

E continuam: “Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto”:

- (i) quando antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o, a, os, as*): “Não sei se elas me compreendem nem se eu as compreendo a elas.” (F. Pessoa, OP.160) “Temia-a, a ela, a mulher que a guiava.” (Guimarães Rosa, PE, 126);
- (ii) quando precedido das palavras *tudo* ou *só*: “Ricas prendas! Todas elas *Me deu ele*: sim, donzelas... Que não vo-lo negarei!” (J. de Deus, CF. 65) “Conheço bem todos eles.” (H. Sales, DBFM, 150). (CUNHA E CINTRA, 2007, p. 302/303, aspas dos autores).

Com essas afirmações, Cunha e Cintra (2007) apresentam uma dedicação total à norma padrão, baseando-se na língua escrita como única forma correta de comunicação entre os seres humanos, negando, assim, a existência de outra forma de expressão, quando escrevem: “Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, *perfeitamente legítimas...*”. Logo, para esses autores, as razões para a escolha de uma variante não residem na estrutura da língua, mas na avaliação subjetiva, o que leva o falante culto a evitar o uso do pronome lexical em situação formal. Contudo, esse procedimento não o induz ao uso do clítico, que não é utilizado de forma espontânea. Ressalta-se, entretanto, que o objeto nulo e o SN anafórico são totalmente ignorados pela abordagem das gramáticas tradicionais.

Cereja e Cochar (2009) trabalham com a mesma ideia normativa dos gramáticos prescritivistas acima citados, entretanto, em relação ao pronome pessoal do caso reto (*ele*), não tecem comentários.

As colocações dos gramáticos prescritivistas, Almeida (1997), Sacconi (1994), Cunha e Cintra (2007), entre outros, têm como base somente as regras tradicionais,

considerando a existência de apenas uma norma linguística - a padrão, desconsiderando o uso real da língua, pautado na pluralidade de normas, dentre as quais, a padrão.

Essa ideia, entretanto, não é partilhada pelos gramáticos descritivistas, como por exemplo, Neves (2004), Perini (2010) e Castilho (2012), que, no que se refere à colocação pronominal, apresentam posições como a de Perini (2010, p. 116): “Os pronomes que não têm formas oblíquas (*ele/ela, vocês, eles/elas*) são usados em todas as funções, sem mudança de forma.”. Exemplos: “Eu encontrei *ela* no cinema” e “Vou convidar *vocês* para o meu aniversário”. E acrescenta (op. cit. p. 120): “Alguns pronomes só têm uma forma, que vale para todas as funções. É o caso de *ele, ela* e seus plurais, que não variam formalmente quando em funções diferentes”. Exemplos: “Eu *chamei ele* para ajudar na cozinha”, “*Ela* passou no exame da Ordem dos Advogados” e “De repente eu vi *eles* chegando de táxi”.

Dessa forma, Perini (2010) descreve a língua em uso, reconhecendo construções, como: “Eu *encontrei ela* no cinema”, por fazerem parte da realidade da língua, da variedade popular ou culta, oral ou escrita de uma comunidade de fala. Conforme afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 25): “Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora (...)”.

Nesse contexto temático, Castilho (2012, p. 479/480) destaca as variações/mudanças:

(...) o português Brasileiro popular deu de produzir novas alterações nessas formas, se é que elas já não tinham embarcado em Lisboa, isso ainda não se sabe: (i) a forma singular do pronome *ele* mudou para *ei* e o plural *eles* mudou para *eis*; (ii) *ele* preservou o nominativo e ganhou o caso acusativo, funcionando como objeto direto; (iii) o acusativo *o* tem os alomorfes *lo* e *no*, e está desaparecendo, talvez por conta dessa riqueza toda, sendo substituído pela forma única *ele* acusativo; (iv) *lhe* mudou para *li* e ganhou o caso acusativo (...) (grifos do autor).

As colocações de Castilho apresentam o dinamismo da língua, que impulsiona as variações/mudanças no sistema linguístico, no contexto gramatical e, conseqüentemente, lexical, semântico e discursivo, no intuito de descrever as potencialidades que a língua apresenta, fundamentadas em seu uso comum, pois, conforme Possenti (1996, p. 82):

O mais importante é que o aluno possa vir a dominar efetivamente o maior número possível de regras, isto é, que se torne capaz de expressar-se nas mais diversas circunstâncias, segundo as exigências e convenções dessas circunstâncias.

Nesse sentido, o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que o aluno aprenda também as variedades que não conhece, ou com as quais não tem familiaridade.

3.2 ALGUNS ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, abordam-se alguns estudos sobre o emprego do ODA de 3ª pessoa no PB, embora não se tenha a ilusão de, com isso, apresentar a totalidade dos trabalhos já realizados sobre esse tema. Dá-se maior atenção, dentre esses estudos, aos resultados de Omena (1978) e Duarte (1986), por serem os primeiros de cunho variacionista a considerar o pronome lexical objeto. O propósito é examinar, em cada um, as motivações estruturais e sociais que favorecem a aplicação das variantes: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia, as formas de realização do ODA de 3ª pessoa.

Omena (1978), a pioneira no estudo, relata a experiência inicial baseada em 04h30min de gravação da fala de um universitário de 19 anos, natural de Uberlândia (MG), observando os fatores favoráveis ao apagamento do objeto, como mostra a tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Fatores favoráveis ao *apagamento do objeto*

Fatores favoráveis	%
Ser inanimado	94,6
Referência a um antecedente que, na oração, exerce a função de complemento	90,9
Menor complexidade sintática, ou seja, o item apagado exerce apenas uma função dentro da oração	83,0
Posição medial do item na oração	86,4
Distância menor entre o antecedente e o objeto, ou seja, de 0 a 5 constituintes	82,8

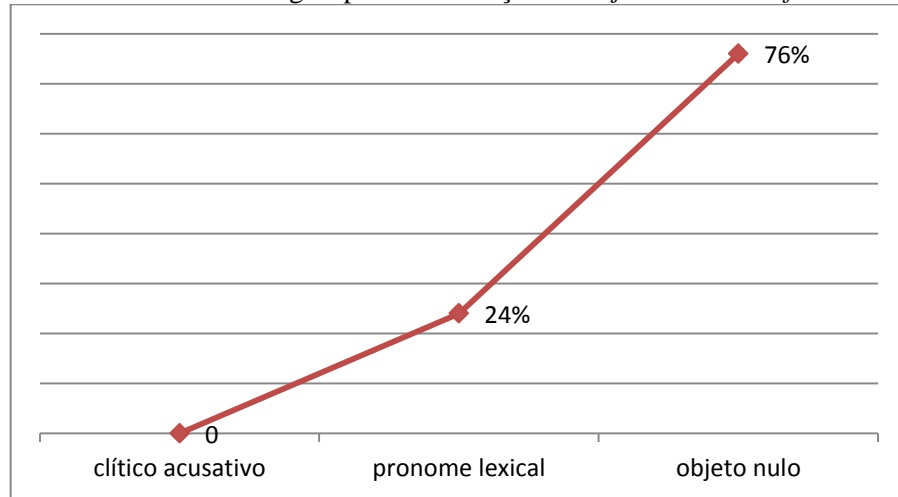
Fonte: Omena (1978, p. 45).

É a partir desses resultados e do fato de a pesquisa ter apresentado somente três ocorrências do clítico, que Omena (1978, p. 45) passa a investigar se o uso desta variável “estaria socialmente condicionado, ou seja, se seria um fato linguístico mais circunscrito ao registro escrito, cuja influência, aliada à da educação formal, ministrada pela escola, se refletiria na fala de pessoas escolarizadas”. Para isso, realiza 24 horas de gravação da fala de quatro informantes não escolarizados: dois homens (25 e 42 anos) e duas mulheres (26 e 42 anos), alunos do MOBREAL³, residentes no Rio de Janeiro e pertencentes à mesma classe

³ Movimento Brasileiro de Alfabetização, um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967, que propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos.

social, destacando três formas variantes do pronome pessoal de 3ª pessoa: o clítico acusativo, o pronome lexical e o objeto nulo, como vemos no gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 - Estratégias para a realização do *objeto direto anafórico*



Fonte: Omena (1978, p. 29).

Como se pode observar, das três variantes consideradas pela pesquisadora: clítico acusativo, pronome lexical e objeto nulo, não houve ocorrência da primeira na fala dos informantes. A variante só apareceu na fala de um universitário de seu estudo piloto e, ainda assim, com apenas três ocorrências. Destaca-se também, no uso de duas variantes para o fenômeno por ela analisado, a preferência pelo objeto nulo, seguido do pronome lexical. (OMENA, 1978, p. 29).

Os resultados para o apagamento do pronome-objeto, conforme Omena (1978), podem ser observados na tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Condicionantes *Linguísticas*

Condicionantes	%
Traço semântico inanimado	95,1
O antecedente exerce a função de complemento	86,5
O item apagado exerce apenas uma função dentro da oração	78,6
O antecedente não aparece reforçado	84,3
Presença de mais de um candidato ao papel de antecedente	82,5

Fonte: Omena (1978, p. 88).

Esses resultados confirmam dois dos fatores encontrados na experiência preliminar de Omena (1978): *a posição do objeto na oração e a distância entre o objeto e o antecedente*. Dessa forma, o apagamento do objeto se condiciona particularmente ao traço semântico e à função exercida pelo antecedente.

Omena (1978, p.70) apresenta também alguns dos fatores condicionantes para o uso mais frequente de uma variante em detrimento da outra: objeto nulo e pronome lexical, como se observa no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Fatores *condicionantes* para a maior ocorrência da variante objeto nulo

Objeto Nulo	
Fator	%
Animacidade do antecedente	95%
Antecedente exercendo a mesma função sintática do objeto	86,5 %
Estruturas SVO	78,6%

Fonte: Omena (1978, p. 70).

O quadro apresenta grande incidência de apagamento do objeto, condicionado por fatores linguísticos como o traço semântico inanimado do antecedente [-animado], a função de complemento desse antecedente, exercendo a mesma função sintática do objeto direto, e o fato de o objeto apagado não acumular função dentro da oração em estruturas SVO – Sujeito/Verbo/Objeto.

Para a pesquisadora, estruturas em que o elemento que recebe caso acusativo é sujeito de uma infinitiva, completiva de verbo causativo ou perceptivo, ou ainda de uma minioração, favorecem o uso de pronome lexical. Os estudiosos da língua (gramáticos, dialetólogos e historiadores portugueses e brasileiros) reconheciam esse pronome como um *brasileirismo sintático*.⁴ Mas a investigação de textos medievais levou-a a concluir que ele já pertencia ao sistema do português desde seus primórdios (uma reminiscência arcaica), não sendo seu emprego uma novidade em uso no PB.

Omena (1978), ainda nessa revisão, em relação ao apagamento do pronome objeto, (objeto nulo ou categoria vazia) pouco encontrou, revelando também posições que variam desde os que o tratam como sinal de desleixo na expressão, quanto os que o consideram resultante de simplificação, comum a todas as línguas, parecendo não se ter dado conta de quão frequente e sistemático é esse fenômeno no PB.

Omena (1978, p. 120) observou também que: “o fenômeno da troca do pronome objeto pelo sujeito não é uma ocorrência restrita às formas de terceira pessoa”. A autora encontrou, na fala de seus informantes, o uso da “forma acusativa *me*, de primeira pessoa, a

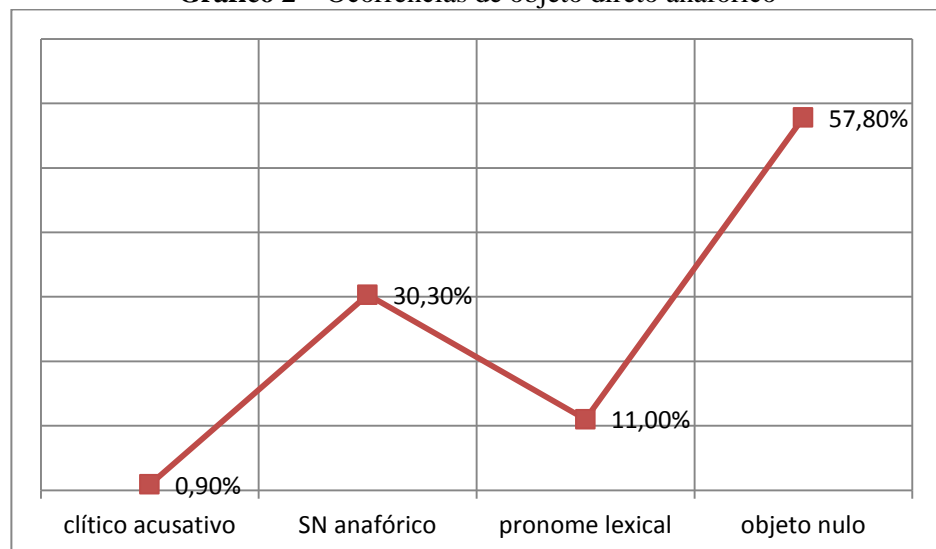
⁴ Entendendo como um fato linguístico peculiar à variedade brasileira da Língua Portuguesa. Certa independência fonética entre as formas portuguesas e brasileiras de pronúncia das mesmas palavras, ou seja, um fato dialetal espontâneo.

forma subjetiva *eu*, como objeto direto”, como exemplifica: “*puxaro eu pelo cabelo*”, “*me pegaro pelo cabelo*”, “ele não vai trocar eu por ela”, “E se um dia ele *me chutá?*”. E encontrou, ainda, na primeira pessoa do plural, “*tinha convidado ele prá leva nós*”. Quanto à segunda pessoa, não observou nenhuma ocorrência de troca, mas destacou que: “a forma mais usada no dialeto de nossos informantes seja o pronome de tratamento *você* e não *tu*. O plural *vós* nunca ocorre” (OMENA, 1978, p. 121).

Omena (1978) traz importantes contribuições ao estudo da língua: mostra o desaparecimento do clítico acusativo no PB e apresenta alguns dos fatores condicionantes para o uso mais frequente de uma variante em detrimento de outra, como, por exemplo, o traço [-*animado*] do antecedente e o antecedente exercendo a função de complemento, e destaca duas variantes concorrentes (objeto nulo e pronome lexical), sendo que a mais produtiva foi a do objeto nulo ou categoria vazia (76%) em oposição ao emprego do pronome lexical (24%). Entretanto, em seu trabalho, não foi observado o comportamento da variante SN anafórico, sendo devidamente contemplada nos estudos subsequentes, como veremos em Duarte (1986).

Pereira (1981), em sua pesquisa sobre a variação na colocação dos pronomes átonos no português do Brasil, dedica uma parte ao estudo do pronome acusativo de 3ª pessoa e, entre as ocorrências de ODA, obtidas através de gravações com seis informantes analfabetos do Rio de Janeiro, destaca o caso do apagamento do objeto direto (57,8%), como mostra o gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Ocorrências de objeto direto anafórico



Fonte: Pereira (1981, p. 206/207).

Na amostra, o clítico se realiza de forma muito rara e a variante que predomina é o objeto nulo, seguido do SN anafórico e do pronome lexical. Desse modo, a pesquisadora corrobora os condicionamentos linguísticos apontados por Omena (1978).

Em relação aos condicionamentos sociais, a pesquisadora observa que os informantes mais jovens e pertencentes ao sexo feminino utilizam mais os SNs do que o pronome lexical. E o objeto nulo, a variante que predomina na amostra, tende a aparecer mais na fala dos homens.

Tarallo (1983) realizou um exame paralelo das estratégias de pronominalização na língua portuguesa. Para isso, contou com um *corpus* obtido através da fala de 40 informantes pertencentes a três diferentes classes sociais, concluindo, como mostra o quadro 4, que os traços que favorecem o apagamento do objeto direto anafórico são [-humano], [plural] e [indefinido], independentemente da classe social.

Quadro 4 – Favorecimento ao *apagamento* do objeto direto anafórico

Objeto direto anafórico	
Traços	%
[-humano]	84,2%
[plural]	71,4%
[indefinido]	78,6%

Fonte: Tarallo (1983, p. 195).

Tarallo (1983) trata do *problema de encaixamento* da variável e do *problema de transição* (termos detalhados na fundamentação teórica), através de um levantamento diacrônico das estratégias de pronominalização em cartas e peças que cobrem quatro períodos, a começar de 1725, separados por intervalos de aproximadamente 50 anos. Em relação ao apagamento do ODA, os resultados de Tarallo (1983, p. 195) apontam uma significativa evolução através dos quatro períodos: 10,8% na primeira metade do séc. XVIII, 38% na segunda metade, 16,3% na primeira metade do séc. XIX e 39,8% na segunda metade.

Duarte (1986) trabalhou com 50 informantes, sendo cinco por célula, distribuídos, como consta na tabela, a seguir.

Tabela 3 – Distribuição dos *informantes* por idade e escolaridade

Idade	Escolaridade			Total
	1º grau	2º grau	3º grau	
Jovens (15-17 anos)	5	-	-	5
22 – 33 anos	5	5	5	15
34 – 45 anos	5	5	5	15
46 em diante	5	5	5	15
Total	20	15	15	50

Fonte: Duarte (1986, p. 11).

A autora parte do pressuposto de que o uso do clítico acusativo no PB é resultante do ensino formal ministrado na escola, do hábito de leitura e da prática da escrita. Desse modo, controlou as variáveis *escolaridade* e *faixa etária*, para investigar o fenômeno em questão. A fonte de dados para o estudo desenvolvido pela autora foi diversa: 50 entrevistas que constituíram cerca de 40 horas de gravação, a fala veiculada pela televisão por meio da gravação de 4 episódios de novelas e 4 horas de entrevistas.

Na seleção dos dados, Duarte (1986, p. 31) só computou as ocorrências de objeto direto co-referencial com um SN mencionado no discurso e que admitia a representação pelo clítico. A pesquisadora separou os seus informantes em três grupos: 1º grau (completo ou incompleto), 2º grau e 3º grau.

Outro fator considerado foi a *faixa etária*: de 22 a 33 anos, de 34 a 45 anos e acima de 45 anos. Formou ainda outro grupo constituído de cinco jovens entre 15 e 17 anos de idade, todos cursando a 8ª série do ensino fundamental, com o propósito de trazer para o *corpus* uma modalidade de fala usada por uma geração mais nova, que funcionaria como uma espécie de controle de suas variantes, no caso, o clítico acusativo (Ele veio do Rio só pra me ver. Então fui ao aeroporto buscá-lo), o pronome lexical (Esse carinha, ele morava umas duas, três quadras acima, sabe? E todo mundo *conhecia ele* lá.), o objeto nulo ou categoria vazia (O Arnaldo leu a peça e aprovou (___)), o SN anafórico (Eu vou me casar com o seu pai. Eu amo o *seu pai*.), o SNs com determinante modificado ((E o dinheiro?) Se pelo menos eu soubesse onde ele escondeu esse *dinheiro* (...)) e o pronome demonstrativo isso (No cinema a ação vai e volta. No teatro você não pode fazer isso.) (DUARTE, 1986, p. 31).

Os condicionamentos linguísticos relevantes para o estudo da variável em questão, em Duarte (1986), foram de natureza *morfológica, sintática e semântica*.

Para os fatores linguísticos, Duarte (1986, p. 22) observa que, no *condicionamento morfológico*, do total de clíticos no *corpus*, 39 (40,2%) precedem o verbo, particularmente os

verbos ‘ver’ e ‘conhecer’ (Eu o vi, eu o conheci); os demais, 58 (59,8%), são enclíticos. E afirma que, destes, apenas 3 se propõem a um *tempo simples* ou ao *gerúndio*; os 55 restantes seguem o *infinitivo*. Para a autora, há nítida preferência pela forma ‘- lo’ sobre aquela que se constrói com um único fonema.

Duarte (1986, p. 22) supõe que fatores de ordem fonológica estariam atuando no desaparecimento do clítico na língua falada, com a recusa ao encontro de vogais, como em ‘coloque-o’, ‘coloca-o’, que foge à ordem silábica canônica do português – CVCV. Ressalta também que é igualmente recusada a forma ‘- no’, que segue uma nasal e que manteria tal ordem. A autora não computou nenhuma ocorrência desse tipo. Ressalta, ainda, a ideia de que a manutenção da ordem CVCV não parece ser muito importante para o falante e o fato de que quase todos os infinitivos seguidos de pronome lexical na amostragem perderam o fonema (*r*), o que provocou encontro de vogais (*leva ele*).

Observar esses resultados levam a crer que o uso do clítico pré e pós-verbal limita-se a formas já estabelecidas no português, não havendo dúvida de que é a *forma verbal* o fator que sustenta suas esporádicas ocorrências.

Em relação ao uso do pronome lexical, Duarte (1986, p. 23) constata que, mesmo esta variante ocorrendo com todas as *formas verbais*, demonstra uma preferência pelos *tempos simples, o imperativo e as locuções com infinitivo e gerúndio*. (Ele foi levar um carro em Guarujá pra filha dele que estava noiva, e, na volta, um carro *mata ele*, sabe? (SP82 – 45 – 1177)). O verbo é transitivo direto e a frase se constrói com objeto direto. Por outro lado, a categoria vazia supera todas as outras variantes (clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e pronome demonstrativo). Exemplo: Eu me orgulho delas. Não é pelo dinheiro que elas ganham, que elas não vão me dar nada. E eu nem quero (\emptyset)! (SP85-42-1114). Nesse caso, o verbo é transitivo direto e a frase se constrói com objeto direto.

Duarte (1986, p. 24) observa que em *estrutura simples (SVO)*, se o objeto é um *SN anafórico*, o uso do objeto nulo ou categoria vazia (76,2%) supera amplamente seu preenchimento, quer pelo clítico, quer pelo pronome lexical; com o objetivo sentencial o apagamento é absolutamente categórico (98,4%), como no exemplo: Eu queria *ter uma irmã*. Eu acho (\emptyset) tão bom! (SP85-28-661). O verbo é transitivo direto e a frase se constrói com objeto direto e um predicativo.

No que se refere às *estruturas sintaticamente mais complexas*, Duarte (1986, p. 25) observa que o uso do pronome lexical atinge o índice de 35,6%, como no exemplo: Uma parou agora porque o marido dela está bem demais. Então o marido *proibiu ela* de trabalhar. (SP85-42-1121), ainda que a opção pela categoria vazia seja de 64,4%; ou seja, se o objeto é

uma sentença, o vazio lexical, mais uma vez, é superior aos usos das outras variantes (clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e pronome demonstrativo).

Duarte (1986, p. 24) destaca que o preenchimento do objeto supera o seu apagamento, em *estruturas com objeto sentencial preposicionado* e nas *estruturas com orações reduzidas de infinitivo e gerúndio*, explicando que, quando o objeto assume a função de sujeito agente, há uma tendência ao preenchimento do objeto, com preferência pelo pronome lexical pleno como nos exemplos: Ontem ele foi ao cardiologista. Eu já *deixei ele* ir ao cardiologista sozinho há muito tempo. (SP85-40-1043); Tanto é que ele tem dois filhos de idade dos meus filhos. Eu *vejo ele* tratar os filhos dele! (SP84-12-317); Quando nós estávamos assim saindo da loja, nós *vimos eles* quase parando o carro. (SP85-41-1060).

Para o *condicionamento semântico*, a autora salienta que este fator linguístico mostrou-se bastante relevante para sua análise e destacou que o uso do clítico e do pronome lexical é fortemente favorecido pelo traço [+animado], enquanto a categoria vazia e os SNs anafóricos são condicionados pelo traço [-animado]. Duarte (1986) também observou o fenômeno no *contexto extralinguístico*, focando na *fala natural* e nos *dados da mídia*. Em relação à faixa etária dos informantes e o nível de escolaridade, a autora chama a atenção para a falta de clíticos na fala dos mais jovens, enquanto para os demais grupos, esse uso cresce de acordo com o nível de escolaridade, permanecendo variável, no que diz respeito à faixa etária.

Concernente ao uso do pronome lexical, Duarte (1986) observou que ele ocorre, com maior frequência, na fala dos jovens, decrescendo à medida que aumenta o nível de escolaridade e da faixa etária. Para o uso dos SNs anafóricos e para os clíticos, a autora observa que há um aumento, juntamente com o crescimento do nível de escolaridade e da faixa etária. Destaca que o uso da categoria vazia, por todas as faixas etárias, mostra o processo de implementação desta variante no sistema linguístico. Ao realizar o cruzamento de fatores sociais e linguísticos, Duarte (1986) observa que o uso do pronome lexical, na fala de informantes com nível de escolaridade mais alto, está condicionado a uma maior complexidade da estrutura da frase.

Fazendo uma comparação da fala natural, novela e entrevistas de TV, Duarte (1986) chama a atenção para a semelhança entre a fala natural e os textos das novelas, com um baixo percentual de uso dos clíticos e preferência pelo objeto nulo. Enquanto para as entrevistas, se não privilegiam o clítico, evitam o uso do pronome lexical pleno. Dessa forma, a preferência é para os SNs lexicais, que competem com a categoria vazia.

Para o teste de produção, que consistia de perguntas diversas, contendo um objeto em diferentes estruturas, Duarte (1986) constatou que a mesma alteração encontrada na fala

veiculada na TV pode ser observada nos dados da fala natural, ou seja, mostraram-se sensíveis à mudança de contexto; o mesmo não ocorreu com os mais jovens e com o grupo de informantes acima de 46 anos com 1º grau, cujo comportamento foi idêntico ao que se observou durante a entrevista.

Em síntese, Duarte (1986) constata que a escola é um instrumento que arma o indivíduo com a habilidade para usar os clíticos; e que é também claro que, embora esteja habilitado a usá-los, procura formas de substituí-los, sendo a razão para tal comportamento evidenciada através de um teste de percepção, no qual Duarte (1986) conclui que o uso do clítico em situações informais é tão estigmatizado quanto o uso do pronome lexical em situações formais. Esse comportamento está limitado a frases simples, uma vez que há uma redução do estigma sobre o uso do pronome lexical pleno, em estruturas mais complexas, assim a dificuldade em usar o clítico, de acordo com as prescrições gramaticais, nessas construções, garante a permanência do pronome lexical pleno.

A análise permitiu ainda afirmar que a estratégia preferida na fala natural, considerando-se o conjunto de informantes, é a categoria vazia (63,6%), seguindo-se o uso do pronome lexical (17,1%), do SN lexical (14,6%) e finalmente do clítico (4,7%). As alterações a esta hierarquia ficam por conta dos informantes com 3º grau, enquadrados na faixa etária mais alta, no que se refere ao uso do pronome lexical e do SN anafórico, e dos jovens e informantes mais velhos, com 1º grau, que não usam o clítico, o que reforça a importância do fator *escolaridade* (DUARTE, 1986, p. 56/57).

Ainda em relação à escolaridade, Duarte (1986, p.56/57) constatou que os clíticos estavam ausentes na fala dos menos escolarizados e dos jovens que cursavam o ensino médio, mas o seu uso era bem mais frequente nos dados dos informantes mais escolarizados (3º grau), chegando a 31%.

Os dados de entrevistas de TV (um tipo de fala mais monitorada) também evidenciam um uso mais frequente de clíticos (11%). Nesse tipo de *corpus*, Duarte (1986, p.56/57) constatou ainda que o uso do pronome lexical quase desaparece e o uso de sintagmas nominais e de objetos nulos se equipara, em torno de 42% e 47%, respectivamente.

Desse modo, quanto às diferenças estilísticas em relação à representação do ODA, a comparação entre a fala em situação natural (entrevistas com informantes e novelas) e a fala em um contexto mais formal (testes e entrevistas de TV) permite concluir que não é o uso do clítico que distingue os dois estilos, mas o uso do pronome lexical. Assim, a ocorrência da categoria vazia e do pronome lexical em textos escritos favorece um tom de informalidade a este texto, principalmente quando o objetivo é reproduzir a fala. Em contextos mais formais,

porém, desaparece o uso do pronome lexical, reduz-se o uso da categoria vazia e amplia-se o uso de SNs, o que indica que o falante distingue os estilos na língua falada e na língua escrita.

O uso de sintagmas nominais em contextos mais formais representa, portanto, a estratégia mais recorrente de preenchimento da posição de objeto, quando o índice de frequência da categoria vazia é excluído. Vê-se, portanto, que o falante do PB faz mais uso dessa estratégia do que do pronome lexical e do uso do clítico na fala formal. Todavia, na fala natural, as estratégias de realização do objeto seguem outra ordem.

A crescente substituição do uso do clítico pelo uso do pronome lexical *ele* e pelo uso de uma categoria vazia na fala também foi constatada na pesquisa desenvolvida por Corrêa (1991), que investigou as mesmas variantes analisadas por Duarte (1986).

Duarte (1986) constatou que, de todas as formas variantes do objeto direto anafórico, a menos utilizada é o clítico acusativo (4,9%), seguindo-se o pronome lexical (15,4%), que foi classificado como um pronome lembrete, com função de realçar a vinculação pelo tópico, os Sintagmas Nominais lexicais plenos e o demonstrativo "isso" (17,1%). A categoria vazia alcançou o maior índice (62,6%), o que confirma, em muitos aspectos, a pesquisa de Omena (1978). Como se pode ver no quadro 5, a seguir:

Quadro 5 - Resultados das pesquisas de Omena (1978) e Duarte (1986)

Pesquisas	Objeto Nulo	Sintagma Nominal Anafórico	Pronome Lexical	Clítico Acusativo
Omena (1978)	76%	---	24%	∅
Duarte (1986)	62,6%	17,1%	15,4%	4,9%

Fonte: Omena (1978) e Duarte (1986).

Os resultados da pesquisa de Corrêa (1991) revelam que o contexto favorecedor para o uso do clítico é a língua escrita culta e, não sendo natural entre os falantes mais jovens, precisa ser aprendido. O uso do clítico e o preenchimento do objeto nulo são aspectos de uma variante culta do PB, diferentemente do que é para o português europeu (PE), para o qual Freire (2000) nos mostra que, conforme o esperado, o clítico acusativo apresenta o maior índice de ocorrência (44%). O pesquisador destaca que, apesar do que muitos pensam, entretanto, as variantes objeto nulo e SN anafórico não ocorrem apenas no PB e apresentam respectivamente 31% e 25% do total das ocorrências de objeto direto anafórico encontradas em PE. Esses números mostram-se bastante relevantes, visto que, somados, ultrapassam o percentual de uso do clítico acusativo.

Corrêa (1991) também destaca, em seu estudo, que houve um decréscimo significativo na utilização do objeto nulo pelos informantes escolarizados, uma vez que as ocorrências caíram de 38,9%, na 1ª e na 2ª série, para 12,45%, nos dados dos informantes com formação superior. Entre os não escolarizados, verificou-se uma preferência pelo uso do objeto nulo, tal como ocorre nas séries escolares iniciais analisadas. Uma questão importante apontada por essa pesquisa é que os clíticos acusativos acontecem de maneira inexpressiva na fala, não sendo registradas ocorrências até a 4ª série.

No que concerne aos dados de escrita, a diminuição do uso de objetos nulos também foi notada, variando de 27,7% nas séries iniciais do ensino fundamental a 14% nas séries finais. No ensino superior, o índice de ocorrência chega a apenas 2%. Ao mesmo tempo, os dados revelam um aumento do uso de clíticos, que vai de um índice de 2,7% na escrita da 3ª e da 4ª série, chegando a 8% no ensino fundamental, e atingindo, por fim, 18% no ensino superior.

Desse modo, Corrêa (1991) chega à conclusão de que a escolaridade parece influenciar na recuperação do uso de clíticos no PB, pois quanto maior o nível de escolarização, maior o seu uso. A autora ainda afirma que o falante culto emprega o clítico, assim como o objeto nulo e até o pronome lexical (*ele*) na fala coloquial, da mesma forma em que se notam os escolares já utilizando o clítico, sem, contudo, ter abandonado as outras formas de objeto referencial.

Essa variabilidade entre o uso do pronome lexical e da categoria vazia na posição de objeto foi abordada por Figueiredo Silva (2004) e os resultados registrados em sua análise parecem indicar que a perda do clítico de 3ª pessoa não levou inicialmente à realização do pronome lexical, mas a ampliação do uso do objeto nulo. No entanto, os dados também indicam que o pronome lexical parece ter se disseminado posteriormente à perda do clítico e estaria se difundindo nos contextos de objeto nulo, “com traço [-animado] e a faixa etária dos informantes” (FIGUEIREDO SILVA, 2004, p. 138). De acordo com a autora, a frequência de uso do pronome lexical aumenta na medida em que a faixa etária dos informantes diminui.

Ressalta-se que o objeto nulo encontra-se implementado no sistema linguístico brasileiro, e neste aspecto, como atesta Duarte (1986), o PB é distinto das outras línguas românicas. Segundo Galves (2001), o PB, comparado ao PE (português europeu), apresenta duas características marcantes que os distinguem, no que diz respeito às possibilidades de ocorrência do ODA de 3ª pessoa. A primeira concentra-se no fato de o PB adotar, com bastante frequência, o fenômeno da categoria vazia, ao passo que, no PE esta variante é marginal; a segunda diferença está relacionada ao sistema pronominal, uma vez que o PB

adota como alternância, com a categoria vazia, o pronome lexical pleno, enquanto o PE o faz usando os clíticos.

Na sequência, dada a importância dos resultados apresentados para a realização do ODA de 3ª pessoa, e tendo como base pesquisas empreendidas em diferentes regiões do país sobre a variedade do PB, apresenta-se, através de quadros comparativos, o resumo de resultados para as realizações do ODA de 3ª pessoa à luz da sociolinguística variacionista. A começar pelas pesquisas sobre língua oral com falantes escolarizados, como se observa no quadro 6, a seguir:

Quadro 6 - Realizações do *objeto direto anafórico* em pesquisas sobre *língua oral com falantes escolarizados*

Autor/(ano) /local	Característica da amostra	Objeto nulo	Clítico acusativo	Pronome lexical	SN anafórico
Duarte (1986) SP	Fala urbana por nível de escolaridade – Fundamental (jovens de 15-17 anos)	65,8%	0%	23,5%	10,7%
	Fundamental	63,9%	3,4%	21,0%	11,7%
	Médio	60,7%	3,6%	21,6%	14,1%
	Superior	65,0%	6,4%	9,8%	18,8%
Correa (1991) Campinas – SP	Textos orais – Alunos Ensino Fundamental) (1º/2º)	72,4%	0%	24,1%	3,4%
	(3º/4º)	77,7%	0%	8,6%	13,6%
	(5º/6º)	71,2%	2,1%	19,1%	7,4%
	(7º/8º)	71,1%	1,9%	20%	7%
	Textos orais (Universitários)	67,8%	10,7%	7,1%	14,4%
Freire (2000) RJ	Português Brasileiro - PB (Universitários)	59%	34%	4%	3%
	Português Europeu - PE (Universitários)	31%	44%	0%	25%
Matos (2003) SE	Fala de 6 informantes (Itabi-SE)	66,7%	0%	10%	23,3%
Mendonça (2004) Mata Grande/AL	Ensino Fundamental	65,8%	0%	23,5%	10,7%
	Ensino Médio	60,7%	3,6%	21,6%	14,1%
	Ensino Superior	65%	6,4%	9,8%	18,8%
Neiva (2007) BA	Português culto falado em Salvador	59%	4,2%	2,4%	34,4%
Arruda (2006) Araraquara/ SP	Português brasileiro culto falado em cinco capitais – RJ	69%	4,5%	10,5%	16%
	São Paulo	57%	1,75%	---	41,25%
	Recife	55%	7%	8,3%	29,5%
	Porto Alegre	67%	4%	7,5%	21,5%
	Salvador	57%	3,5%	9,5%	29,8%
Alves (2009) BA	Fala dos jovens de Salvador – Fundamental	68%	0%	32%	---
	Médio	83%	2%	15%	---

Fonte: Duarte (1986), Correa (1991), Freire (2000), Matos (2003), Mendonça (2004), Neiva (2007), Arruda (2006), Alves (2009).

Observando os trabalhos resenhados sobre as realizações do ODA de 3ª pessoa na língua oral com falantes escolarizados, pode-se sintetizar que:

- (i) a variante clítico acusativo de terceira pessoa não foi encontrada em Duarte (1986), Correa (1º/2º/3º e 4º ano de escolaridade, 1991), Matos (Ensino Fundamental, 2003), Mendonça (Ensino Fundamental, 2004) e Alves (Ensino Fundamental, 2009), já nas outras pesquisas aparece com menor uso (1,75%) em Arruda (2006) e maior (34%) na fala dos universitários brasileiros, no estudo comparativo (PB x PE), de Freire (2000), no qual apresenta um percentual de 44% na fala de universitários europeus. O que indica que sua forma de realização está condicionada, principalmente, pela escolaridade;
- (ii) a variante SN anafórico apresenta maior percentual (41,25%) em Arruda (2006) e menor (3%) em Freire (2000);
- (iii) a variante objeto nulo ou categoria vazia, chega a atingir 83% (ALVES, 2009), sendo uma variante bastante utilizada na retomada do objeto direto anafórico no português do Brasil, como revelam os estudos variacionistas. Mostrando-se significativa também no Português Europeu (31%), como mostra a pesquisa de Freire (2000);
- (iv) a variante pronome lexical atinge o índice de 32% (ALVES, 2009), embora não se apresente na fala dos universitários europeus (0%) (FREIRE, 2000).

Observamos, na sequência, o quadro 7 com as realizações do ODA de 3ª pessoa, nas pesquisas com os falantes não escolarizados.

Quadro 7 - Realizações do *objeto direto anafórico* em pesquisas sobre *língua oral com falantes não escolarizados*

Autor/(ano)/ local	Característica da amostra	Objeto nulo	Clítico acusativo	Pronome lexical	SN anafórico
Omena (1978) RJ	Fala de 4 mobralenses	76%	0%	24%	---
Pereira (1981) RJ	Fala de 6 informantes Não-Escolarizados	57,8%	0,9%	26,6%	14,7%
Correa (1991) Campinas/SP	Textos orais (Adultos Não-Escolarizados)	66,6%	0%	25,6%	7,6%
Pará (1997) RJ	Fala de pescadores (Norte Fluminense)	62,0%	0%	14,0%	24%
Figueiredo Silva (2004) BA	Português Rural Afro-brasileiro - Cinzento	72%	0%	8%	20%
	Helvécia	72%	0%	17%	11%
	Rio de Contas	69%	0%	15%	16%
	Sapé	76%	0%	9%	15%
Marafoni (2004) RJ	Fala popular carioca	67,3%	0,7%	13%	19%
Brito (2010) Caém/BA	Amostra do povoado de Piabas, pertencente ao município de Caém/BA	68%	0%	8%	24%

Fonte: Omena (1978), Pereira (1981), Correa (1991), Pará (1997), Figueiredo Silva (2004), Marafoni (2004), Brito (2010).

As pesquisas com falantes não escolarizados apresentam os seguintes resultados:

- (i) rara frequência de clítico acusativo: 0,9% em Pereira (1981), 0,7% em Marafoni (2004) e 0% nas outras pesquisas. A comparar com o quadro 6, confirma-se a influência da escola no uso da forma normativa, o clítico acusativo;
- (ii) o SN anafórico apresenta-se com maior frequência em Pará (1997) e Brito (2010) (24%), número significativo, assim como no quadro 6;
- (iii) o objeto nulo ou categoria vazia atinge 76% em Omena (1978) e Figueiredo Silva (2004), como pode-se verificar os percentuais apresentados no quadro 6, 83% (Ensino Médio, ALVES, 2009). É a variante mais utilizada na retomada do ODA no PB;
- (iv) a variante pronome lexical, na posição de objeto direto anafórico, caracterizada em algumas das pesquisas sociolinguísticas aqui resenhadas, mostra-se mais frequente que o clítico acusativo, como observa-se no quadro 6. Comparando-se aos índices apresentados pela variante SN anafórico, em alguns itens se assemelham e em outros se aproximam, como em Pereira (1981), Correa (1991) (25,6%) e Omena (1978) (24%).

O que podemos inferir, dos resultados compilados nos quadros 6 e 7, é o baixo emprego do clítico pelos falantes não escolarizados e pelos alunos do ensino fundamental I (1º ao 5º), assim como os reduzidos índices no fundamental II (6º ao 8º) e médio, com exceção apenas para amostras referentes ao PE e para os universitários do estudo de Freire (2000). Houve ainda o considerável uso do objeto nulo ou categoria vazia e o nivelamento entre a variante SN anafórico e o pronome lexical.

A seguir (Quadro 8), as pesquisas sobre as formas de realizações do ODA de 3ª pessoa na escrita de estudantes dos ensinos fundamental, médio e superior:

Quadro 8 - Realizações do *objeto direto anafórico* em pesquisas sobre *língua escrita com falantes escolarizados*

Autor/(ano)/local	Característica da amostra	Objeto nulo	Clítico acusativo	Pronome lexical	SN anafórico
Correa (1991) Campinas – SP	Textos escritos (Alunos Ensino Fundamental) (1º/2º)	57,5%	0%	7,5%	35,0%
	(3º/4º)	65,6%	9,3%	6,2%	18,7%
	(5º/6º)	52,3%	18,4%	15,3%	13,8%
	(7º/8º)	53,5%	10,3%	10,7%	5,3%
	Textos escritos (Universitários)	9,5%	85,7%	0%	4,7%
Freire (2005) RJ	O clítico acusativo e dativo na escrita do português do Brasil (PB)	31%	47%	8%	14%
	Os clíticos acusativo e dativo na escrita do português Europeu (PE)	12%	77%	---	11%
Averbug (2000) RJ	Textos Escritos (Redações) Alunos Ensino Fundamental (Alfabetizados)	49%	2%	19%	30%
	4ª série	45%	6%	15%	34%
	8ª série	33%	23%	13%	31%
	Ensino Médio	36%	28%	6%	30%
	Universitários	23%	40%	0%	37%
Oliveira (2007) Curitiba	Textos escolares – Ensino Fundamental (1ª série)	44%	8%	31%	17%
	(2ª série)	64%	16%	12%	8%
	(3ª série)	61%	11%	23%	5%
	(4ª série)	37%	34%	27%	2%
Soledade (2010) RJ	Cartas de ilustres a Rui Barbosa (século XIX)	38%	48%	---	14%
Soledade (2011) RJ	Peças de autores brasileiros dos séculos XIX e XX	39,6%	48%	1%	8,5%
Araújo (2005) BA	Textos da Web	51%	42%	7%	---

Fonte: Correa (1991), Freire (2005), Averbug (2000), Oliveira (2007), Soledade (2010-2011), Araújo (2005).

Os resultados apresentados nos trabalhos resenhados sobre a língua escrita com falantes escolarizados permitem inferir que:

- (i) com exceção, na pesquisa de Correa (1991), dos alunos do ensino fundamental I (1º/2º ano), que estão em início de escolarização e não apresentaram ocorrência de clítico acusativo, e de 3º e 4º ano, que apresentaram baixos índices de ocorrências (2% e 6%), percebe-se a atuação da escola na emergência do clítico, observada também nos quadros 6 e 7, através do considerável percentual de ocorrência que essa variante atinge com o aumento da escolaridade (85,7%), na escrita universitária, em cartas e peças dos séculos XIX e XX e nos textos da Web;
- (ii) o uso da variante SN anafórico atinge maior percentual na pesquisa com universitários e Averbug (2000), atingindo 37%;
- (iii) o objeto nulo ou categoria vazia é a estratégia mais usada na maioria das pesquisas, com percentuais que atingem 65% (CORREA, 1991);
- (iv) o pronome lexical *ele* na posição de objeto direto não foi observado na escrita dos universitários, mas chega a atingir 31% (OLIVEIRA, 2007), no ensino fundamental, aparece de forma reduzida em peças de autores brasileiros do século XIX e XX (1%) e não aparece nas cartas ilustres endereçadas a Rui Barbosa.

Essas pesquisas variacionistas, a tomar o ODA de 3ª pessoa como estudo, tratam de fatores linguísticos, sociais e estilísticos que comprovam, entre outros objetivos (a depender do foco dos autores), a variação na colocação pronominal no PB.

A seguir, na tabela 4, foca-se no fator, na relevância e na hipótese dos trabalhos resenhados que abordaram os contextos da fala e da escrita⁵.

⁵ A escrita está aqui enfatizada para melhor fundamentar o fenômeno, vez que o foco desta pesquisa é a fala.

Tabela 4 – Fatores *linguísticos e sociais* em *pesquisas variacionistas*

Fator	Hipótese	Relevância da hipótese
Forma verbal	Encontrar nas formas simples com infinitivo o uso de clítico acusativo	Identifica se as formas verbais com infinitivo abrigam o clítico acusativo
Estrutura sintática da oração	Encontrar em estruturas simples o clítico acusativo e nas complexas o objeto nulo	Identifica quais estruturas Utilizam as variantes clítico acusativo e objeto nulo
Traço semântico do antecedente	Encontrar maior ocorrência de objeto nulo com antecedente [-animado]	Identifica em que traço semântico o objeto nulo ocorre com mais frequência
Posição de ocorrência em relação ao antecedente	Quanto maior for a distância com relação ao antecedente, maior a possibilidade de encontrar objeto nulo	Identifica a posição de ocorrência do objeto nulo
Referencialidade do Antecedente	Encontrar em argumentos [+humano] a preferência pelo objeto nulo	Identifica a preferência pelo objeto nulo na referencialidade do antecedente
Gênero/sexo	as mulheres tendem a usar mais a variante padrão ou prestigiada na comunidade de fala	Mostra que gênero/sexo utiliza com mais intensidade a variante padrão
Faixa etária	a faixa etária de maior idade utiliza com mais intensidade a variante padrão	Mostra qual faixa etária utilizada com mais intensidade a variante padrão
Escolaridade	Quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade de o falante utilizar a variante padrão	A escolaridade do falante é significativa na realização da variante padrão

Fonte: elaborada pela autora, baseado nas pesquisas de: Marafoni (2010), Duarte (1986), Omena (1978), Averbug (2000), Soledade (2010, 2011), Figueiredo Silva (2004), Cyrino (1997), Matos (2003).

Após a análise das hipóteses levantadas nos trabalhos resenhados, sintetizam-se os resultados por eles apresentados:

- (i) a função sintática do antecedente como condicionamento para a realização do objeto nulo no PB;
- (ii) o objeto nulo ou categoria vazia se destaca nas pesquisas;
- (iii) os contextos de subordinação são os que mais se destacam no uso do clítico;
- (iv) o antecedente proposicional como preferencial ao objeto nulo, seguido dos antecedentes com traço [-animado], conforme apontaram Cyrino (1997) e Duarte (1986);
- (v) o SN anafórico ficou concentrado nos contextos de antecedente com traço [-animado];
- (vi) o pronome lexical ocorre com mais frequência com antecedente [+animado];
- (vii) conforme Duarte (1986) e Marafoni (2010), a forma verbal com infinitivo e as formas simples do presente e do passado ainda mantêm o uso do clítico no

português do Brasil;

- (viii) o SN anafórico apresenta-se com um índice superior ao pronome lexical;
- (ix) o objeto nulo ocorre na fala de informantes dos mais variados graus de escolaridade;
- (x) o baixo percentual de uso do clítico acusativo aponta sua pouca participação na aquisição linguística do brasileiro;
- (xi) Os jovens utilizam com mais frequência a variante objeto nulo, embora também façam uso das outras variantes: SN anafórico e pronome lexical e, em menor quantidade, o clítico acusativo.

A variação/mudança no uso dos pronomes no PB é um fenômeno que se observa nas pesquisas aqui descritas, em que se destaca o uso do pronome lexical (*ele*) em função acusativa, na língua oral e escrita; o aumento do uso da categoria vazia, ao lado do uso dos SNs anafóricos, em detrimento da baixíssima ocorrência de clítico acusativo.

Como se viu até aqui, estudiosos de orientação diversa dedicaram-se a estudar o ODA de 3ª pessoa no PB e suas realizações: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia. Entre os variacionistas, há vários trabalhos que descrevem o comportamento dessas variantes em muitas localidades do território brasileiro. No entanto, não foi encontrado, até o momento, registro de estudo de orientação variacionista que tenha contemplado o comportamento dessas variantes com foco no pronome lexical (*ele*) em função acusativa, na língua oral no dialeto cearense e, muito menos, no falar dos fortalezenses.

Na sequência, apresentamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que impulsionam a variação.

3.3 FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS QUE IMPULSIONAM A VARIAÇÃO

Nesta seção, far-se-á breve resumo dos fatores linguísticos e sociais dos estudos que foram apresentados nos quadros anteriores e que impulsionaram a variação, explicitando quais fatores internos e externos à língua serão analisados em nosso estudo, tendo em mente que uma pesquisa que se denomina sociolinguística deve buscar fatores sociais e linguísticos que interfiram no condicionamento das variantes.

Os estudos variacionistas realizados nos últimos anos, dentre eles as pesquisas de: Omena (1986), Pereira (1981), Corrêa (1991), Pará (1997), Freire (2000), Matos (2003),

Mendonça (2004), Figueiredo Silva (2004), Marafoni (2004), Arruda (2006), Neiva (2007), Alves (2009) e Brito (2010) sobre língua oral têm demonstrado, de forma sistemática e científica, que os fatores linguísticos mais atuantes na realização do ODA de 3ª pessoa são:

- (i) *o traço [+/-animado] do antecedente* – observa-se que, quando o traço é [-animado], os usos da categoria vazia e dos SNs anafóricos são favorecidos, e por outro lado o traço [+animado] favorecem a ocorrência do pronome lexical e do clítico acusativo;
- (ii) *a forma verbal* – observa-se a absoluta falta de ocorrência de clítico com o verbo no imperativo, tempos compostos e locuções verbais com o gerúndio; o uso da categoria vazia superando todas as outras variantes, independentemente da forma verbal, exceto para os SNs anafóricos, nas construções com gerúndio;
- (iii) *a estrutura sintática da sentença*, destacando que em *estruturas simples (SVO)* há maior ocorrência de categoria vazia e nas *complexas* o uso de pronome lexical;
- (iv) *presença/ausência do sujeito* – observa-se que a *presença do sujeito* favorece a escolha da variante SN anafórico e a *ausência* o objeto nulo ou categoria vazia;
- (v) *tipo de oração* – observa-se que em orações principais ou absolutas a variante pronome lexical é favorecida e nas orações coordenadas e subordinadas o objeto nulo ou categoria vazia e o SN anafórico são favorecidos;
- (vi) *objeto direto topicalizado e não topicalizado* – observa-se que o *topicalizado* favorece o uso da variante pronome lexical e *não topicalizado* das variantes objeto nulo ou categoria vazia e SN anafórico.

Além dos fatores linguísticos, destacamos também os fatores extralinguísticos mais atuantes na realização do ODA de 3ª pessoa:

- (i) *Sexo* – observa-se que as mulheres usam com maior frequência as formas linguísticas mais utilizadas no contexto social, no caso as variantes objeto nulo ou categoria vazia e SN anafórico e pronome lexical;
- (ii) *faixa etária* – a forma não padronizada e conseqüentemente inovadora foi mantida por falantes mais jovens, no caso as variantes objeto nulo ou categoria vazia, SN anafórico e pronome lexical; mas também por falantes mais velhos, ao

passo que, resquícios de forma padrão, no caso o clítico acusativo, foram observados em falantes com maior nível de escolaridade;

- (iii) *escolaridade* - falantes com pouco ou nenhum grau de escolarização usam com frequência significativa as formas não padronizadas e inovadoras (objeto nulo ou categoria vazia, SN anafórico e pronome lexical), mas também, falantes mais escolarizados as utilizam.

Diante do que foi observado, ou seja, tendo como base as pesquisas apresentadas, elencam-se os fatores linguísticos e extralinguísticos à realização do ODA de 3ª pessoa no PB, a serem melhor detalhados no capítulo subsequente:

- (i) condicionamento de natureza morfológica: *tempo e modo verbal: infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo e verbos flexionados;*
- (ii) condicionamento de natureza sintática: *a estrutura sintática da sentença: simples (SVO) e complexas: (SVOD) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto); (SVOD + PRED.) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto + Predicativo); (SVODI) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto/Indireto);*
- (iii) *presença/ ausência do sujeito na sentença: sujeito presente, sujeito ausente da sentença;*
- (iv) *número do sintagma nominal objeto: singular e plural;*
- (v) condicionamento de natureza semântica: *o traço semântico do antecedente [+animado] e [-animado];*
- (vi) *tipo de antecedente: definido e indefinido;*
- (vii) *topicalização do antecedente: topicalizado e não topicalizado;*
- (viii) *tipo de oração: principal (absoluta) e outras (coordenadas e subordinadas);*
- (ix) os condicionantes extralinguísticos: *sexo: masculino e feminino;*
- (x) *faixa etária: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 em diante;*
- (xi) *escolaridade: 0-4, 5-8, 9-11;*
- (xii) *tema discursivo: pessoal e social;*
- (xiii) *tipo de registro: DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes.*

Em relação ao tema discursivo: *pessoal e social*, destacamos que o grupo nos permite observar o nível de atuação das variantes e acreditamos que um tema social, por ser mais

formal, tende a apresentar um maior número de clíticos e, conseqüentemente, um menor número de uso das outras variantes: SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia.

4 METODOLOGIA

Como já apontado, para desenvolvermos o estudo sobre o emprego do ODA de 3ª pessoa na língua falada de Fortaleza, seguimos os postulados teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (2001, 2008 [1972], [1978], 2015 [2006]) e de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]).

Nesse sentido, essa parte do trabalho cuida de apresentar, de forma criteriosa: o tipo de pesquisa, caracterização da comunidade de fala, o *corpus*, a amostra, as entrevistas, os informantes, os critérios para o levantamento dos dados, o envelope de variação (variável dependente e variáveis independentes), as hipóteses postuladas, a codificação e o programa de regras variáveis, *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005).

4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa de que trata este estudo é quantitativa e segue os postulados da Sociolinguística Quantitativa. Para o tratamento dos dados, pela grande quantidade de ocorrências, o que é recomendável neste tipo de pesquisa, utilizamos o programa *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), que fornece análises estatísticas multivariadas de grupos de fatores em estudo.

4.2 COMUNIDADE DE FALA

Labov (2008 [1972], p. 259) destaca que “o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala”, nesse sentido, seus estudos e os postulados de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) objetivam descrever a variação e a mudança linguística, levando em conta o contexto social de produção dentro da comunidade de fala. (LABOV, 2008 [1972], p. 208).

Para Labov (2008 [1972], p. 259), uma comunidade de fala é aquela que “compartilha “normas” e “atitudes” sociais perante uma língua ou variedade linguística”.

Partilhando as ideias de Labov, caracterizamos nossa comunidade de fala: a cidade de Fortaleza, estado do Ceará, situada na região nordeste do país. O município brasileiro desenvolveu-se às margens do riacho Pajeú. Sua história data de 13 de abril de 1726, quando foi elevada à condição de vila, sendo oficializada como cidade pelo Imperador D. Pedro I, em

1823, devido ao crescimento econômico e político que a cidade apresentava. (BRUNO; FARIAS, 2011, p. 1).

De acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), Fortaleza situa-se no litoral Atlântico, a uma altitude média de 16 m, com 34 km de praias, 14,930 km² de área e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal calculado em 0,754.⁶

Informações encontradas no site da PMF – Prefeitura Municipal de Fortaleza, destacam que, em 1997, foram criadas 7 Secretarias Executivas Regionais – SERs, (v. ANEXO B, o mapa das SERs), objetivando descentralizar a administração da cidade. Já na década de 2000, essas secretarias abrangiam 114 bairros e, atualmente, a cidade possui 119 bairros (v. ANEXO A, com a distribuição dos bairros por secretarias).⁷

Observaremos a linguagem de nossos informantes a partir de um número significativo de entrevistas sociolinguísticas, provenientes do NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), que começou a realizar as suas entrevistas em agosto de 2003. Nessa data, a cidade de Fortaleza tinha 277 anos. Como expressam Bruno; Farias (2011, p. 1), “quase três séculos de história de formação linguística, incluindo influências indígenas, portuguesas e holandesas”.

Ainda segundo o IBGE, em 2010, Fortaleza contava com uma população de 2.452.185 e uma estimativa de 2.591.188 habitantes para 2015. Em 2000 (época mais próxima da construção do NORPOFOR, que data de 2003), a população era de 2.138.234 habitantes. Portanto, os resultados desta pesquisa serão válidos para situarmos o *corpus* a ser considerado: a cidade de Fortaleza da década de 2000.⁸

4.3 CORPUS

O *corpus* a ser analisado, como já apontado, provém do falar fortalezense: projeto NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza. Este *corpus*, desenvolvido com o apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE), adota, na sua constituição, os

⁶ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000). Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 02 de abr. 2016.

⁷ Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza. Disponível em <http://www.fortaleza.ce.gov.br/turismo/geografia-fisica>. Acesso em 02 de abr. 2016.

⁸ A estimativa do IBGE para os municípios brasileiros tem como data de referência o dia 1º de julho de 2015. Informação encontrada no site: <http://cod.ibge.gov.br/5Z1> - Visitado em 02 de abr.2016.

mesmos procedimentos utilizados pelo NURC na seleção dos informantes e na coleta dos dados.⁹

O uso deste *corpus* foi considerado por seu representativo número de informantes; por constituir-se em um *corpus* para estudo do PB do estado do Ceará; pela seriedade e competência com que foi constituído, pela sua adequação ao nosso objetivo, que é estudar a língua falada, e, principalmente, por ter seguido os critérios rigorosos da Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa.

No que diz respeito à escolha dos informantes e às entrevistas, conforme afirma Araújo (2011, p. 838):

O projeto NORPOFOR segue os preceitos da Sociolinguística Quantitativa, defendida por Labov (1972), segundo a qual para que a coleta de dados retrate fidedignamente o falar de uma determinada comunidade, devem ser observados, com rigor, certos procedimentos na seleção dos informantes e na gravação dos inquéritos.

O NORPOFOR foi consubstanciado sob a coordenação da Professora Doutora Aluiza Alves de Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, e contou com a colaboração de quatro bolsistas do Programa de Iniciação Científica da Instituição: Girlene Moreira da Silva – aluna voluntária; Neyla Denize de Souza – aluna voluntária; Francisco Cláudio Rodrigues – FUNCAP¹⁰ e Maria de Fátima do Nascimento Silva – IC-UECE (Programa de Iniciação Científica, fomentado pela própria instituição (UECE)); além de, na época, o professor substituto da UECE Kilpatrick Müller Campelo. Os alunos do Curso de Letras da UECE também tiveram participação voluntária e fundamental na realização das entrevistas e transcrição dos inquéritos. (ARAÚJO, 2011, p. 839).

O projeto conta com 198 informantes, que foram estratificados por *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (I: 15 a 25 anos; II: 26 a 49 anos; III: a partir de 50 anos), *escolaridade* (A: 0 a 4 anos; B: 5 a 8 anos; C: 9 a 11 anos) e *tipo de registro* (DID: Diálogo entre Informante e Documentador; D2: Diálogo entre Dois Informantes; EF: Elocução Formal). Como mostra o quadro 9, a seguir:

⁹ Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), criado na década de 70 e desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, com o objetivo de investigar e descrever o falar culto do PB. Constituído, exclusivamente, por informantes com nível superior completo, controla as variáveis *tipo de registro*, *faixa etária* e *gênero*. Este banco de dados vem sendo ampliado com a gravação de novas entrevistas feitas por meio do recontato de falantes da década de 70 e pela constituição de uma nova amostra complementar (<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj>). Acesso em 02 de abr. 2016.

¹⁰ Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Quadro 9 - Distribuição dos *informantes do NORPOFOR* por gênero, faixa etária, tipo de registro e escolaridade

NORPOFOR	Gênero																	
	Masculino									Feminino								
Registro	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade ↔ Faixa etária↓	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
I	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
II	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1
TOTAL	14	15	15	11	11	13	09	06	09	13	15	13	10	15	14	01	06	07
	44			35			24			41			39			14		
	104									94								
	198																	

Fonte: Araújo (2011, p. 839).

4.4 AMOSTRA

A amostra de nossa pesquisa é constituída por 83 inquéritos, pertencentes ao acervo sonoro do Banco de Dados NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, um projeto que tem como objetivos armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular da capital cearense. Este *corpus*, composto por 149 inquéritos, foi estratificado de acordo com o *sexo*, a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *tipo de registro*.

A opção de analisar amostras de fala do banco de dados do projeto NORPOFOR deve-se ao fato deste projeto atender às exigências da pesquisa sociolinguística quantitativa no que concerne aos critérios de seleção dos informantes e de coleta de dados; ao significativo número de informantes (198) que se encontram distribuído de forma equilibrada conforme as variáveis sociais controladas e ao desejo pessoal de estudar o falar fortalezense na norma popular.

O projeto NORPOFOR apresenta três tipos de registro: o DID - Diálogo entre Informante e Documentador; D2 - Diálogo entre Dois Informantes e a EF - Elocução Formal, isto é, pregações e palestras. No entanto, decidiu-se trabalhar apenas com os dois primeiros, por servir aos nossos propósitos de estudar a língua falada dos Fortalezenses, pelos cuidados tomados em todo o procedimento metodológico de sua realização e porque resultam em um falar mais espontâneo, minimizando, assim, o efeito de monitoramento da fala.

Definidos os tipos de inquéritos, escolhemos três informantes de cada célula, com exceção da célula F-D2-A-I do *corpus* (informantes femininos, em inquéritos de dois

informantes, de faixa etária entre 15 a 25 anos e de grau de escolaridade I, que equivale s 0-4 anos), porque, no *corpus* completo, essa célula só apresenta 2 informantes. Exluímos o tipo de registro EF – Elocução Formal, por se tratar do uso da língua num contexto formal e por acreditar que, nesse tipo de contexto, eles monitoram seus usos linguísticos nos limites de sua língua vernacular.

O intuito é verificar a relevância do nível de formalidade do discurso na ocorrência de cada variante linguística: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia.

Nossa mostra, então, soma um total de 29 inquéritos do tipo de registro D2 (Diálogo entre Dois Informantes) e 54 inquéritos do tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador), totalizando 83 inquéritos, com 107 informantes distribuídos por *sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro*, como podemos visualizar no quadro 10, que apresenta a divisão da amostra.

Quadro 10 - Distribuição dos *nossos informantes do Projeto NORPOFOR* por *sexo, tipo de registro, escolaridade e faixa etária*

NORPOFOR		Sexo											
		Masculino						Feminino					
Registros		DID -Diálogo entre Informante e Documentador			D2 – Diálogo entre Dois Informantes			DID -Diálogo entre Informante e Documentador			D2 – Diálogo entre Dois Informantes		
Escolaridade		0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11
Faixa etária	15 a 25 anos	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
	26 a 49 anos	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	A partir de 50 anos	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Total		9	9	9	9	9	9	9	9	9	8	9	9
		27			27			27			26		
		54						53					
		107											

Fonte: baseado em Araújo (2011, p. 839).

Essa distribuição dos informantes resultou em expressivo número de ocorrências, como podemos observar no quadro 11, a seguir.

Quadro 11 - Distribuição *geral* das *ocorrências* por *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária* em *nossa amostra*

Sexo		NORPOFOR		
		Masculino		Feminino
		4384		3871
Registros		DID -Diálogo entre Informante e Documentador		D2 – Diálogo entre Dois Informantes
		6841		1414
Escolaridade		0-4 anos	5-8 anos	9-11 anos
		2155	3085	3015
Faixa etária	15 a 25 anos	1347		
	26 a 49 anos	2499		
	A partir de 50 anos	4409		
TOTAL		8255		

Fonte: elaborado pela pesquisadora, tendo como modelo Araújo (2011, p. 839).

Como vemos, nossa amostra encontra-se equilibrada no que diz respeito à distribuição dos informantes por célula. Os 107 informantes nos forneceram uma quantidade significativa de dados (8255) que se prestam às análises.

A esse respeito, Braga e Naro (1994, p. 65) apontam que:

[...] a proporção de falantes incluídos na amostra é irrelevante. O que é relevante para o cálculo é o grau de variabilidade do fenômeno linguístico. Repetindo, quanto menor o grau de variabilidade, tanto menor o tamanho da amostra e, quanto maior o grau de variabilidade do fenômeno a ser estudado, tanto maior deverá ser a amostra. Mas, mesmo nestes casos, os padrões regulares que condicionam a variação linguística atenuam a necessidade de uma amostra demasiadamente grande.

Considerando o fenômeno variável aqui estudado, acredita-se que, conforme Braga e Naro (1994), a amostra tomada para análise nesta investigação seja suficientemente representativa do falar fortalezense.

4.5 ENTREVISTAS

O projeto NORPOFOR segue os preceitos da Sociolinguística Quantitativa, defendida por Labov (2008 [1972]), no que se refere aos critérios de seleção dos informantes, a coleta de dados e ao significativo número de informantes, distribuído de forma equilibrada, conforme as variáveis sociais controladas.

Antes de cada gravação, preenchia-se uma ficha (v. ANEXO C), descrevendo as características socioeconômicas e culturais do entrevistado, com o propósito de garantir que o informante atendesse aos critérios exigidos. O preenchimento desta ficha também permitia

que o entrevistador conhecesse um pouco mais sobre o informante, facilitando-lhe a elaboração das perguntas durante a entrevista. Para Labov (2008 [1972], p. 244): “o único meio pelo qual se pode conseguir bons dados do vernáculo pretendido pelo pesquisador é por meio da entrevista individual, gravada”. (ARAÚJO, 2011)

Buscando o falar espontâneo dos informantes nas entrevistas, os pesquisadores utilizaram o método da narrativa de experiência pessoal nos DIDs e D2s. Conforme Labov (1997, p. 03), “uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais”.¹¹

De acordo com Labov, narrar não é apenas contar uma história ou recontar o passado; “a experiência precisa ter lugar na biografia do falante”. (LABOV, 1997, p. 3). Desse modo, os entrevistados abordaram assuntos de sua vivência, tais como infância, família, trabalho, lazer, entre outros, o que resulta no envolvimento do falante com o conteúdo narrado e, conseqüentemente, sua despreocupação com a forma padronizada de falar. Por isso, nestes inquéritos, a escolha do(s) tema(s) ficava sempre a critério do(s) informante(s) e não eram planejados com antecedência. Entretanto, na gravação do tipo EF, por se tratar, na maior parte dos casos, de palestras e pregações, previamente agendadas, o assunto era de conhecimento do informante. (ARAÚJO, 2011, p. 842).

4.6 INFORMANTES

Nossa amostra é constituída por 54 inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador, que representam 54 informantes e 29 inquéritos do tipo D2 – Diálogo entre Dois Informantes, que representam 53 informantes, perfazendo um total de 107 informantes, conforme apontado anteriormente.

Os informantes do projeto NORPOFOR foram selecionados de acordo com os critérios preestabelecidos, que, de acordo com Araújo (2011, p. 842), são pessoas nascidas em Fortaleza, moradores das seis regionais que dividem a cidade, nunca se ausentaram da capital, filhos de pais cearenses, ambos os sexos, níveis de escolaridade diferentes e idade entre 15 a

¹¹ Tradução de Ferreira Netto, Professor Titular da Universidade de São Paulo, na área da Linguística, com ênfase em Fonologia, do original: “*a narrative of personal experience is a report of a sequence of events that have entered into the biography of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the order of the original events*”.

75 anos. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões. Ressalta-se, entretanto, que se estabeleceu a idade limite de cinco anos, por entender que este tempo é insuficiente para que o informante sofra influência de outros falares (ARAÚJO, 2011).

A apresentação da distribuição dos nossos informantes em função do *sexo*, da *faixa etária* e do *nível de escolaridade* está dividida em dois quadros, conforme as variáveis *tipo de registro*: D2 (QUADRO 12) e DID (QUADRO 13). Em ambos os quadros, pode-se observar também a quantidade de informantes em cada célula, a atividade exercida, o bairro e sua respectiva SER – Secretaria Executiva Regional, como veremos a seguir.

Quadro 12 - Distribuição dos *informantes da amostra* no tipo de registro D2 – *Diálogo entre dois Informantes*¹²

Nº	Inq.	Inf.	Sexo	Escol.	Idade	Atividade Exercida	Bairro	SER
1	15	1	M	9-11	25	Comerciante	Vila União	IV
2		2	M	9-11	24	Analista de suporte	Fátima	IV
3	160	1	M	5-8	56	Auxiliar de serviços gerais	Quintino Cunha	III
4	157	1	F	9-11	52	Cozinheira	Álvaro Weyne	I
5		2	F	9-11	52	Gerente administrativa	Praia de Iracema	II
6	04	1	M	9-11	44	Bancário	Messejana	VI
7		2	F	9-11	42	Prendas do lar	Messejana	VI
8	155	1	M	5-8	55	Motorista	Álvaro Weyne	I
9		2	F	5-8	15	Estudante	Pan-americano	IV
10	14	1	M	9-11	38	Militar	Mondubim	V
11		2	M	9-11	35	Oficial de Justiça	Maraponga	V
12	154	1	F	5-8	18	Estudante	José Walter	V
13		2	M	5-8	53	Aposentado	José Walter	V
14	35	1	M	5-8	21	Mecânico	Messejana	IV
15	153	1	M	0-4	24	Balconista	Parque São José	V
16		2	M	0-4	18	Balconista	Bom Jardim	V
17	49	1	F	9-11	41	Costureira	Henrique Jorge	III
18		2	F	9-11	40	Desempregada	Henrique Jorge	III
19	152	1	F	5-8	55	Prendas do lar	Antônio Bezerra	III
20		2	M	0-4	51	Comerciante	Antônio Bezerra	III
21	50	1	F	9-11	17	Estudante	Parangaba	IV
22		2	F	9-11	17	Estudante	Parangaba	IV
23	141	1	M	5-8	15	Estudante	Parque Sta. Rosa	V
24		2	M	5-8	16	Estudante	Conj. Esperança	V
25	51	1	F	9-11	15	Estudante	Parangaba	IV
26		2	M	9-11	15	Estudante	Parangaba	IV
27	139	1	F	0-4	28	Doméstica	Alto Alegre	IV
28		2	F	0-4	19	Doméstica	Alto Alegre	IV
29	52	1	M	5-8	34	Vigilante	Parque São José	V
30		2	M	0-4	35	Vigilante	Planalto do Pici	III
31	132	1	M	0-4	52	Operário	Farias Brito	I
32		2	M	5-8	60	Pintor aposentado	Farias Brito	I
33	60	1	F	5-8	51	Prendas do lar	Demócrito Rocha	IV
34		2	F	5-8	56	Vendedora ambulante	Demócrito Rocha	IV

¹² Por nº do inquérito/informante, sexo, escolaridade, idade, atividade exercida, bairro e Secretaria Executiva Regional (SER).

Quadro 12 - Distribuição dos informantes da amostra no tipo de registro *D2 – Diálogo entre dois Informantes*

(continua)

35	129	1	F	9-11	60	Aposentada	Parquelândia	III
36		2	F	0-4	49	Merendeira escolar	Parquelândia	III
37	71	1	M	9-11	51	Funcionário público	Antônio Bezerra	III
38	118	1	F	0-4	17	Estudante	Monte Castelo	I
39		2	F	5-8	26	Estudante	Bela Vista	III
40	93	1	F	0-4	59	Aposentada	Álvaro Weyne	I
41		2	F	0-4	63	Lavadeira	Álvaro Weyne	I
42	114	1	F	5-8	20	Estudante	Serrinha	IV
43		2	F	0-4	38	Prendas do lar	Serrinha	IV
44	94	1	M	0-4	34	Pedreiro	Barra do Ceará	I
45		2	M	0-4	31	Auxiliar de pedreiro	Barra do Ceará	I
46	111	1	M	9-11	58	Comerciante	Carlito Pamplona	I
47		2	M	9-11	70	Aposentado	Álvaro Weyne	I
48	99	1	F	5-8	42	Prendas do lar	Tancredo Neves	VI
49	108	1	M	5-8	46	Serviços gerais	Quintino Cunha	III
50		2	M	0-4	21	Estudante	Barra do Ceará	I
51	101	1	F	5-8	26	Prendas do lar	Bonsucesso	III
52	106	1	F	0-4	76	Aposentada	Messejana	VI
53		2	M	0-4	76	Aposentado	Messejana	VI

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 13 - Distribuição dos informantes da amostra no tipo de registro *DID – Diálogo entre informante e Documentador*

Nº	Inq.	Sexo	Escol.	Idade	Ativ. Exercida	Bairro	SER
1	22	M	0-4	25	Vigilante	Monte Castelo	I
2	161	M	0-4	25	Pedreiro/Cavoeiro	Castelão	III
3	23	M	0-4	21	Serviços gerais	Vila Betânea	I
4	70	F	0-4	15	Desempregada	São Cristóvão	IV
5	102	F	0-4	25	Diarista	Barra do Ceará	I
6	09	F	0-4	21	Desempregada	Santo Amaro	V
7	112	M	5-8	15	Estudante	Maraponga	V
8	47	M	5-8	23	Pedreiro	Pirambu	I
9	87	M	5-8	17	Serviços gerais	Conjunto Ceará	V
10	12	F	5-8	23	Autônoma	Barroso	VI
11	80	F	5-8	24	Dona de casa	Antônio Bezerra	III
12	44	F	5-8	15	Estudante	Aerolândia	VI
13	59	M	9-11	24	Professor de reforço	São Gerardo	I
14	110	M	9-11	25	Vendedor	Quintino Cunha	III
15	56	M	9-11	15	Estudante	Aldeota	II
16	67	F	9-11	17	Estudante	Mondubim	V
17	68	F	9-11	17	Estudante	Henrique Jorge	III
18	73	F	9-11	22	Secretária atendente	Henrique Jorge	III
19	30	M	0-4	30	Porteiro	Henrique Jorge	III
20	84	M	0-4	34	Estofador	Conjunto Ceará	V
21	103	M	0-4	34	Porteiro	Conjunto Ceará	V
22	10	F	0-4	34	Empregada doméstica	Bom Jardim	V
23	86	F	0-4	47	Dona de casa	Conjunto Ceará	V
24	115	F	0-4	31	Prendas do lar	V. Manoel Sátiro	V
25	21	M	5-8	31	Vigilante (desemp.)	Jardim Iracema	I
26	85	M	5-8	38	Serviços gerais	Conjunto Ceará	V
27	92	M	5-8	32	Autônomo	Farias Brito	I
28	16	F	5-8	37	Doméstica	Mondubim	V
29	69	F	5-8	34	Desempregada	Carlito Pamplona	I
30	130	F	5-8	39	Comerciante	Rodolfo Teófilo	III

Quadro 13 - Distribuição dos informantes da amostra no tipo de registro <i>DID – Diálogo entre informante e Documentador</i>							
							(continua)
31	11	M	9-11	29	Mecânico	Vila Pery	IV
32	76	M	9-11	33	Técnico em informática	Pres. Kennedy	III
33	78	M	9-11	34	Segurança	Cristo Redentor	I
34	34	F	9-11	26	Estudante	Jardim América	IV
35	105	F	9-11	37	Secretária escolar	Jardim América	IV
36	83	F	9-11	46	Costureira	Farias Brito	I
37	95	M	0-4	75	Vigilante aposentado	Aerolândia	VI
38	113	M	0-4	50	Vendedor	Dionísio Torres	II
39	45	M	0-4	63	Porteiro de condom.	Jardim Guanabara	I
40	126	F	0-4	50	Costureira	Maraponga	V
41	40	F	0-4	55	Dona de casa	Antônio Bezerra	III
42	57	F	0-4	67	Dona de casa	Jóquei Clube	III
43	91	M	5-8	62	Eletricista aposentado	Conjunto Ceará	V
44	148	M	5-8	57	Corretor de modas	Conjunto Ceará	V
45	75	M	5-8	52	Vigilante	Conjunto Ceará	V
46	39	F	5-8	52	Dona de casa	Antônio Bezerra	III
47	128	F	5-8	69	Dona de casa	Barra do Ceará	I
48	53	F	5-8	57	Doméstica	Parque Santa Rosa	V
49	46	M	9-11	58	Eletricista	Conjunto Ceará	V
50	158	M	9-11	58	Aposentado	Parangaba	IV
51	149	M	9-11	76	Motorista	Aerolândia	VI
52	143	F	9-11	53	Decoradora	Parangaba	IV
53	66	F	9-11	53	Artesã	Demócrito Rocha	IV
54	64	F	9-11	51	Dona de casa	Parangaba	IV

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em relação à atividade exercida por nossos informantes, nos dois tipos de registros: *D2* e *DID* pode-se observar, quantitativamente, sua constituição: quatorze donas de casa/prendas do lar, cinco empregadas domésticas, dezoito estudantes, três costureiras, quatro comerciantes, uma diarista, três vendedoras, sendo uma autônoma, uma lavadeira, uma decoradora, uma artesã, um analista de suporte, cinco desempregadas, dois motoristas, um corretor de modas, dois mecânico, um oficial de justiça, um militar, cinco prestadores de serviços gerais, quatro vigilantes, dez aposentados, um cozinheiro, um gerente administrativo, um professor de reforço, um eletricista, um estofador, um bancário, dois balconistas, um técnico em informática, três porteiros, um operário, uma merendeira escolar, quatro pedreiros, sendo um auxiliar, um funcionário público, dois autônomos, uma secretária atendente, uma secretária escolar e um segurança.

Em relação ao local de residência, em observação aos quadros, pode-se perceber que estão em 49 dos 119 bairros que compõem a cidade. Eles estão localizados de acordo com as

seis regionais da capital cearense, possibilitando uma representação geográfica de toda a área da cidade, sendo¹³:

- (i) Regional I (Barra do Ceará: 05; Cristo Redentor: 01; Farias Brito: 04; Jardim Guanabara: 01; Jardim Iracema: 01; Pirambu: 01; Monte Castelo: 02; Álvaro Weyne: 05; Carlito Pamplona: 02; Vila Betânea: 01; São Gerardo: 01);
- (ii) Regional II (Aldeota: 01; Dionísio Torres: 01; Praia de Iracema: 01);
- (iii) Regional III (Antônio Bezerra: 06; Henrique Jorge: 05; Presidente Kennedy: 01; Rodolfo Teófilo: 01; Quintino Cunha: 03; Jóquei Clube: 01; Planalto do Pici: 01; Parquelândia: 02; Bela Vista: 01; Bonsucesso: 01; Castelão: 01);
- (iv) Regional IV (Demócrito Rocha: 01; Parangaba: 07; Vila União: 01; Fátima: 01; Pan-americano: 01; Alto Alegre: 02; Demócrito Rocha: 02; Serrinha: 02; Vila Pery: 01; Jardim América: 02);
- (v) Regional V (Bom Jardim: 02; Conjunto Ceará I: 09; Maraponga: 03; Mondubim: 03; Parque Santa Rosa: 02; Vila Manoel Sátiro: 01; Prefeito José Walter: 2; Parque São José: 02; Conjunto Esperança: 01; Santo Amaro: 01);
- (vi) Regional VI (Aerolândia: 03; Barroso: 01; Messejana: 05; Tancredo Neves: 01).

Observa-se que os bairros que apresentam maior número de informantes são: Conjunto Ceará (09), Parangaba (07), Antônio Bezerra (06), Barra do Ceará (05), Álvaro Weyne (05), Henrique Jorge (05), Messejana (05) e Farias Brito (04). Conforme Araújo (2011), isso ocorre porque, nessas áreas, houve mais facilidade de encontrar moradores que se enquadrassem dentro do perfil estabelecido pelo Projeto NORPOFOR.

Em relação ao local de moradia, Matos e Neto (2003) expressam que, em Fortaleza, os dados do Censo 2000, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam uma “[...] coexistência espacial de ricos e pobres, em um mesmo bairro. Bairros considerados ricos, que aparentavam uma paisagem mais visível da riqueza, guardam uma miséria que os dados censitários fizeram emergir” (MATOS; NETO, 2003, p. 8). Por exemplo, os bairros de Aldeota e Dionísio Torres estão entre aqueles em que os chefes de família apresentam renda mais elevada, ao contrário do que ocorre nos bairros do Pirambu,

¹³ A distribuição dos bairros de Fortaleza por regionais encontra-se em anexo D, mas também pode ser encontrado em: www.fortaleza.ce.gov.br/regionais.

Cristo Redentor, Barra do Ceará, entre outros, onde os chefes de família possuem as mais baixas rendas.

Na sequência, far-se-á o levantamento dos dados para o nosso objeto de estudo.

4.7 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Dando prosseguimento ao estudo, após definidos os tipos de inquéritos a serem utilizados nesta pesquisa (D2 e DID), a seleção da amostra (feita com base nas células existentes no NORPOFOR) e a seleção dos informantes, destacamos os critérios para a seleção dos dados que serão computados, segundo as ocorrências de ODA de 3ª pessoa na fala de fortalezenses.¹⁴

Passamos ao levantamento de todos os dados, buscando identificar, nos inquéritos, a presença das variantes: *clítico acusativo*, *SN anafórico*, *pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia* em cada célula. Ao passo que íamos identificando as ocorrências, também íamos registrando-as em uma tabela para checar e/ou tirar eventuais dúvidas que apareceram durante o processo, assim também como para que o *GOLDVARB X* (programa a ser detalhado no decorrer dessa seção) pudesse fazer a leitura dos dados. Uma vez identificadas todas as ocorrências, foi possível decidir o sistema analítico que iríamos utilizar, ou seja, todas as variáveis independentes que possivelmente eram relevantes para o fenômeno em estudo. Concluída essa etapa, salvamo-la em arquivo *txt*.¹⁵

Passamos, então, ao envelope de variação ou os contextos variáveis.

4.8 CONTEXTOS VARIÁVEIS

O termo variável pode comportar, de acordo com Mollica (2003), pelo menos dois significados: o fenômeno em variação, que se denomina também variável dependente; e o grupo de fatores que favorecem ou inibem o uso de uma variante - as variáveis independentes, que podem ser de natureza interna ou externa à língua.

Os tópicos a seguir apresentam a variável dependente e as variáveis independentes na pesquisa linguística. As variáveis independentes são representadas por grupos de fatores que

¹⁴Ressalta-se, entretanto, que nos inquéritos D2, apenas 6 possuem entre 28 e 29 minutos de gravação, todos os outros, incluídos os DID, têm entre 30 minutos e 1 hora de material gravado.

¹⁵ Formato de arquivo somente de texto, sem formatação.

levantam as possíveis correlações morfológicas, sintáticas, semânticas, sociais e estilísticas com as formas de realização do ODA de 3ª pessoa.

4.8.1 Variável dependente

Define-se o preenchimento da função de objeto direto anafórico de 3ª pessoa (ODA) como variável dependente e busca-se relacionar as variantes representativas dessa variável: o *clítico acusativo* (*o, os, a, as, lo, los, la, las...*), o *pronome lexical* (*ele, ela, eles e elas*), os *SNs anafóricos* (que aponta para um termo anteriormente referido) e o *objeto nulo* ou *categoria vazia* (o não preenchimento do objeto direto anafórico).

Temos como base os estudos de Omena (1978), Duarte (1986), entre outros mencionados nesse trabalho, que mostram, por meio de análise quantitativa e qualitativa, as possíveis realizações ODA de 3ª pessoa, conforme pode ser observado, nos exemplos ((1.a), (1.b), (1.c) e (1.d)), a seguir:

- (1.a) [...] Desde pequena que eu conheço ela... acho que eu tinha uns dez anos quando **a** *conheci...*

(DID - Inq. N° 09 - 19/10/2005). (clítico acusativo).

- (1.b) [...] quem é a tua professora?... fulana... deixa eu ver vou *conhecer ela...* pronto... desse negócio ela me pegou... aí fui lá ela tava ensinando... no Ciclo Operário... aí... começou por ali:... fui *deixar ela* em CA:::sa... por ali eu *conheci ela...*depois voltei lá de novo...fui *deixar ela* em ca:::sa...

(DID - Inq. N° 158 - 15.11.2006) (pronome lexical).

- (1.c) [...] Sobre a *medicação* que elas levavam... né? se bem que a gente também aqui acolá *trazia Ø*...negócio de soro foi época de... de...daquela doença dos olhos conjuntivite *elas tiravam* muito *Ø* a gente também *tirava Ø*... ainda hoje em dia existe muito isso...

(DID - Inq. N° 83–03/02/2004). (objeto nulo).

- (1.d) [...] Um dia desses eu tirei um atestado de oito dias mas eu nem precisei no outro dia comecei a trabalhar aí ela disse que quando eu *tirasse um atestado* eu podia ficar em casa mesmo não precisava vir trabalhar...

(D2 - Inq. N° 160 – Informante 2–18.05.2006). (SN anafórico).

Para efeito de quantificação, foram excluídas ocorrências que fizessem parte de sentenças que apresentassem:

- (i) verbos existenciais, por não ser possível a aplicação do teste de covariação (2.a);
- (ii) verbos transitivos com função fática (2.b);
- (iii) objetos diretos preenchidos pelo pronome demonstrativo *isso*, por muitas vezes não serem correferentes de sintagmas nominais (SNs) e, sim, terem por antecedentes uma sentença (2.c).

(2.a) [...] naquele tempo *tinha* paixão não, a num ser aquela atração física. Mas a paixão num *tinha*...

(DID – Inq. N° 83 – 03.02.2004).

(2.b) [...] no caso, nós temos montagem de som, você *tá vendo* né? *tá vendo* nessa banda...

(DID – Inq. N° 92 – 03.03.2004).

(2.c) [...] mandava encher dois tabulero de batata... girimun... folha verde, a verdura mais boa que tem no mundo; Enchia cheinha assim, eu vendia tudim, um dia fui fazer *isso* na cidade e *vendemus pôco* e tal... esse tipo de coisa...

(DID – Inq. N° 66 – 14.01.2004).

É importante selecionar somente aquelas ocorrências que apresentam uma variante cuja substituição por outra mantenha o mesmo referente.

4.8.2 Variáveis independentes

Neste estudo, foram controladas oito variáveis linguísticas e cinco extralinguísticas. São variáveis linguísticas: *o traço semântico do antecedente ([+/- animado])*, *o número do sintagma nominal objeto (singular e plural)*, *o tempo e o modo verbal (infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo e verbos flexionados)*, *a estrutura sintática da sentença (simples e complexas, o tipo de oração (principal ou coordenada e subordinada)*, *a presença ou ausência do sujeito (sujeito presente na sentença e sujeito ausente da sentença)*, *o tipo de antecedente (definido e indefinido)* e *a topicalização do antecedente (antecedente topicalizado e não topicalizado)*.

As variáveis extralinguísticas são: *o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (15-25 anos; 26-49 anos e 50 anos em diante) e a escolaridade (0-4 anos; 5-8 anos e 9-11 anos), e os estilísticos são: o tema discursivo (pessoal e social) e o tipo de registro (DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes).*

Das variáveis independentes selecionadas para esse estudo, as quatro extralinguísticas têm como base a divisão do NORPOFOR (*sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro*) e as quatro linguísticas (*traço semântico do antecedente, forma verbal, presença ou ausência do sujeito e topicalização do antecedente*) baseiam-se na literatura existente acerca do tema, como os estudos de Omena (1978), Duarte (1986), Pereira (1981), Tarallo (1983), Freire (2000, 2005), Mendonça (2004), Marafoni (2004), entre outros realizados nas capitais do Brasil, que estão referendados em nosso estudo. Dessa forma, para cada um desses grupos de fatores existe uma hipótese criada a partir dos resultados encontrados nos trabalhos aqui apresentados.

4.8.2.1 Variáveis extralinguísticas

O estudo das variáveis extralinguísticas aqui se apresenta, partindo-se do pressuposto de que: *sexo, faixa etária e escolaridade* interferem na realização do ODA de 3ª pessoa, na língua falada de Fortaleza, assim também como os fatores estilísticos: *tema discursivo e tipo de registro*. Ressalta-se que as variáveis sociais utilizadas na elaboração deste estudo têm sido constantemente consideradas por estudiosos que têm investigado os fatores externos que podem interferir no emprego das variantes no processo de variação, os quais demonstraram, de forma sistemática e científica, que esses fatores sociais atuam de diferentes formas na variação em outros falares do Brasil. Dessa forma, surge a oportunidade de verificar a relevância ou não desses condicionamentos sociais nesta amostra.

4.8.2.1.1 Sexo

Paiva (2003) expressa que, no contexto social, homens e mulheres desempenham papéis que antes eram primordialmente executados por um sexo apenas. Por esta razão, o presente trabalho aborda a variável *sexo* como uma categoria essencialmente biológica e investiga como os homens e as mulheres se comportam diante do ODA de 3ª pessoa em nossa amostra.

Como verificado, em diversos estudos de cunho variacionista, o fator *sexo* pode revelar informações importantes a respeito de fenômenos linguísticos evidenciados numa comunidade de fala. Segundo Labov (2001, p. 366/367): “em variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres mostram taxas mais baixas de variantes estigmatizadas e taxas mais altas de variantes de prestígio do que os homens”, apresentando comportamento conservador e em conformidade com as normas explicitamente estabelecidas.

De acordo com Chambers e Trudgill (1980), na mudança, as mulheres tendem a assumir a liderança do processo em direção às formas socialmente prestigiadas, enquanto os homens tendem a liderá-la quando se trata de implementar na língua formas socialmente desprestigiadas.

Estudos como os de Omena (1978), Pereira (1981), Duarte (1986), Marafoni (2004), Brito (2010), assim como os outros considerados nesse trabalho, assumem que há maior probabilidade de falantes do sexo feminino fazerem uso da forma padronizada do que informantes do sexo masculino.

Labov (2001, p. 262/366) observa que o gênero apresenta diferenças instigantes, conforme o tipo de mudança: “em mudanças com consciência social, as mulheres usam mais as variantes de prestígio do que os homens. Entretanto, em mudanças sem consciência social, são também as mulheres que mais usam as formas inovadoras”. Dessa forma, reconhece o Paradoxo do sexo, assim formulado inicialmente: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293).

Nossa expectativa, ao controlar o sexo do informante, é perceber se as mulheres utilizam mais a forma prestigiada na língua, no caso o clítico acusativo, do que os homens.

Como expressa Paiva (2003, p. 41): “qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social estudado”. Isso porque as mulheres apresentam maior propensão ao emprego de formas socialmente prestigiadas em sociedades onde elas exercem um papel na vida pública. A sociedade, impondo papéis distintos a homens e mulheres, espera que estes adotem padrões de comportamento também distintos. Dessa forma, o que ocorre na linguagem é reflexo deste fato social.

Nesse contexto, o presente trabalho aborda a variável *sexo* como uma categoria essencialmente biológica, haja vista o corpus considerado também ter procedido dessa forma

na obtenção das amostras. Portanto, o fator social *sexo* está dividido, de acordo com o *corpus* estudado, em:

- (i) *Masculino* (3.a);
- (ii) *Feminino* (3.b).

(3.a) [...] que é a *guaruba* que eu gosto de usar a *guaruba* que é uma madeira resistente que aguenta muita coisa muito peso... é uma madeira dura... aí eu compro prego... *compro* Ø... é:... é aí depois... vou... *cortar ela* né?

(D2 - Inq. Nº 84– Informante 1 - Sexo Masculino (34anos) - 07.01.2006).

(3.b) [...] aí ela... quando ela... ele saía ela aproveitava né? trazia *homem* pra dentro de casa... quando chegou duas horas da madrugada... encontrou o *outro* em cima da cama com ela... aí ele pegou... *mandou elas* embora... ela foi... assim ele me conta... que esses homens a gente não confia né? eles mentem demais...

(DID – Inq. Nº 90 – Sexo Feminino (31anos) - 04.02.2004).

4.8.2.1.2 Faixa etária

Para a observação da variável *faixa etária*, parte-se dos trabalhos variacionistas apresentados nesse estudo, focando na premissa de que é possível identificar notáveis diferenças entre a linguagem de falantes jovens, adultos e idosos. Acreditava-se que a forma não padronizada e consequentemente inovadora tenderia a ser mantida por falantes mais jovens, ao passo que a forma de prestígio seria mais bem preservada na linguagem de falantes mais velhos.

Labov (2008 [1972]), em seu conhecido estudo sobre a variação na pronúncia do /r/ retroflexo, elaborado em Nova York e em Matha's Vineyard, no estado de Massachussets, atestou que os falantes dessas comunidades apresentaram comportamentos notavelmente diferenciados, segundo a influência de suas respectivas faixas etárias. Ou seja, Labov observou que os falantes mais jovens considerados em sua amostra mostraram-se mais propícios ao uso da forma inovadora, ao passo que falantes mais velhos atuaram no sentido de conservar a forma não inovadora. Entretanto, como expressa Araújo (2007, p. 65/66): “é preciso cautela antes de se atribuir uma mudança linguística a este fator, porque outras variáveis, como *escolaridade* e *classe social*, podem estar interferindo no processo”.

Ressalta-se, também, que, através da comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias, ou seja, num estudo em tempo aparente, é possível saber se um fenômeno linguístico está apenas sofrendo variação, quando as variantes coexistem num mesmo momento sincrônico, ou se há uma situação de mudança em progresso, quando uma das variantes deixa de ser empregada.

Foram selecionadas amostras representativas de três faixas etárias estipuladas pelo *Corpus* do NORPOFOR:

- (i) *15 a 25 anos*: faixa etária com intervalo de 11 anos, que cobre o período da adolescência até o início da fase adulta;
- (ii) *26 a 49 anos*: faixa etária com intervalo de 24 anos, em que indivíduo deverá está no mercado de trabalho e, portanto, suscetível às pressões sociais;
- (iii) *50 anos em diante*: faixa etária diversificada, em que, integrado ou não ao mercado de trabalho, o indivíduo é menos susceptível às pressões sociais.

Nesse contexto, nosso interesse é verificar, em nossa amostra, se os jovens são mais inovadores do que os idosos. Assumiremos que falantes com idade entre *15 e 25 anos* tendem a fazer maior uso das variáveis inovadoras (objeto nulo, SN anafórico e pronome lexical) do que falantes que possuem de *26 a 49 anos*, sendo os informantes da terceira faixa, isto é, com *50 anos em diante*, os mais conservadores.

4.8.2.1.3 Escolaridade

Para o grupo de fatores *escolaridade*, a hipótese confirmada em várias pesquisas variacionistas, defendida por Labov (1966), é a de que falantes com pouco ou nenhum grau de escolarização usem com frequência significativamente mais reduzida as formas padronizadas do que os indivíduos que apresentam maior escolaridade.

Na visão de Paiva (1996), até na ausência da ação padronizadora de instituições de ensino, é comum que as sociedades elejam, geralmente com base em critérios desprovidos de todo e qualquer respaldo científico, formas que devem ser tomadas como modelares. A eleição de tais elementos costuma ter como base a linguagem que supostamente é usada pela camada socialmente prestigiada, encarregada de difundir e assegurar tais marcas entre seus membros, cabendo aos indivíduos de grupos tidos como inferiores apropriarem-se delas da forma que puderem na luta pela ascensão social.

Por isso, não se pode desconsiderar o fato de que, na amostra analisada, a escolaridade está relacionada à classe social: quanto mais escolarizado é o informante, mais alta é a sua posição na escala social.

Considerando o que foi estabelecido em nossa amostra, a escolaridade dos informantes encontra-se organizada em três categorias, conforme o *Corpus* do NORPOFOR:

- (i) *0 a 4 anos*: nível que abrange tanto os informantes que nunca frequentaram à escola quanto os que possuem o antigo primário completo ou incompleto (Ensino Fundamental I);
- (ii) *5 a 8 anos*: nível que contempla os indivíduos que apresentam o primeiro grau completo ou incompleto (Ensino Fundamental II);
- (iii) *9 a 11 anos*: nível que se refere aos informantes que têm o segundo grau completo ou incompleto (Ensino Médio).

Segundo Araújo (2011), a opção pela nomenclatura do antigo currículo escolar foi proposta por facilitar aos informantes saber em que nível de escolaridade se enquadravam, já que a maioria desconhecia a reformulação curricular.

No Brasil, a variante inovadora *pronome lexical* é estigmatizada na escrita, no entanto, esse estigma não se aplica à fala, visto que ela já está presente na variedade falada das pessoas mais letradas, como mostram os trabalhos de Mendonça (2004), Arruda (2006), Neiva (2007) e Alves (2009). Esses estudos apresentam amostras de língua falada em todos os níveis de escolaridade, destacando o uso das variantes: *objeto nulo ou categoria vazia*, *SN anafórico* e *pronome lexical* que, embora não lidere a concorrência no fenômeno, tem frequência de uso considerável.

Tencionamos verificar se os informantes com baixa escolaridade empregam menos as formas prestigiadas pela escola do que os de maior escolaridade.

4.8.2.1.4 Tema discursivo

A análise do grupo de fatores *tema discursivo* permite verificar se há interferência na escolha das variantes quando introduzidas pelo discurso *pessoal* ou *social*, no sentido de constatar até que ponto o uso da variante padrão e das variantes não padrão (SN anafórico, objeto nulo e pronome lexical) se acha condicionado à temática da fala dos informantes.

Dessa forma, esperamos que o *tema social* favoreça o uso da variante clítico acusativo e o *tema pessoal* favoreça as outras variantes: SN anafórico, objeto nulo e pronome lexical.

O grupo de fatores *tema discursivo* trata dos seguintes contextos:

- (i) *pessoal* (4.a);
- (ii) *social* (4.b).

(4.a) [...] aí ele morreu devida bebida ele morreu de uma cirrose né... da bebida... aí: eu perdi meu pai cedo meu pai morreu cedo meu pai morreu com cinquenta e dois anos... e teve esse problema... aí minha mãe ficou viúva... eu fiquei com ela... mas ela nunca... me abandonou nem eu *abandonei ela*... não casou mais...

(DID – Inq. Nº 40 – Tema: vida pessoal - 29.01.2004).

(4.b) [...] em cada sala tem três representantes, apresentamos o *projeto* e não tivemos preocupação... iniciamos o *projeto* antes de pôr \emptyset à aprovação...

(DID – Inq. Nº 37 – Tema: Sistemas de Cooperativas - 07.01.1995).

4.8.2.1.5 Tipo de registro

Ao selecionar *tipo de registro* como fator, estimamos encontrar no *DID* a maior frequência de uso das variantes: objeto nulo ou categoria vazia e SN anafórico, e no *D2* a prevalência de pronome lexical. A intenção é comparar a produção mais espontânea da fala dos informantes durante as gravações dos inquéritos com o tipo de entrevista, como podemos observar nas ocorrências a seguir:

- (i) *Diálogo entre Informante e Documentador (DID)* (5.a);
- (ii) *Diálogo entre dois Informantes (D2)* (5.b).

(5.a) *Doc*: E o SUS, agora?

Inf.: né? dizem que melhoraram... melhorou nada né minha filha? Nossa culpa porque nós é que *elegemos ele*...

(DID – Inq. Nº 84 – 07.02.2004).

(5.b) *Inf.*: 2: [...] a *bênção*... eu já estou de braços abertos pra receber \emptyset ...

Inf.: 1: É minha filha... você vai receber... os planos de Deus são perfeitos... Não tem *planos*

melhores que os \emptyset de Deus...

(D2 - Inq. N° 50 – Informante: 1 - [Fem. - 17 anos; 2 (Fem. – 17 anos)]- 06.12.2003).

4.8.2.2 Variáveis linguísticas

Tendo como base a comprovação, nos trabalhos realizados em outras localidades do Brasil, da influência das variáveis linguísticas no uso do ODA de 3ª pessoa, selecionamos, como já informamos em nosso estudo, oito grupos de fatores linguísticos: *traço semântico do antecedente*, *número do sintagma nominal objeto*, *forma verbal*, *a estrutura sintática da sentença*, *tipo de oração*, *presença ou ausência do sujeito*, *tipo de antecedente* e *topicalização do antecedente*. O intuito é de confirmar a atuação e o comportamento dessas variáveis.

4.8.2.2.1 Traço semântico do antecedente

O fator *traço semântico do objeto* [+/- animado] foi referendado nas pesquisas de Omena (1978), Pereira (1981), Duarte (1986), Correa (1991), Cyrino (1997), Freire (2000), Marafoni (2004), Neiva (2007) entre outras, por apresentar influência na realização das variantes do ODA. Conforme Duarte (1986), o *traço [+animado]* favorece o uso da variante pronome lexical e o *traço [-animado]* favorece o uso da variante objeto nulo ou categoria vazia.

Tendo como base esses estudos, nossa expectativa para esse grupo de fatores é encontrar maior ocorrência de objeto nulo ou categoria vazia com antecedente [-animado]; aguardamos também que ocorra maior incidência de pronome lexical com antecedente [+animado], por isso, propomos a investigação dos seguintes contextos em relação ao grupo *traço semântico do antecedente*:

- (i) [+animado] ((6.a) e (6.b));
- (ii) [-animado] ((6.c) e (6.d)).

(6.a) [...] não aquela é minha cunhada... quem disse \emptyset ... fui eu que ela sempre tá aqui porque ela (...)... sai pra trabalhar e eu fico aqui né... ela me ajuda e eu ajudo *ela*...

(DID - Inq. N° 115 - 12.08.2005).

(6.b) [...] Não na... na... por exemplo a minha filha tem um padrinho né quando eu não era... é...

crente eu batizei ela né. E quem registrou \emptyset ... fui eu...

(DID - Inq. Nº 115 - 12.08.2005).

(6.c) [...] é pesado é:: sim... olha um móvel desse aqui... é cem reais ____ sendo ele todo de mogno... vai pra seiscentos a mil reais um \emptyset ... desse...

(DID - Inq. Nº 84 - 07.02.2004).

(6.d) [...] é... você pega um... um... um... uma cadeira...você... ó levanta ela... e sai levando \emptyset ...

(DID - Inq. Nº 84 - 07.02.2004).

4.8.2.2.2 Número do Sintagma Nominal objeto

Ao considerar o *número do Sintagma Nominal objeto*, temos como base os resultados apresentados por Brito (2010, p. 65), que destaca o favorecimento do clítico quando o objeto é *singular*, sendo *plural*, destaca o pronome lexical, o SN anafórico e o objeto nulo ou categoria vazia. Em observância aos resultados de Brito (2010, p. 65), estimamos que os contextos de referente *SN singular* sejam propensos ao uso do clítico acusativo e nos contextos de referente *SN plural* prevaleça o uso do pronome lexical, do SN anafórico e do objeto nulo.

Em nosso trabalho, elegemos os seguintes fatores para esse grupo:

- (i) *Singular* ((7.a) e (7.b));
- (ii) *Plural* ((7.c) e (7.d)).

(7.a) [...] eu *a* encontrei no colégio procurando vaga só que para esse ano agora não deu certo por que já tinha acabado...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(7.b) [...] Então ela *o* ajudou a si levantar e chegar em casa...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(7.c) [...] são uns conhecidos nossos uns *colegas* de escola... faz tempo que nós não *vemos eles* né...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(7.d) [...] de manhã nós ia cuidar dos *meninos* até::... até de noite na hora de *botar os meninos* pra dormir...

(DID - I Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

4.8.2.2.3 *Tempo e modo verbal*

Vários são os estudos que investigam a influência do tempo e modo verbal no emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa no PB, dentre eles destacamos o de Duarte (1986, p. 22) que, observando esse condicionamento no ‘contexto de natureza morfológica’, com base na fala de seus informantes, tem como hipótese “a forma em que se encontra o verbo da oração em que ocorre o objeto direto anafórico seria relevante na escolha da variante”.

Duarte (1986) apresenta os seguintes resultados: a absoluta falta de ocorrência de clítico com o verbo no imperativo, tempos compostos e locuções verbais com o gerúndio; o uso da categoria vazia superando todas as outras variantes, independentemente da forma verbal, exceto para os SNs anafóricos, nas construções com gerúndio. Para a autora, não há dúvida de que é a forma verbal o fator que sustenta as esporádicas ocorrências de clíticos.

Os resultados de Duarte (*op. cit.*) constituem-se em hipóteses confirmadas em muitos trabalhos variacionistas (MARAFONI (2004), MENDONÇA (2004), FIGUEIREDO SILVA (2004), BRITO (2010), entre outros). Duarte (1986, p. 22) supõe que: “fatores de ordem fonológica estariam atuando no desaparecimento do clítico na língua falada, com a recusa ao encontro de vogais, como em ‘coloque-o’, que fogem à ordem silábica canônica do português – CVCV”. Entretanto, a autora também aponta a recusa da forma ‘no’ que segue uma nasal e que manteria tal ordem. E poderia ainda servir para reforçar a ideia de que, na manutenção dessa ordem não parece ser muito importante para o falante o fato de que quase todos os infinitivos seguidos de pronome lexical na amostra da autora perderam o fonema (r), o que provocou o encontro de vogais (*levá ele*).

Baseando-se nos estudos de Duarte (1986), estima-se encontrar a variante padrão nas formas verbais com infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo e o objeto nulo ou categoria vazia nos verbos flexionados. A intenção é verificar se a escolha de uma das variantes estaria condicionada a uma determinada forma verbal.

Partindo dessas considerações, o grupo *tempo e modo verbal* compõem-se dos seguintes fatores:

- (i) *infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo* ((8.a), (8.b), (8.c), (8.d),

(8.e) e (8.f));

(ii) *verbos flexionados* ((8.g), (8.h), (8.i) e (8.j)).

(8.a) [...] eu não gosto muito de *lavar roupa* não nem de *engomar* Ø não gosto muito... () o que eu gosto mais só é serviço de casa mesmo...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.b) [...] ele disse mim olhando eu não quero só você pra mim ficar usando não eu quero você pra ser minha mulher quero você quero seus *filhos* pra mim ficar assumindo respeitando eles e ajudando a criar Ø...

(DID - Inq. Nº 130 - 12.08.2005).

(8.c) [...] se a mãe tivesse *pegado ele* tinha falado poucas e boas eu acho...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.d) [...] se tudo der certo termino o *trabalho* esta semana e já pego o Ø da minha irmã que fica só falando...

(DID - Inq. Nº 130 - 12.08.2005).

(8.e) [...] esse é um material delicado não *pegue ele* de qualquer jeito nem estrague nem jogue fora...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.f) [...] faça todas as *tarefas* pesadas agora e as Ø leves deixe pra depois quando voltar das compras...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.g) [...] O primeiro eu conheci quando... (eu) morava lá perto de casa que ele... conhecia meu irmão aí eu... *conheci ele*... e o... o outro eu conheci quando eu tava na casa da minha ex-sogra da mãe do falecido né... que eu *conheci ele* que ele trabalhava lá perto aí eu... nós nos conhecemos...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.h) [...] O outro também:.... eu nunca fui lá também não está com sete anos que eu não *vejo ele* que ele não (vem) né.

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.i) [...] eu? *Levava ele* para o hospital... aí eu *leve* *ele* para o hospital ele tomou soro... passaram uns remédios para ele aí eu... *trouxe ele* para casa e ele ficou bom...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(8.j) [...] não... não... acho que ninguém mais ninguém mais né?... Tenho uma irmã minha que ficou viúva e o marido *deixou ela* bem né?...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

4.8.2.2.4 Estrutura sintática da sentença

A *estrutura sintática da sentença* é um fator considerado relevante na seleção da variante, como mostram os resultados do trabalho de Duarte (1986, p. 24), que encontrou, em estruturas simples (SVO – Sujeito/Verbo/Objeto), 76,2% de objeto nulo ou categoria vazia.

Tendo como base os resultados do estudo de Duarte (1986), estima-se que, em *estrutura simples da sentença (S/V/O)*, prevaleça o uso de objeto nulo ou categoria vazia.

Para verificar a atuação deste grupo de fatores, foram distribuídas as seguintes construções:

- (i) *estrutura simples* (SVO) (Sujeito/Verbo/Objeto) (9.a);
- (ii) *estruturas complexas*: (SVOD) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto) (9.b); (SVOD + PRED) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto + Predicativo) (9.c) e (SVODI) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto/Indireto) ((9.d), (9.e) e (9.f)).

(9.a) [...] eu *procuro ela*...

(DID - Inq. Nº 158 - 15.11.2006).

(9.b) [...] ele *amarrou ela*, tentou fazer besteira e *roubou ela*...

(DID - Inq. Nº 10 - 12.12.2005).

(9.c) [...] porque eu queria *ter um menino*. Eu acho \emptyset ... tão bom...

(DID - Inq. Nº 115 - 12.08.2005).

(9.d) [...] não, eu *dou carinho pra eles*, mas eles não fazem muita questão não...

(DID - Inq. Nº 115 - 12.08.2005).

(9.e) [...] eu fui ganhar a liberdade com 18 anos. Eu *conto* Ø... pra todo mundo...

(DID - Inq. Nº 115 - 12.08.2005).

(9.f) [...] ela parou agora porque *o marido* está ganhando mais... Então *o marido proibiu ela* de trabalhar...

(DID - Inq. Nº 115 - 12.08.2005).

4.8.2.2.5 Tipo de oração

No estudo do ODA de terceira pessoa, *tipo de oração* é fator que possibilita a ocorrência do objeto nulo ou categoria vazia no PB, observação confirmada nos trabalhos de Cyrino (1997), Galves (1984), Freire (2005), Marafoni (2004) e Brito (2010), centrados no português falado no Brasil. Fato que nos leva à hipótese de encontrar nas orações principais maior frequência de uso de SN anafórico e pronome lexical e, nas coordenadas e subordinadas, preferência de uso de objeto nulo ou categoria vazia. Para confirmar a ocorrência do objeto nulo ou categoria vazia no PB, observa-se a interferência do contexto sintático, considerando os tipos de orações:

- (i) *principal* (absoluta) (10.a);
- (ii) *coordenadas e subordinadas* (10.b).

(10.a) [...]eu não *conhecia ele* na igreja...

(DID - Inq. Nº 83 - 03.02.2004).

(10.b) [...] era uma *menina lá mas* eu num conhecia Ø... muito direito...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

4.8.2.2.6 Presença ou ausência do sujeito

A escolha do fator *presença ou ausência do sujeito* tem como base o estudo de Figueiredo Silva (2004), que analisou a posição de Tarallo (1993) em um artigo em que afirma que a estrutura da sentença no PB, diferentemente do PE, tende a apagar os objetos e preencher o sujeito, ou seja, ao mesmo tempo em que o sujeito pronominal vem sendo preenchido, o objeto direto anafórico tem se apagado. A intenção da autora, ao aplicar esse

fator linguístico, foi verificar se, num dialeto rural afro-brasileiro, encontra-se o mesmo comportamento sintático que Tarallo encontrou ao analisar um *corpus* diacrônico.

Em nossa amostra, tencionamos encontrar objeto nulo ou categoria vazia em sentenças com sujeito preenchido e o pronome lexical, quando de sua ausência. Por isso, propomos o controle dos fatores a seguir:

- (i) *presença do sujeito* (11.a);
- (ii) *ausência do sujeito* (11.b).

(11.a) [...] *eles botava os cavalos em cima das pessoa né...*

(DID - Inq. Nº 93 - 20.03.2004).

(11.b) [...] *bem pertinho ali de onde tem a Mesbla por ali...*

(DID - Inq. Nº 93 - 20.03.2004).

4.8.2.2.7 *Tipo de antecedente*

O controle do fator *tipo de antecedente* tem como base o trabalho de Brito (2010), no qual um antecedente indefinido apresentou tendência a favorecer o objeto nulo.

Entendemos como *antecedente definido* um referente que fornece uma descrição detalhada, que permite identificá-lo no universo do discurso, ou seja, um referente explícito no contexto, como exemplo, os nomes próprios, os pronomes pessoais dêiticos que apontam para um objeto (indivíduo) no mundo. E por *antecedente indefinido*, um SN que pode referir-se a um único indivíduo (objeto), específico, embora não identificado, nesse caso, a referência se torna genérica, isto é, uma proposição que diz alguma coisa não sobre um indivíduo específico, ou sobre um grupo de indivíduos, mas a referência se estende à classe dos indivíduos como um todo.

Com base nesse entendimento, propomos a investigação dos seguintes contextos em relação ao grupo *tipo de antecedente*:

- (i) *definido* (12.a);
- (ii) *indefinido* (12.b).

(12.a) [...] O “X” estuda... A mãe *colocou ele* agora nesse ano por que nós viemos nos interessar...

(DID - Inq. Nº 09 - 19.10.2005).

(12.b) [...] pelo menos aqui em casa é difícil agente encontrar *fogareiro*... acho que num tem \emptyset ... não...

(D2–Informante 1 - Inq. N° 93 - 20.03.2004).

Para esse grupo de fator, supomos que as estruturas com antecedente indefinido favoreçam a ocorrência do objeto nulo ou categoria vazia e nas estruturas com antecedente definido ocorra o uso de pronome lexical.

4.8.2.2.8 *Topicalização do antecedente*

Para verificar a posição do tópico, ou seja, controlar a realização do objeto em posição argumental, selecionamos o grupo de fator: *topicalização do antecedente*, tendo como base o estudo de Marafoni (2010), para o qual os pronomes em contextos de topicalização seriam favoráveis ao uso do objeto nulo ou categoria vazia, tanto em PB quanto em PE.

A hipótese para esse grupo de fator é que em estrutura sintática topicalizada prevaleça o uso do objeto nulo e a não topicalizada o uso de pronome lexical, como se pode interpretar nos contextos *topicalizado e não topicalizado* a seguir:

- (i) *Antecedente topicalizado* (13.a);
- (ii) *Antecedente não topicalizado* (13.b).

(13.a) [...] *Doc.*: Agora tem merenda, né?...

Inf.: É, merenda ele vai pegar \emptyset ... né... Quem tem dinheiro compra \emptyset ... né...

(DID – Inq. N° 37 - 25.11.2003).

(13.b) [...] que no início eles... começaram a ver que tava acontecendo... morte...por causas que antes não acontecia \emptyset ...né?...

(DID – Inq. N° 01 - 06.10.1993).

4.9 AS HIPÓTESES SOBRE O FENÔMENO VARIÁVEL

Os critérios que determinaram a escolha de fatores linguísticos e, principalmente, extralinguísticos, como o sexo, a faixa etária, a escolaridade, aliados às pesquisas variacionistas, refletem as hipóteses que fundamentam este trabalho. Partimos do pressuposto

de que faixa etária e nível de escolaridade mais alto favorecem o uso da variante padrão (clítico acusativo) e das variantes não padrão: o SN anafórico e o objeto nulo ou categoria vazia. Contrariamente, a faixa etária dos mais jovens e o nível de escolaridade mais baixo propiciariam o uso da variante não padrão, no caso, o pronome lexical.

A seguir, listamos as hipóteses secundárias ou específicas que norteiam esse estudo:

- (i) *Tempo e modo verbal*: estima-se encontrar no *infinitivo*, *gerúndio*, *particípio*, *subjuntivo* e *imperativo*, a variante considerada padrão e nos *verbos flexionados*, a variante objeto nulo ou categoria vazia;
- (ii) *estrutura sintática da sentença*: estima-se que na *estrutura simples (SVO)* da sentença prevaleça o uso de pronome lexical e nas *complexas* o objeto nulo ou categoria vazia;
- (iii) *tipo de antecedente*: espera-se que ocorra maior ocorrência da variante objeto nulo ou categoria vazia nas estruturas com *tipo de antecedente indefinido*, e com *antecedente definido* ocorra o uso de pronome lexical;
- (iv) *traço semântico do objeto*: a hipótese a verificar para esse grupo de fatores é a de que haja uma ocorrência maior de objeto nulo ou categoria vazia com *antecedente [-animado]*, e que ocorra maior incidência de pronome lexical com *antecedente [+animado]*;
- (v) *tipo de oração*: acredita-se que nas orações *principais* haja maior frequência de uso de SN anafórico e pronome lexical e nas *coordenadas* e *subordinadas* preferência de uso de objeto nulo ou categoria vazia;
- (vi) *presença ou ausência do sujeito*: estima-se que a *presença do sujeito* na oração prevaleça o uso de objeto nulo ou categoria vazia, e a *ausência* prevaleça o uso de pronome lexical;
- (vii) *número do SN objeto: singular ou plural*: estima-se que o *número do SN singular* seja propenso ao uso do clítico acusativo, e o *plural* prevaleça o uso do pronome lexical;
- (viii) *topicalização do antecedente*: estima-se que em estrutura sintática *topicalizada* haja maior frequência de uso do objeto nulo e a *não topicalizada* de pronome lexical;
- (ix) *sexo*: nossa hipótese é que as *mulheres* utilizam mais a forma prestigiada na língua, no caso a variante clítico acusativo, do que os *homens*;

- (x) *faixa etária*: pretende-se verificar neste estudo se os jovens são mais inovadores do que os idosos. A intenção é investigar se falantes com idade entre *15 e 25 anos* fazem maior uso das variáveis inovadoras (objeto nulo, SN anafórico e pronome lexical) do que falantes que possuem de *26 a 49 anos*, sendo os informantes da terceira faixa, isto é, com *50 anos em diante*, os mais propícios a utilizarem a variante padrão (clítico acusativo);
- (xi) *escolaridade*: nossa expectativa é de que falantes de nível I (*0 a 4 anos*), com nenhum ou menores níveis de escolarização, por possuírem pouco contato com a variante padrão (clítico acusativo), presente no ambiente escolar, tendam mais ao uso da variante não padrão (pronome lexical). Enquanto falantes com níveis intermediários de escolarização, nível II (*5 a 8 anos*) e maior nível de escolarização, nível III (*9 a 11 anos*), apresentariam maior frequência de uso da forma normativa (clítico acusativo);
- (xii) *tema discursivo: social e pessoal*: a expectativa é que o *tema social* tenha mais aproximação com a prescrição gramatical e que o *tema pessoal* seja favorecedor das variantes não padrão (SN anafórico, objeto nulo e pronome lexical);
- (xiii) *tipo de registro: DID e D2*: estimamos encontrar no *DID* a maior frequência de uso das variantes não padrão, mas menos estigmatizadas nas prescrições gramaticais, no caso, o objeto nulo ou categoria vazia e o SN anafórico, e a prevalência de pronome lexical no *D2*.

No tópico a seguir, far-se-á breve descrição dos critérios para a codificação dos dados.

4.10 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Para codificar nossos dados, tratamos de catalogar todas as ocorrências do nosso fenômeno dentro da amostra da comunidade de fala da cidade de Fortaleza. Cumprindo uma das etapas de análise estabelecida nos parâmetros da Sociolinguística Variacionista: a atribuição de códigos tanto para as variáveis dependentes como independentes. Segundo Coelho *et. al.*, (2015, p. 135), para a codificação, recorre-se “as letras, números e os símbolos dos caracteres do computador, de modo que cada código deve corresponder a um único caráter”.

Seguindo as exigências do programa estatístico, cada uma das variantes da variável dependente ODA de 3ª pessoa, recebeu um código. Foram adotados os códigos 1, 2, 3 e 4 respectivamente, para as variantes: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia. Para as demais variáveis independentes, foram utilizadas letras do alfabeto, procurando associá-las, sempre que possível, aos fatores investigados.

Ressalta-se, entretanto, que os códigos a serem utilizados nos fatores ficam a critério do pesquisador. É importante criá-los de modo que eles possam lembrar o fator facilmente durante toda a análise, pois todos os resultados gerados pelo programa são expostos por meio desses códigos (Chave de Codificação no APÊNDICE B).

4.11 PROGRAMA DE REGRAS VARIÁVEIS UTILIZADO

Neste trabalho, a análise estatística dos dados foi concretizada com a utilização do *GOLDVARB X*, versão atualizada para *Windows* do pacote de programas *VARBRUL*. Conforme Guy e Zilles (2007 p. 105), “um conjunto de programas computacionais de análise multivariadas, especificamente estruturadas para acomodar dados de variação sociolinguística”. (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

Partimos do pressuposto de que é através de modelos quantitativos que se podem estabelecer correlações entre fatos linguísticos e extralinguísticos, o que proporciona uma melhor visão da variação da língua. O *GOLDVARB X* avalia a relação estatística que as variáveis têm entre si em diferentes contextos. Essa avaliação é representada por meio de outras medidas além das porcentagens, como os pesos relativos, que fornecem dados mais consistentes.

Ressaltamos que os arquivos do *GOLDVARB X* têm extensões: *.tkn* (arquivos de dados), *.res* (arquivos de resultados (especificações, porcentagens, pesos relativos, tabulações cruzadas...), *.cnd* (arquivos de condições) e *.cel*. (arquivos de células). E todos os resultados gerados pelo programa durante uma sessão ficam em um arquivo *.res* nas janelas abaixo ou ao lado da janela do arquivo de dados.

Dessa forma, com o arquivo de dados pronto (*tokens*), criamos o arquivo de especificações, ou seja, informamos ao programa todos os grupos e todos os fatores de cada grupo, para, então, fazer a nossa primeira rodada com todos os grupos e todos os fatores para um resultado inicial, o que possibilitou uma análise da quantidade de ocorrências e os percentuais para cada variante em relação a cada fator considerado nos grupos de fatores.

Nesse sentido, imprimimos o arquivo de células para fazer uma primeira análise e percebemos que não houve *Knockouts* a eliminar, pois nenhum fator apresentou regra categórica (0% ou 100% dos dados). Assim, os arquivos de células não apresentaram nenhum problema a ser resolvido, estando prontos a serem submetidos ao cálculo dos pesos relativos, a rodada final do *GOLDVARB X*.

Entretanto, como temos quatro variantes a controlar: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia e o programa só faz rodadas binárias para gerar os pesos relativos, optamos por rodar os dados em função do pronome lexical. Para tanto, amalgamamos as três variantes: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo ou categoria vazia, resultando em pronome lexical x outras variantes. Essa decisão foi tomada com base em nosso foco de análise: o pronome lexical, que mesmo sendo não padrão, é uma forma bastante empregada na fala.

Com o arquivo de códigos, procedemos à rodada final para gerar os pesos relativos. O peso relativo é estabelecido de 0 a 1,00 e é calculado de acordo com o tipo de variável independente (binária, ternária ou eneária) de modo que a soma do peso de cada variante seja 1,00.

O programa começa com o *Stepping up*. No nível 0, ele apresenta o *input* inicial, que corresponde ao percentual total da regra de aplicação. O *input* “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

Em seguida, o programa apresenta vários níveis de análise. No nível 1, ele roda cada grupo isoladamente. No nível 2, roda os grupos dois a dois; no nível 3, cruza os grupos três a três e assim por diante. Nesta rodada, o programa identifica os pesos no nível 5 da rodada, após constatar que não há mais grupos significativos. Assim, ele seleciona os grupos estatisticamente significativos. E indica onde se encontra os melhores resultados, considerando a ordem em que se apresentam. Ressalta-se que quanto maior o *log likelihood*, maior a robustez dos dados. O nível de significância é o nível de confiabilidade dos resultados.

Após a seleção do *Stepping up*, o programa começa o *Stepping down*. Ele começa, geralmente, com todos os grupos e vai retirando cada um, depois retira dois, depois retira três e assim por diante. Ao final, apresenta os grupos eliminados, após constatar não existirem mais grupos relevantes e volta a informar onde estão os melhores resultados.

De posse dos resultados, passamos a analisar cada grupo (número de ocorrências/total, percentual e peso relativo) e explicá-los à luz da Sociolinguística Variacionista.

5 DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, procedemos à análise dos dados do emprego do objeto direto anafórico (ODA) de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza, após terem sido codificados de acordo com os fatores estabelecidos na Chave de Codificação e submetidos ao pacote de programas de análise quantitativa *GOLDVARB X*, que estabelece a frequência dos fatores de cada grupo, indicando também, em rodadas binárias (com duas variantes), os grupos de fatores relevantes e seus respectivos pesos relativos.

Entretanto, antes de iniciar a análise propriamente dita, descrevemos a estrutura seguida na execução da investigação empírica desta pesquisa: em primeiro lugar, evidenciamos a análise da variável dependente, as etapas posteriores empreendidas neste capítulo se referem às variáveis linguísticas e extralinguísticas; à análise das variáveis linguísticas selecionadas para o fenômeno em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária); às variáveis linguísticas não selecionadas como relevantes para o fenômeno; às variáveis extralinguísticas selecionadas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária) e à variável extralinguística não selecionada como relevante para o fenômeno.

Acreditamos que essa estrutura, realizada para obter uma visão ampla das ocorrências dentro de cada grupo de fatores, fornece um conjunto de informações que, além de caracterizar a amostra investigada, poderá proporcionar subsídios que, certamente, auxiliarão na interpretação dos resultados estatísticos dos fenômenos que ora propomos investigar no português de Fortaleza.

5.1 ANÁLISE DA VARIÁVEL DEPENDENTE

O fenômeno variável de realização do ODA de 3ª pessoa, nossa variável dependente, realiza-se, na comunidade de fala, por meio de quatro variantes: clítico acusativo (14.a), SN anafórico (14.b), pronome lexical (14.c) e objeto nulo ou categoria vazia (14.d).

(14.a) [...] É... eu vi-o ontem... quando a gente vinha do DÓ-RÉ-MI...

(D2 - Inq. N° 50 - 06.12.2003 – Informante 2: mulher, 17 anos).

(14.b) [...] A gente mesmos pega a mandioca e faz farinha... e vende já *farinha* pronta...

(DID - Inq. N° 06 - 25.01.2004).

14.c) [...] Tu sabia que eu tirei *ele* no amigo secreto... aqui tem o CD do Gabriel Pensador...

(D2 - Inq. Nº 50 - 06.12.2003 – Informante 2: mulher, 17 anos).

(14.d) [...] Eu tava na sala quando a menina entrou e eu não vi \emptyset vi só a D...

(D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante 1: mulher, 41 anos).

Estas quatro possibilidades de manifestação do ODA de 3ª pessoa, como já mencionadas, demonstram a sua variabilidade, o que vem apontando as pesquisas, e enfatizando que a variante clítico acusativo encontra-se em fase de quase desaparecimento, no que se refere à língua falada, como já haviam demonstrado os trabalhos de Omena (1978 [0%]), Pereira (1981 [0,9%]), Duarte (1986 [4,9%]), Marafoni (2004 [0,7%]), Figueiredo Silva (2004 [0%]), Mendonça (2004 [0%]), Matos (2004 [0%]), entre outros considerados em nossa pesquisa.

Para delimitar o fenômeno linguístico variável, tem-se, a seguir, a distribuição das ocorrências de ODA de 3ª pessoa no *corpus* de Fortaleza, que somam um total, em nossa amostra, de 8.255 (oito mil, duzentos e cinquenta e cinco), provenientes do projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), conforme podemos observar na tabela 5, a seguir:

Tabela 5 – Distribuição do número de *inquéritos e ocorrências de objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo tipo de registro na fala de Fortaleza*

CORPUS NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza

Tipo de Registro	DID – Diálogo entre Informante e Documentador	D2 – Diálogo entre Dois Informantes	TOTAL
Nº de Inquéritos	54	29	83
Nº de Ocorrências	6.841	1.414	8.255

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Em relação ao *tipo de registro: DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes*, podemos inferir que a maior quantidade de ocorrências do primeiro deve-se ao número de inqueritos analisados, que difere do segundo.

No que diz respeito ao número de ocorrências e frequências de ODA de 3ª pessoa na amostra selecionada, podemos observar os resultados gerais na tabela 6, a seguir:

Tabela 6 – Variação na forma do *objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza*

Forma do objeto direto anafórico

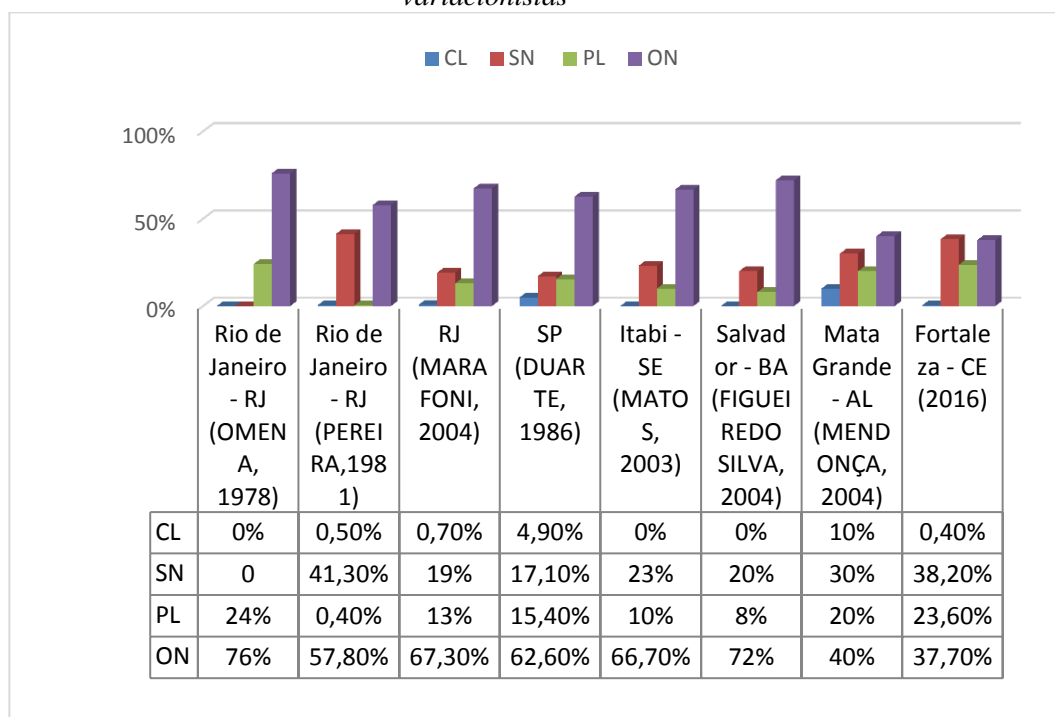
Clítico (CL)		Sintagma Nominal anafórico (SNa)		Pronome lexical (PL)		Objeto Nulo (ON)		TOTAL	
Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
35	0,4	3.155	38,2	1.950	23,6	3.115	37,7	8.255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Observando esses resultados, percebe-se a baixíssima frequência de emprego do clítico acusativo (0,4%) na fala e as frequências consideráveis das outras estratégias de ODA de terceira pessoa, quais sejam, o sintagma nominal anafórico (38,2%), o objeto nulo ou categoria vazia (37,7%) e o pronome lexical (23,6%).

Procedemos, na sequência, com o comparativo dos resultados gerais evidenciados na amostra de fala de Fortaleza com alguns dos resultados de estudos sociolinguísticos que consideraram o fenômeno em outros lugares do Brasil. Atentemos para o Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 - Frequência de realização do *objeto direto anafórico de 3ª pessoa em alguns estudos variacionistas*



Fonte: elaborada pela pesquisadora, a partir de dados das pesquisas de Omena (1978), Pereira (1981), Duarte (1986), Matos (2003), Marafoni, Figueiredo Silva, Mendonça (2004) e nosso estudo 92016).

Observa-se, no gráfico 3, o resultado da análise dos três estudos do Rio de Janeiro-RJ, em épocas e amostras diferentes, o de São Paulo-SP, o de Itabi-SE, o de Salvador-BA, o de Mata Grande-AL e o de Fortaleza-CE, e é possível se verificar: as raras aparições no uso do clítico acusativo de terceira pessoa, confirmando não ser essa uma opção predominante de uso do falante; uso bastante significativo de SN anafórico; maior percentual de uso da categoria vazia, confirmando que esta variante está se implementando na gramática dos falantes.

No entanto, para uma síntese da análise de dados, aqui apresentada, procuramos nos concentrar na variante *pronome lexical*, que apresenta, nas amostras, distribuição significativa, com exceção do trabalho de Pereira, desenvolvido no Rio de Janeiro em 1981, que apresentou somente 0,4% de frequência, o que aponta que essa variante está presente nos padrões de uso da língua falada, exibindo um possível encaixamento estrutural.

Na sequência, passamos a tratar das frequências de uso e dos pesos relativos para cada um dos fatores linguísticos e extralinguísticos considerados em nossa pesquisa, a fim de melhor interpretar a análise aqui realizada. Cabe destacar que propomos uma análise quaternária, como apresentada por outros autores, e uma análise binária, com oposição entre o emprego do pronome lexical e as demais estratégias de realização do ODA de 3ª pessoa (SN

anafórico, objeto nulo e clítico acusativo), a qual permite a verificação dos grupos de fatores considerados relevantes e também a apresentação dos pesos relativos.

5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

Apresentaremos, nesta seção, os contextos dos condicionantes linguísticos e extralinguísticos selecionados como relevantes pelo programa *GOLDVARB X*. Como mencionamos, desenvolveremos nossa análise de forma sequencial, ou seja, iniciaremos com as análises das frequências gerais e daremos continuidade com os pesos relativos.

Trabalhamos com 13 grupos de fatores, sendo 8 linguísticos e 5 extralinguísticos. Na rodada quaternária, o programa apresentou suas frequências brutas e, na rodada binária, além das frequências, seus pesos relativos. Dessa forma, identificou os pesos relativos no nível 8 da rodada, após constatar que não havia mais grupos significativos. Oito variáveis foram selecionadas com $\log \text{likelihood} = -3746.507$, $\text{Significance} = 0.050$ e $\text{input}.179$ para o pronome lexical (PL) versus as três variantes dependentes juntas: clítico acusativo (CI), SN anafórico (SNa), objeto nulo (ON), e cinco grupos de fatores foram eliminados, conforme informações apresentadas na tabela 7, a seguir¹⁶:

Tabela 7 - Ordem de seleção dos fatores para o fenômeno objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza

Variáveis		Fenômeno	Selecionados	Não selecionados
Linguísticas		O traço semântico do antecedente	2º	
		Topicalização do antecedente	3º	
		Presença ou ausência do sujeito	5º	
		Tempo e modo verbal	8º	
		A estrutura sintática da frase		x
		Número do SN objeto		x
		Tipo de antecedente		x
		Tipo de oração		x
Extralinguísticas	cas	Escolaridade	1º	
		Tipo de Registro	4º	
		Sexo	6º	
		Faixa etária	7º	
		Tema discursivo		x

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

¹⁶Conforme Guy e Zilles (2007, p.238), o *input* “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente”. Quanto maior o *log likelihood*, maior a robustez dos dados. O nível de significância é o nível de confiabilidade dos resultados.

Na tabela 7, observa-se que, dentre as oito variáveis linguísticas controladas, apenas quatro foram selecionadas pelo programa *GOLDVARB X*: *traço semântico do antecedente*, *topicalização do antecedente*, *presença ou ausência de sujeito e tempo e modo verbal*. Já para as cinco extralinguísticas, *somente o tema discursivo*, que controla os contextos *social e pessoal*, não foi selecionado, o que revela que a variável não possui peso no emprego do ODA de 3ª pessoa.

Na sequência, analisa-se cada uma dessas variáveis, a começar pelas linguísticas, em termos de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária), dando prosseguimento com as variáveis extralinguísticas, das quais se destaca a *escolaridade*, a primeira selecionada.

Ressalta-se que, em nossa amostra, nas entrevistas DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes), consideramos somente a fala dos informantes.

5.2.1 Análise das variáveis linguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária)

O grupo *traço semântico do antecedente [+animado] e [-animado]*, segundo grupo de fatores selecionados na amostra como relevante pelo programa estatístico *GOLDVARB X*, será o primeiro fator a ser analisado para o objeto direto anafórico de 3ª pessoa, por tratarmos, inicialmente, como exposto acima, dos fatores linguísticos.

5.2.1.1 Traço semântico do antecedente

A hipótese para o grupo de fatores linguísticos *traço semântico do antecedente*, proposta por Duarte (1986), é de que o objeto nulo ou categoria vazia e o pronome lexical tenham seu uso vinculado aos traços [*+/- animado*]. Segundo a autora, o objeto nulo é favorecido com o traço [*-animado*], e o pronome lexical quando o ODA de 3ª pessoa exhibe o traço [*+animado*]. Cyrino (1997) também destaca que o objeto nulo ou categoria vazia possui normalmente o traço [*- animado*].

Tendo como base esses estudos, nossa expectativa para esse grupo de fatores é encontrar maior ocorrência de objeto nulo ou categoria vazia com antecedente [*-animado*]; aguardamos também que ocorra maior incidência de pronome lexical com antecedente [*+animado*].

A seguir, apresentamos os resultados relativos à nossa amostra, na tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo traço semântico do antecedente na fala de Fortaleza*

TRAÇO DO ANTECEDENTE	Variantes									
	Clítico		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
[+animado]	25	0,7	1221	31,8	1275	33,2	1314	34,3	3835	46,5
[-animado]	10	0,2	1934	43,8	675	15,3	1801	40,7	4420	53,5
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

A tabela 8 registra, para o traço [-animado], a frequência de 43,8% de SN anafórico (15.a) e 40,7% de objeto nulo ou categoria vazia (15.b), percentuais muito próximos. Podemos perceber ainda a frequência de 33,2 % de emprego do pronome lexical, nos casos de ODA com antecedente [+animado] (15.c), e 15,3% [-animado] (15.d). A variante *clítico acusativo*, apesar de baixa frequência geral, apresentou, para o traço [+animado] (15.e), 0,7% da categoria de traço [-animado] (0,2%) (15.f).

Como mostram os resultados, a frequência de 33,2% de uso do pronome lexical nas ocorrências [+animado] (15.g) (15.h) e as de 40,7% de objeto nulo, apresentados para a categoria [-animado] comprovam a nossa hipótese. Os resultados demonstram ainda, além da variabilidade de uso do ODA de 3ª pessoa, a tendência de emprego de SN anafórico para referentes com traço [-animado].

(15.a) [...] joga o bolo no forno, espera, não é? (...) deixa assar bem o *bolo*...

(D2 - Inq. Nº 99 - 26.02.2004 – Informante 1: mulher, 42 anos).

(15.b) [...] Ah mulher só é pra fazer *a comida*. (...) É. As mulher só tem o trabalho só de fazer \emptyset ...
E o home é quem come...

(D2 - Inq. Nº 153 - 18.05.2005).

15.c) [...] Aí tu *botou ela* pra dormi::r... aí voltou... e nós lá esperando fazia era tempo que a gente estava lá esperando... e tu não chegava e eu vamos dona Z. atrás de::la porque ela tá custando... será que ela foi *levar ela* no hospital?...

(D2 - Inq. Nº 99 - 26.02.2004 – Informante 2: mulher, 28 anos).

(15.d) [...] Pois é... ela foi quem veio deixar o álbum de fotografia da J. ... acho que ela veio *deixar ele* aí a J. mandou por ela o álbum de fotografia... aí ela veio *deixar ele* aqui em casa...

(D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante 2: mulher, 41 anos).

- 15.e) [...] Mas... mas eu digo assim *S...* é porque toda vida a *G. o convida ...* manda é os lesados dele... os abestado... num sabem nem bater uma foto...

(D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante 2: mulher, 40 anos).

- (15.f) [...] *Os convite* menina ela disse que só ia receber quatro... DOIS era dela e do E... né... e os outros dois... ela disse que vai manda-*lo* pra família...

(D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante: mulher, 41 anos).

- (15.g) [...] O chefe da minha empresa *convidou ele* para trabalhar... é o dono... ele é o dono da empresa, ele é... major do exército...

(DID– Inq. Nº 22 - 03/11/2004).

- (15.h) [...] Ele tem três filhos dois menino e uma menina mas ontem ela foi *deixou ele* do lado de fora...no meio da rua...na calçada...

(DID– Inq. Nº 10 - 12/12/2005).

Dando prosseguimento à análise do grupo de fatores *traço semântico do antecedente*, como mencionado, primeiro fator linguístico selecionado como relevante na análise binária, que trata da oposição entre o pronome lexical e as demais estratégias (SN anafórico, clítico acusativo e objeto nulo ou categoria vazia), passamos a observar os resultados evidenciados na tabela 9, a seguir.

Tabela 9 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo *traço semântico do antecedente* na fala de Fortaleza: resultado para a variável pronome lexical

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
[+animado]	1275/3835	33,2%	0,628	2560/3835	66,8%	0,372
[-animado]	675/4420	15,3%	0,388	3745/4420	84,7%	0,612
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

A análise dos pesos relativos na rodada binária confirma a relevância do grupo de fatores *traço semântico do antecedente*, com a variante pronome lexical, favorecida com o traço [+animado] (33,2% e PR de 0,628) e, por consequência, o traço [-animado] como favorecedor das outras três variantes: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou*

categoria vazia (84,7% e PR de 0,612). Esse resultado corrobora o de Duarte (1986) que, para a variante *pronome lexical*, por exemplo, obteve frequência de 98,4% com antecedente de traço [+ *animado*]. A autora destaca esse fator como importante na escolha da variante candidata à representação do objeto direto anafórico de 3ª pessoa.

Em síntese, o estudo do fator *animacidade*, no que se refere ao *antecedente* [+*animado*], destaca a variante pronome lexical como a mais produtiva. Esse resultado é confirmado pelo peso relativo 0,628, que reflete o cálculo probabilístico que considera o peso simultâneo de todas as variáveis independentes. O traço [-*animado*] do antecedente é um dos fatores mais significativos para a ocorrência do SN anafórico, do objeto nulo e do clítico acusativo. Passamos a tratar, na sequência, dos resultados para o grupo de fatores *topicalização do antecedente*, terceiro selecionado pelo programa *GOLDVARB X*.

5.2.1.2 Topicalização do antecedente

A hipótese para o grupo de fatores linguísticos *topicalização do antecedente*, proposta por Galves (1984), é de que a estrutura sintática do PB tem se organizado na forma ‘tópico-comentário’, o que favoreceria a realização de objeto nulo ou categoria vazia. A expectativa para a nossa amostra é a de encontrar em estrutura sintática topicalizada o uso de objeto nulo e de não topicalizada o pronome lexical.

A seguir, apresentamos a tabela 10, com os resultados gerais para o grupo de fatores *topicalização do antecedente*, na amostra de fala de fortalezenses.

Tabela 10 - Distribuição das *variantes de objeto direto anafórico de 3ª pessoa* no grupo *topicalização do antecedente* na fala de Fortaleza

TOPICALIZAÇÃO DO ANTECEDENTE	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
topicalizado	5	0,1	386	11,0	540	15,4	2565	73,4	3496	42,4
não topicalizado	30	0,6	2769	58,2	1410	29,6	550	11,6	4759	57,6
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Em relação a esse grupo de fatores, a análise estatística demonstra que há maior tendência de uso de objeto nulo com antecedente topicalizado (73,4%) (16.a), seguida de uso da variante SN anafórico com antecedente não topicalizado (58,2%) (16.b) e (16.c). No que se refere ao pronome lexical, os resultados demonstram que o antecedente não topicalizado

registra 29,6% (16.d), quanto ao clítico acusativo, baixíssima frequência (0,6%) (16.e). Esses resultados, para estrutura topicalizada e não topicalizada confirmam a nossa hipótese.

(16.a) [...] *Playstation*, não tenho Ø... Parece que meia hora, no de fita é vinte é cinco para cima... aqui acolá o R. vai comprar alguma coisa... quando não tem dá uma ajudinha com o dinheiro do videogame né...

(DID - Inq. N° 09 - 19/10/2005). (objeto nulo).

(16.b) [...] Férias é sabe essencial é muito importante e você deve tirar férias sempre mesmo que você precise daquele dinheiro da do seu trabalho mas pense... pense... se você né... pense não eu vou voltar mais relaxado eu vou voltar mais humana...

(DID - Inq. N° 105 - 18/08/2005).

(16.c) [...] É... Ele quer que eu vá lá fazer uma casa... Aí a gente num acha quem compre o *quartinho* pa derrubar... vamo derrubar o *quartinho* em qualquer hora e fazer outro *quartinho* lá...

(D2- Inq. N° 94 – Informante 1 – homem 34 anos - 10.05.2004).

(16.d) [...] Agora no lugar que tem mesmo... no lugar que dá peixe, a pessoa vai pescano ô... ô dá peixe... né. É que tem umas parte aí que dá peixe, um dá peixe... eu mesmo nem *conheço ele*...

(DID - Inq. N° 91 - 07/02/2004).

(16.e) [...] não... mais quando eu digo que eu vou minha filha eu vou mesmo... você não me conhece e nem eu *a* conheço não...

(D2- Inq. N° 99 – Informante 2 – mulher 28 anos - 26/06/2004).

Em síntese, os resultados apresentados para esse fator reafirmam a validade de sua consideração em fenômenos correlacionados aos contextos de ODA de 3ª pessoa. Duarte (1986, p.64), embora não faça uma análise estatística da estrutura topicalizada do objeto direto, aponta para o fato de que “construções de tópico são bastante frequentes no PB”.

Na sequência, apresentamos a tabela 11, com resultados dos pesos relativos para a influência desse grupo de fatores na realização do ODA de 3ª pessoa na fala de fortalezenses.

Tabela 11 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo topicalização do antecedente na fala de Fortaleza: resultado para a variável pronome lexical

TOPICALIZAÇÃO DO ANTECEDENTE	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Topicalizado	540/3496	15,4%	0,357	2956/3496	84,6%	0,643
não topicalizado	1410/4759	29,6%	0,606	3349/4759	70,4%	0,394
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

Observando os resultados distribuídos na tabela 11, nota-se que, quando se topicaliza o antecedente do objeto direto, os resultados apresentados para as outras variantes: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou categoria vazia* são maiores (84,6% de frequência e PR 0,643 (somatória de todas as outras variantes)); enquanto que, quando o antecedente não é topicalizado, os índices percentuais de objeto direto favorecem ao uso do pronome lexical (apresentando uma frequência de 29,6% e PR de 0,606). Entretanto, mesmo com o amalgamento das outras variantes (PR 0,643), percebe-se o destaque do pronome lexical (PR de 0,606), com antecedente não topicalizado.

Os resultados apresentados para esse fator reafirmam a validade de sua consideração em fenômenos correlacionados aos contextos de ODA de 3ª pessoa.

De posse desses dados, apresentamos, a seguir, os resultados para o grupo de fatores *presença ou ausência do sujeito*, quinto grupo de fatores selecionado pelo *GOLDVARB X*.

5.2.1.3 Presença ou ausência do sujeito

O fator *presença ou ausência do sujeito* foi considerado nessa pesquisa tendo como base o estudo de Figueiredo Silva (2004), que analisou a estrutura da sentença no português do Brasil e a tendência em apagar os objetos e preencher os sujeitos, diferentemente do português europeu (PE). Nossa expectativa, baseada em Figueiredo Silva (2004), é de encontrar maior uso de objeto nulo ou categoria vazia em sentenças com sujeitos presentes e pronome lexical em sujeitos ausentes na sentença.

Vejamos, na tabela 12, que segue, os resultados evidenciados na amostra de fala de fortalezenses para esse grupo.

Tabela 12 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa* no grupo *presença ou ausência do sujeito na fala de Fortaleza*

PRESENÇA OU AUSÊNCIA DO SUJEITO	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
presença	11	0,4	1039	40,1	701	27,0	842	32,5	2593	31,4
ausência	24	0,4	2116	37,4	1249	22,1	2273	40,1	5662	68,6
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Em discordância à expectativa levantada para o grupo de fatores *presença ou ausência do sujeito*, os resultados em análise evidenciam maior frequência de objeto nulo (40.1%) (17.a) e (17.b) na ausência do sujeito e frequência considerável de pronome lexical (27.0%) (17.c) e (17.d) *na presença do sujeito*. Percebe-se ainda, em conformidade com os dados apresentados na tabela 12, que o percentual de objeto nulo e SN anafórico (17.e) e (17.f) é o mesmo (40.1%), sendo que o primeiro é na ausência do sujeito e o segundo na presença. E, com baixíssima frequência, o clítico acusativo apresentou igual percentual em ambos os fatores (0,4%): *presença do sujeito* (17.g) e *ausência* (17.h).

(17.a) [...] Faz *frio* durante a noite e quando amanhece faz mais \emptyset ... ainda...

(DID– Inq. Nº 23 - 16/08/2005).

(17.b) Nunca vi a cor de *dinheiro*... papai pediu o \emptyset dele... o meu \emptyset ... do \emptyset ... meu irmão... mas nunca vi a cor \emptyset ...

(DID - Inq. Nº 53 - 30/10/2004).

(17.c) [...] pois é eu disse a ela que eu vou *convidar ele*... o pior é que eu tenho vergonha...

(D2– Inq. Nº114 – Informante 1 – mulher 20 anos - 02/05/2005).

(17.d) [...] Eu *ajudo ele* lá com as meninas que são muitas as aluna se ele é quem toma conta de tudo e não dá conta e ele chama a gente para *ajudar ele*...

(DID - Inq. Nº 23 - 16/08/2005).

(17.e) [...] éh... vou vê se eu compro uma *lembrancinha* pra mi dá a ela... é o aniversário dela e vou dá uma *lembrancinha*...

(D2– Inq. Nº114 – Informante 2 – mulher 38 anos - 02/05/2005).

(17.f) [...] faz é meses que começou *o tratamento* e não deve interromper *o tratamento* pra não pior a situação e a doença se espalhar...

(DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005).

(17.g) [...] num sei::... ai ela pediu pra mim dizer que a amava e saiu com a tia N pra vê se tinha vaga no colégio...né...

(D2- Inq. Nº114 – Informante 1 – mulher 20 anos - 02/05/2005).

(17.h) [...] Tinha uma igreja veia... a derrubaru... fizeru outra igreja... agora tá bom...

(DID- Inq. Nº 153 - 18/05/2005).

Em conformidade com os resultados analisados, a ausência do sujeito registra a força do objeto nulo ou categoria vazia, enquanto a presença destaca o SN anafórico e o pronome lexical.

De posse desses resultados, prosseguimos na análise mais detalhada dos dados com a verificação dos pesos relativos para a atuação *presença ou ausência do sujeito* (TABELA 13):

Tabela13 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo *presença ou ausência do sujeito* na fala de Fortaleza: resultado para a variável *pronome lexical*

PRESEÇA OU AUSENCIA DO SUJEITO	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Presença	701/2593	27,0%	0,582	1892/2593	73,0%	0,418
Ausência	1249/5662	22,1%	0,462	4413/5662	77,9%	0,538
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

A observação, na tabela 13, do cruzamento do pronome lexical com as outras variantes (*SN anafórico, objeto nulo e clítico acusativo*) permite inferir que, para o grupo *presença ou ausência do sujeito*, o emprego do pronome lexical no contexto *presença do sujeito* na sentença destaca PR de 0,582 e frequência de 27,0% do total de dados. E, para sujeitos não presentes na sentença, o emprego das outras variantes amalgamadas, nessa rodada, registra 77,4% e PR 0,538. Esses resultados não correspondem às nossas expectativas para esse grupo de fatores. Na sequência, apresentamos os resultados referentes à atuação do grupo de fator *tempo e modo verbal*, oitavo selecionado pelo programa *GOLDVARB X*.

5.2.1.4 Tempo e modo verbal

O grupo de caráter morfológico *tempo e modo verbal*, envolvendo o infinitivo, o gerúndio, o particípio, o subjuntivo e o imperativo, e os verbos flexionados, de acordo com os estudos de Duarte (1986), constitui importante critério para a investigação do emprego do ODA de terceira pessoa no PB. Baseando-se nas observações dessa pesquisadora, estimamos encontrar a variante padrão nas formas verbais com infinitivo, gerúndio, particípio e subjuntivo e o objeto nulo ou categoria vazia, nos verbos flexionados.

A seguir, apresentamos (TABELA 14) os percentuais de distribuição das ocorrências para esse grupo de fatores:

Tabela 14 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo tempo e modo verbal na fala de Fortaleza*

TEMPO E MODO VERBAL	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo	32	0,5	2672	38,7	1587	23,0	2614	37,9	6905	83,6
verbos flexionados	3	0,2	483	35,8	363	26,9	501	37,1	1350	16,4
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

A observação da tabela permite verificar a preferência no uso do SN anafórico (38,7%) no grupo de fator *tempo e modo verbal: infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo* ((18.a) e (18.b)); seguida do objeto nulo ou categoria vazia (37,9%) (18.c) e do percentual de clítico acusativo (0,5%) ((18.d) e (18.e)), e para os *verbos flexionados*, o destaque para a variante pronome lexical (26,9%) ((18.f) e (18g)).

Esses resultados apresentados, com base nas frequências percentuais, em termos quantitativos, ocorreram para o clítico acusativo: 32/35, no *infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo* e objeto nulo ou categoria vazia nos *verbos flexionados*, confirmando a expectativa de encontrar maior frequência de uso da variante padrão nas formas verbais: infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo, e preferência de uso de objeto nulo ou categoria vazia nos verbos flexionados.

(18.a) [...] Eu me lembro que às vezes na minha casa não tinha *televisão* não... eu ia assistir *televisão* na casa dos outros naquele telecat um tal de telecat que era negócio de rua...

(D2 - Inq. Nº 60 – Informante 2: mulher 51 anos - 11.01.2004).

- (18.b) [...] Sem *água* as coisas são muito mais difícil por causa da *água* porque tendo *água* acaba com a dificuldade...

(D2 - Inq. Nº 04 – Informante 2 – mulher 42 anos - 25/01/2004). (SN anafórico).

- (18.c) [...] É né? Demora mesmo porque:: é... já era pra ter *terminado as pinturas* quando eles fossem *terminando* Ø... já era pra eles estarem *entregando* Ø... né?...

(D2 - Inq. Nº 160 – Informante 2 – homem 48 anos - 18.05.2006).

- 18.d) [...] Mas Deus vai preenchendo os espaços e definindo-os assim... e graças a Deus... hoje eu tenho uma família maravilhosa...

(D2 - Inq. Nº 60 – Informante 1: mulher 56 anos - 11.01.2004).

- (18.e) [...] Podia ter saído só, sem *o* levar mas vai que ela não sabe pegar o ônibus... por isso ela vai e leva o E... um dos menino pequeno...

(DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005) (clítico acusativo).

- (18.f) [...] problema de saúde ai... e ele mesmo na época com nove anos... ele:: ele sentiu que foi o senhor que curou *ele*...

(D2 - Inq. Nº 155 - 31.05.2003 – Informante 1: mulher, 55 anos).

- (18.g) [...] A dona C. tomou conta do menino até::... até de noite... *botou ele* pra dormir... cuidou e pela manhã partiu para casa...

(DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005). (pronomes lexical).

Ainda para *tempo e modo verbal* (*infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo e verbos flexionados*), o levantamento de dados em termos percentuais mostrou ocorrências como as seguintes:

- (i) a estrutura formada por verbo do tipo locução com particípio traz o clítico acusativo como estratégia de realização do ODA (18.h). Essa construção que destaca o uso do clítico, já não se encontra normalmente no PB escrito formal, com verbo transitivo direto;

- (ii) observamos, em nossa amostra, que não há restrição ao objeto nulo no gerúndio, nem em sua forma complexa (em locução) (18.i), nem em sua versão simples (18.j). Nos dois exemplos, o objeto nulo retoma o antecedente “produtos de evangelização antigos”. Podemos supor que a preferência pelo objeto nulo se deva à estrutura do antecedente: um SN plural;
- (iii) nos exemplos ((18.k), (18.l) e (18.m)), podemos observar o preenchimento com o indicativo, nas três variantes: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo, respectivamente;
- (iv) os exemplos ((18.n), (18.o) e (18.p)) destacam as construções com locução com infinitivo nas três variantes: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo ou categoria vazia, nessa ordem;
- (v) as estratégias em estruturas com infinitivo simples nas três variantes: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo ou categoria vazia, respectivamente ((18.q), (18.r) e (18.s));
- (vi) a ocorrência de imperativo em nossa amostra tem como alternativa o uso do objeto nulo ou categoria vazia, conforme exemplo (18.t);
- (vii) o exemplo (18.u) destaca a ocorrência do subjuntivo com o clítico acusativo.
- (18.h) [...] Uma preocupação distingue a nossa igreja de muitas outras igrejas... Essa preocupação de formação... a preocupação moral a igreja *tem-na* mantido através dos anos...
(DID– Inq. Nº 06 - 25/01/2004).
- (18.i) [...] ali tem uma loja que vende... umas casas que vendem *produtos de evangelização* que vou comprando aos poucos... depois vou comprando mais \emptyset ...
(DID– Inq. Nº 115 - 12/08/2005).
- (18.j) [...] mas faltam-me produtos de evangelização antigos... que é um bocado difícil... só comprando \emptyset ... mesmo nessas casas especializadas...
(DID– Inq. Nº 115 - 12/08/2005).
- (18.k) [...] *O senhor* quer ir para casa, eu *levo-o* para casa. *SÓ* assim eu sabia... que o cara era parente se::u mora quase em cima da minha casa... Mas é bem tranquilo...
(DID– Inq. Nº 10 - 12/12/2005).
- (18.l) [...] (tenho) um *sofá* que uma mulher da Messejana me deu... ela me deu o *sofá*... ela

comprou um aí...() mulher dá pra cachorra dormir em cima... aí eu peguei e levei para mim... só que::... agora na minha *casa* porque a *casa* não é rebocada é só os tijolos agora deu/ tem tanta *catita* mulher dentro do sofá (rindo)... é cheio de *catita* dentro do sofá...

(DID– Inq. Nº 16 - 19/11/2004).

(18.m) () é porque tipo assim uns é a técnica do dragão outros é a Ø... do tigre né então uns é o estudo... éh::... observaram mais o quê?... O tigre é a mão aberta né é assim é um tipo de técnicas por exemplo o caratê é mais Ø... fechada e:: e o kung fu é o quê?... tem a mão aberta tá entendendo?... é só isso tem algumas diferença...

(DID– Inq. Nº 12 - 26/01/2004).

(18.n) [...] É uma disputa entre o estado que tem que fornecer dinheiro e os artistas que têm que o reivindicar...

(D2– Inq. Nº 94 – Informante 2 – homem 31 anos - 10/05/2004).

(18.o) [...] E vamos construir *uma casinha* nossa que nós tínhamos o terreno que foi o meu sogro que deu... e então vamos fazer *a casinha*...

(DID– Inq. Nº 16 - 19/11/2004).

(18.p) [...] O nome dele era “E”... ele receitou uma mistura de ervas e explicou como é que ela devia fazer Ø... em casa...

(DID– Inq. Nº 09 - 19/10/2005).

(18.q) [...] Na escola temos *um grupo de alunos interessados*... com eles consegue-se ou arranjar estratégias e sugestões ou deixá-los fazer as suas sugestões...

(D2– Inq. Nº114 – Informante 2 – mulher 38 anos - 02/05/2005).

(18.r) [...] aqui só usamos *agulhas* descartáveis... o paciente que compra a caixa de agulhas com cem agulhas e elas vão se deixando fora no fim de cada sessão.... É proibido reutilizar *as agulhas*...

(D2– Inq. Nº 154 – Informante – mulher 18 anos - 10/05/2005).

(18.s) [...] Para a hidratação há *máscaras* que são utilizadas como um creme... Não é necessário retirar Ø...

(D2– Inq. Nº 114 – Informante 2 – mulher 38 anos - 02/05/2005).

(18.t) [...] A carteira há de estar aí em qualquer lugar... por ali *na gaveta*... procure \emptyset ... ali na gaveta...

(DID– Inq. N° 47 - 16/05/2005).

(18.u) [...] *Eles* querem o trabalho... mas querem um trabalho livre... um trabalho que *os* liberte...

(DID– Inq. N° 09 - 19/10/2005).

Podemos perceber, em relação ao tempo e modo verbal, que o objeto nulo ou categoria vazia só não ocorreu em locução com participio. Como essa não é uma forma verbal recorrente, não significa que essa forma de substituição do ODA de 3ª pessoa não possa aparecer nesse tipo de estrutura.

O SN anafórico só não apareceu no gerúndio e no imperativo, embora tenha superado, em nossa amostra, em todos os casos, as demais variantes, independentemente da forma em que se encontra o verbo.

O pronome lexical, embora aparecendo com todas as formas verbais, é mais usado com verbos flexionados, enquanto é nulo o uso do clítico com o imperativo, os tempos compostos e o gerúndio.

No que se refere ao clítico acusativo, podemos constatar a sua ocorrência em estruturas com verbos no infinitivo (locução e formas simples), o que constituem, em PB, contextos que favorecem o seu uso, fato que se observa em nossa amostra, na qual foram encontrados 32 de um total de 35 clíticos, o que equivalem a 0,4% do total de dados, distribuídos entre as formas simples do presente e do passado e as formas verbais com infinitivo, sejam simples ou locuções.

Assim, com níveis não significativos na fala, o clítico acusativo se apresenta na escrita, nos trabalhos de Correa (1991 - Campinas-SP - 65,7%), Averbug (2000 - RJ – 40%), Araújo (2005 - BA – 42%), Oliveira (2007 – Curitiba-PR – 34%), Soledade (2011 – RJ – 48%), entre outros, nos tempos do indicativo e com a forma infinitiva, que a escola consegue recuperar.

Na tabela 15, seguem os resultados dos pesos relativos para a atuação do ODA de 3ª pessoa na amostra de fala da capital cearense, contexto de natureza morfológica.

Tabela 15 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo tempo e modo verbal na fala de Fortaleza: resultado para a variável *pronome lexical*

FORMA VERBAL	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
infinitivo, gerúndio, particípio e subjuntivo	1587/6905	23,0%	0,494	5318/6905	77,0%	0,506
verbos flexionados	363/1350	26,9%	0,531	987/1350	73,1%	0,469
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

Os resultados evidenciados na tabela 15 demonstram que, em *verbos flexionados*, há maior uso da variante pronome lexical, com frequência 26,9% e PR 0,531. As outras variantes juntas (SN anafórico, objeto nulo e clítico acusativo) apresentam-se com as formas verbais: infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo, com frequência 77,0% e PR 0,506, como exemplificadas anteriormente.

Feitas as observações acerca do grupo de fator *tempo e modo verbal*, prosseguimos com a análise das variáveis linguísticas não selecionadas como relevantes para o fenômeno.

5.2.2 Variáveis linguísticas não selecionadas como relevantes para o fenômeno

Na sequência, apresentamos, na tabela 16, os fatores linguísticos não selecionados pelo programa estatístico *GOLDVARB X* (na rodada binária) para o emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de fortalezenses:

Tabela 16 - Grupos de *fatores linguísticos não selecionados* para o fenômeno *objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza*

FATORES LINGUÍSTICOS VARIÁVEIS NÃO SELECIONADOS
A estrutura sintática da frase
Número do SN objeto
Tipo de antecedente
Tipo de oração

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados percentuais para esses grupos de fatores linguísticos são distribuídos de acordo com a rodada quaternária e podemos observar as frequências exibidas pelos contextos variáveis da *estrutura sintática da sentença*, do *número do sintagma nominal objeto*, do *tipo*

de antecedente e do tipo de oração, nessa sequência, como mostra a tabela 17, seguindo-se breve discussão em relação a cada um deles:

Tabela 17 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza: resultados para as variáveis não selecionadas pelo programa GOLDVARB X*

Estrutura sintática da sentença	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
simples	6	0,5	431	32,7	400	30,3	483	36,6	1320	16,0
complexas	29	0,4	2724	39,3	1550	22,4	2632	38,0	6935	84,0
Número do SN objeto										
singular	33	0,5	2737	38,4	1630	22,9	2725	38,2	7125	86,3
plural	2	0,2	418	37,0	320	28,3	390	34,5	1130	13,7
Tipo de antecedente										
definido	30	0,6	2768	58,1	1411	29,6	557	11,7	4766	57,7
indefinido	5	0,1	387	11,1	539	15,4	2558	73,3	3489	42,3
Tipo de oração										
principal	6	0,5	428	32,5	399	30,3	484	36,8	1317	16,0
outras: coord./subor.	29	0,4	2631	37,9	1551	22,4	2631	37,9	6938	84,0
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

A observação geral das frequências apresentadas pelos contextos variáveis da estrutura sintática da sentença, do número do sintagma nominal objeto, do tipo de antecedente e do tipo de oração, na tabela 17, contribuem para a confirmação da não seleção desses fatores pelo programa estatístico *GOLDVARB X*. Entretanto, a observação específica desses fatores, considerando-se as frequências de realização das quatro estratégias de realização da variável dependente (rodada quaternária) proporciona uma descrição mais detalhada dos resultados encontrados, a começar pela estrutura sintática da sentença.

5.2.2.1 Estrutura sintática da sentença

Para esse grupo de fatores, baseando-se nos estudos de Omena (1978) e Duarte (1986), que mostraram a importância da estrutura sintática da oração em que ocorre o ODA de 3ª pessoa, encontrando em suas pesquisas a distribuição do objeto nulo ou categoria vazia por todo tipo sintático de oração, estimávamos encontrar na estrutura simples da sentença (sujeito, verbo e objeto) a prevalência de uso do pronome lexical e na estrutura complexa (objeto direto, indireto, predicativo e sujeito), predominância de uso do objeto nulo ou categoria vazia.

Na leitura da tabela 17, comparando os resultados entre as variantes, observa-se pequena diferença entre as duas categorias: para uso do clítico acusativo: em estruturas simples tivemos 0,4% e em complexas 0,5%, com apenas 0,1 ponto de diferença entre elas. Observa-se que houve 39,3% de frequência para o SN anafórico em estruturas complexas, com 6,6 pontos de diferença em relação às estruturas simples (32,7%). O destaque para o uso do pronome lexical em estruturas simples (30,3%), e 22,4% de uso em estruturas complexas, com 7,9 pontos de diferença entre as sentenças. E a pouca diferença entre as sentenças simples (36,6%) e complexas (38,0%), apenas 1,4 pontos, em relação ao objeto nulo. Esses dados confirmam a nossa hipótese, pois a estimativa era de que nas estruturas sintáticas das sentenças simples prevaleceria o uso de pronome lexical e nas complexas, objeto nulo ou categoria vazia.

Na sequência, seguem as estruturas codificadas e analisadas no *Corpus*, para esse grupo de fator:

(i) *estrutura simples*: sujeito, verbo e objeto (SVO)

(19.a) [...] eu *odeio ele*... (FORT. NORPOFOR – DID– Inq. Nº 131- 27/12/2005).

(ii) *estrutura complexa*: sujeito, verbo e objeto direto) (SVOD)

(19.b) [...] O professor entregou *a prova* e cada um pegou \emptyset ... e olhou a nota... (FORT. NORPOFOR – DID– Inq. Nº 161- 24/05/2006).

(iii) *estrutura complexa*: sujeito, verbo, objeto direto e predicativo (SVOD + PRED.)

(19.c) [...] ela *abraçou ele* muitas vezes com muita força [...] (FORT. - NORPOFOR Inq. Nº 115 - 12.08.2005).

(iv) *estrutura complexa*: sujeito, verbo e objeto direto e indireto (SVODI)

(19.d) [...] O pai rico dá o carro novo ao filho e ele acaba \emptyset ... com dois anos acaba... (FORT. NORPOFOR – DID– Inq. Nº 65 - 13/01/2004).

A seguir, os resultados da variável *número do sintagma nominal objeto*.

5.2.2.2 Número do sintagma nominal objeto

O estudo desse grupo de fatores: *número do sintagma nominal objeto: singular e plural* tem como base os resultados apresentados por Brito (2010, p.65), que destaca o uso do clítico acusativo quando o objeto é singular (85%). Sendo plural, o pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia mostram-se mais produtivos (39%). A expectativa era de que os contextos de referente SN singular seriam propensos ao uso do clítico acusativo e nos contextos de referente SN plural maior uso seria do objeto nulo ou categoria vazia e do pronome lexical.

Os resultados apresentados na tabela 17 diferem das expectativas consideradas para o grupo de fatores, já que verificamos haver maior frequência de SN anafóricos (38,4%) quando a sentença aparece com objeto no singular, como em (20.a), seguida de objeto nulo (38,2%), como se observa em (20.b). Em relação ao pronome lexical, observa-se sua maior frequência (28,3%) em ocorrências com objeto no plural (20.c). O clítico acusativo aparece com maior frequência (0,5%) em ocorrências de SN objeto no singular (20.d) do que no plural, ainda que, em ambos os casos, a frequência seja baixa, a considerar as outras variantes.

(20.a) [...] Quando chega no hospital... a enfermeira faz o cálculo da *medicação* e reserva a *medicação*.. e pronto...

(DID - Inq. Nº 82 - 03.02.2004).

(20.b) [...] minha irmã ultimamente já fez ate *faculdade* depois de cinquenta anos de idade ela se esforçou e fez \emptyset ...

(DID - Inq. Nº 148 - 14.05.2004).

(20.c) [...] Eles, às vezes, utilizam até a queimada para conduzir *os animais* pra um local fácil... onde eles pudessem *abater eles*...

(DID - Inq. Nº 110 - 16.05.2005).

(20.d) [...] Espera mulher... pega *o short*... vou experimentar primeiro antes de *comprá-lo*... vai dá um problema... né....

(D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante 1: mulher, 41 anos).

Passamos a tratar, na sequência, dos resultados percentuais para o tipo de antecedente.

5.2.2.3 Tipo de antecedente

Esse contexto, de natureza semântica, verifica se o antecedente é definido ou indefinido, ou seja, se ele é marcado por determinante ou não, um referente explícito ou implícito no contexto, assim como os nomes próprios, os pronomes pessoais dêiticos que apontam para um objeto (indivíduo) no mundo. Nesse contexto, estamos embasados em Brito (2010), segundo a qual um antecedente indefinido tende a favorecer ao objeto nulo ou categoria vazia.

Os resultados evidenciados demonstram que a variante *objeto nulo ou categoria vazia* apresenta maior frequência quando o antecedente é indefinido (73,3%) (21.a), conforme Brito (2010), o que positiva, para essa variante, a nossa expectativa. Em relação ao antecedente definido, prevalece o uso de SN anafórico (58,1%) (21.b). A variante padrão, clítico acusativo, apresenta uma frequência de 0,6% (21.c) para antecedente definido e 0,1% para indefinido. Para o pronome lexical, os resultados mostram maior frequência junto de antecedentes definidos (29,6% de uso (21.d), contra 15,4% para indefinidos).

(21.a) [...] pelo menos aqui em casa é difícil a gente encontrar um fogareiro... Acho que num tem Ø... não... tinha naquele tempo lá...

(D2– Inq. Nº 93 – Informante 1 – mulher 59 anos - 20.03.2004).

(21.b) [...] Deve da gente dar o conselho e a gente não pegar... a pessoa vai pegar o *conselho* nós deve... todas nós deve pegar o conselho...

(D2– Inq. Nº 93 – Informante 2 – mulher 63 anos - 20.03.2004).

(21.c) [...] O L. foi um personagem de Fortaleza que ninguém fala mais... foi um personagem que ele devia ser lembrado né?... muito tempo depois eu passei lá na Pedro Pereira tava o L.... achei o parecido eu digo... vou já perguntar... “você é o L.?”... aí ele... “eu era o L.”... aí me deu uma triste::za... na época que ele vivia na praça do... do... da Lagoinha... muita gente ainda lembra dele porque ele era uma pessoa que... muito conhecida ali na praça da Lagoinha todos o conheciam arrodando a pra::ça... e fazendo como se fosse um locutor né?...

(D2– Inq. Nº93 – Informante 1 – mulher 59 anos - 20/03/2004).

(21.d) [...] O “E” mora pra banda do Conjunto Industrial e o “M” mora pra banda do Jenibaú... O primeiro eu conheci quando morava lá perto de casa e ele conhecia meu irmão ai eu

conheci ele e o outro eu *conheci ele* quando eu tava na casa da minha ex-sogra...

(DID– Inq. Nº 09 - 19/10/2005).

Nesse contexto, os resultados para o fator *tipo de antecedente: definido e indefinido* demonstram que o SN anafórico registra-se como a variante mais frequente junto de referentes definidos, e o objeto nulo ou categoria vazia, a forma mais utilizada junto de referentes indefinidos.

A seguir, apresentamos os resultados para o grupo *tipo de oração*.

5.2.2.4 Tipo de oração

O fator linguístico *tipo de oração: principal (absoluta) e outras (coordenadas e subordinadas)*, contexto de natureza sintático, é citado como importante nos trabalhos de Cyrino (1997), Galves (1998), Freire (2005), Marafoni (2004), Brito (2010), entre os resenhados nesse estudo e centrados na língua falada, por ser, conforme os autores citados, uma variável que possibilita a ocorrência do objeto nulo ou categoria vazia no PB. Somado a esse grupo de fatores a estrutura sintática da sentença: simples (sujeito, verbo e objeto) e complexas (objeto direto, indireto, predicativo e sujeito), que apresenta a disposição das palavras nas sentenças, tem-se ampla visão das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações, no sentido de contribuir para dar respostas mais concretas e esclarecedoras aos resultados aqui apresentados.

Para verificar a atuação desse grupo de fatores (*tipo de oração*), partimos dos estudos acima citados para construir a hipótese de que nas orações principais há maior frequência de uso de pronome lexical e SN anafórico e, nas coordenadas e subordinadas, a prevalência de uso de objeto nulo ou categoria vazia.

Os resultados apontam que a variante objeto nulo (22.a) e SN anafórico (22.b), em relação ao tipo de oração: coordenada e subordinada, mantêm um percentual na casa de 37,9%; já em relação ao tipo de oração: principal, o objeto nulo lidera com uma pequena diferença de 4,3% em relação à variante SN anafórico. O pronome lexical apresenta-se mais presente nas orações principais (30,3%) (22.c), tendo um decréscimo de 0,4% de emprego nas coordenadas e subordinadas (22,4%), enquanto o clítico acusativo mantém-se em baixo percentual em ambos os tipos de orações: 0,5% (principal) (22.d) e 0,4% (coordenadas e subordinadas). Esses resultados confirmam, em partes, a nossa expectativa.

(22.a) [...] já chefe... não... quase que num aparece não. Mas... se ele tive de cobrar o *funcionário*... ele cobra \emptyset ...

(D2– Inq. Nº152 – Informante 2 – homem 51 anos - 29/11/2004).

(22.b) [...] aqui só usamos *agulhas* descartáveis... o paciente que compra a caixa de agulhas com cem agulhas e elas vão se deixando fora no fim de cada sessão... É proibido reutilizar *as agulhas*...

(D2– Inq. Nº 154 – Informante – mulher 18 anos - 10/05/2005). (SN anafórico).

(22.c) [...] O pastor com a bíblia na mão chama *ele*... conversa e bota ele dentro do carro...

(D2– Inq. Nº 14 – Informante – homem 35 anos - 02/11/2003).

(22.d) [...] A mãe *o* criou de um jeito e os filhos de outro jeito que são os mais danados... os maiores... os pequenos não dão trabalho tanto não...

(DID – Inq. Nº09 - 19/10/2005).

Apos essas considerações gerais e específicas em relação aos fatores não selecionados como importantes para a amostra, passemos a tratar dos fatores sociais em termo de suas frequências brutas e de seus pesos relativos, selecionados para a amostra do PB.

5.2.3 Análise das variáveis extralinguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária) e de seus pesos relativos (rodada binária)

As variáveis extralinguísticas consideradas nesta pesquisa têm sido constantemente analisadas por estudiosos que têm investigado a realização do ODA de 3ª pessoa em outros falares do Brasil, como por exemplo, Omena (1978 – RJ), Duarte (1986 – SP), Figueiredo Silva (2004 – BA), entre outros. O que verificamos é a relevância ou não dos mesmos condicionamentos sociais nesta amostra, pois, segundo Mollica (2012, p.27), “as variáveis tanto externas quanto internas à língua não agem separadamente, mas num processo de correlação”.

Dessa forma, passamos a análise do primeiro fator considerado relevante pelo programa *GOLDVARB X: nível de escolaridade*.

5.2.3.1 Nível de escolaridade

De acordo com Labov (2008 [1972]), os informantes com mais anos de escolarização apresentam maior tendência ao uso de formas consideradas padrão na comunidade e informantes com escolarização baixa ou nula apresentem maior emprego de formas não-padrão. Esta é uma tendência confirmada em várias pesquisas variacionistas, como, por exemplo, Omena (1978), Duarte (1986), Correa (1991), Mendonça (2004), entre outras referendadas nesse estudo.

Em nosso estudo, é considerada padrão a variante *clítico acusativo*, ainda preconizada pela tradição gramatical. Oposta a essa forma, há as variantes: *SN anafórico*, *objeto nulo* e *pronome lexical*, consideradas não padrão, por ainda continuarem sendo ignoradas como formas de representação do ODA de terceira pessoa pela maioria das gramáticas da língua portuguesa.

Na amostra analisada, com base na estratificação do *corpus*, controlamos os níveis de escolaridade: 0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos. Nossa expectativa era a de que falantes do nível I (0 a 4 anos) com nenhum ou menores níveis de escolarização, por possuírem pouco contato com a variante padrão (*clítico acusativo*) presente no ambiente escolar, tendessem mais ao uso das variantes não padrão (*pronome lexical*, *sujeito nulo* e *SN anafórico*). Enquanto falantes com níveis intermediários de escolarização, nível II (5 a 8 anos) e maiores de escolarização, nível III (9 a 11), apresentariam maior frequência de uso da forma normativa (*clítico acusativo*), corroborando assim a tendência verificada na maioria dos trabalhos sociolinguísticos.

Haveria ainda a expectativa de que falantes mais escolarizados tendessem a evitar o emprego do pronome lexical, haja vista ser uma estratégia condenada pela prescrição normativa, diferentemente das outras duas estratégias (*objeto nulo* e *SN anafórico*).

A tabela 18, a seguir, apresenta como foram distribuídas as ocorrências e a frequência de uso das variantes em relação ao nível de escolaridade em nossa amostra.

Tabela 18 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa* no grupo *escolaridade na fala de Fortaleza*

NÍVEL DE ESCOLARID ADE	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
0 a 4 anos	9	0,4	840	39,0	496	23,0	810	37,6	2155	26,1
5 a 8 anos	11	0,4	958	31,1	1111	36,0	1005	32,6	3085	37,4
9 a 11 anos	15	0,5	1357	45,0	343	11,4	1300	43,1	3015	36,5
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Observando os resultados, podemos concluir que o comportamento de informantes com mínima escolarização (0 a 4 anos), se considerado o emprego da forma padrão, clítico acusativo, aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização (9 a 11 anos, mais de 12 anos de frequência à escola), resultados opostos às expectativas para a influência do fator *escolaridade* em nossa amostra de fala. Na faixa intermediária (5 a 8 anos) há prevalência de pronome lexical (36,0%), embora as variantes *objeto nulo* e *SN anafórico* sejam as mais utilizadas pelos falantes de nossa amostra, confirmado, em todos os níveis de escolaridade, o limitado uso do clítico acusativo.

Esses resultados, baseados nas frequências brutas, destacam a pouca atuação da escola e refletem a grande alteração em relação à manutenção da variante padrão *clítico acusativo* e o emprego considerável das variantes: *SN anafórico*, *objeto nulo ou categoria vazia* e *pronome lexical*. Destaque-se, apenas, o menor emprego do pronome lexical por parte dos mais escolarizados (apenas 11,4%), o que apontaria maior consciência desse estrato em relação a esse uso.

De posse desses resultados, passaremos a verificar, na tabela 19, os dados referentes à rodada binária, na qual se opõem: pronome lexical x outras (*SN anafórico*, *objeto nulo* e *clítico acusativo*), o que nos permite constatar, de modo mais claro, a validação ou negação de nossa expectativa para esse grupo de fatores.

Tabela 19 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa em relação ao nível de escolaridade na fala de Fortaleza: resultado para a variável *pronome lexical*

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
0-4 anos	496/2155	23,0%	0,466	1659/2155	77,0%	0,534
5-8 anos	1111/3085	36,0%	0,691	1974/3085	64,0%	0,309
9-11 anos	343/3015	11,4%	0,326	2672/3015	88,65	0,674
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

A leitura dos resultados, na tabela 19, destaca que os informantes com maior escolarização, nível III (9 a 11 anos), correspondendo, atualmente, ao ensino médio, apresentam, para as outras variantes juntas (*SN anafórico*, *objeto nulo ou categoria vazia* e *clítico acusativo*), 88,65% de percentuais e PR 0,674, o que ocorre também com os informantes do nível I (0 a 4 anos), correspondendo ao ensino fundamental I, que apresentam percentuais de 77,0% e PR 0,534, enquanto os informantes que se encontram no nível II (5 a 8 anos), correspondendo ao ensino fundamental II, apresentam preferência pelo uso do pronome lexical, com 36,0% percentuais e 0,691 de PR.

Desses resultados do ODA de 3ª pessoa em nossa amostra, destacamos que o comportamento de informantes com mínima escolarização (0 a 4 anos) e PR de 0,534 para uso de outras variantes juntas (*SN anafórico, objeto nulo ou categoria vazia e clítico acusativo*), aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização em nossa amostra, (9 a 11 anos), de PR 0,674 para emprego de outras variantes; resultados opostos às expectativas e a influência do fator *escolaridade* em fenômenos variáveis do PB.

A faixa intermediária (5 a 8 anos), que corresponde, atualmente, ao ensino fundamental II, apresenta tendência crescente ao uso da forma não padrão (pronomes lexicais), percentual de 36,0% e PR de 0,691, apesar de, nesse nível de ensino (que corresponde ao segundo ciclo do Ensino Fundamental), ser exigido do aluno um maior domínio das prescrições gramaticais do que no ciclo anterior.

Em seguida, tratamos das observações sobre tipo de registro: DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes, selecionado pelo *GOLDVARB X* como 4º fator significativo.

5.2.3.2 Tipo de registro

Com o objetivo de observar a influência do grupo de fatores *tipo de registro* nas ocorrências do ODA de 3ª pessoa, estimamos encontrar no DID – Diálogo entre Informante e Documentador, a maior frequência de uso das variantes objeto nulo e SN anafórico e no D2 – Diálogo entre Dois Informantes, a prevalência de pronomes lexicais. Observemos os resultados (TABELA 20), a seguir:

Tabela 20 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo tipo de registro na fala de Fortaleza*

TIPO DE REGISTRO	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
DID – Diálogo entre Informante e Documentador	32	0,5	2481	36,3	1845	27,0	2483	36,3	6841	82,9
D2 – Diálogo entre Dois Informantes	3	0,2	674	47,7	105	7,4	632	44,7	1414	17,1
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Os resultados apresentados na tabela 20 levam-nos a observar que a nossa hipótese não foi confirmada, pois o que prevalece no tipo de registro DID é o maior emprego do

pronome lexical (27,0%), e, no D2, a maior frequência de objeto nulo (44,7%) e SN anafórico (47,7%). O clítico acusativo aparece com baixíssima ocorrência (0,5%) no DID.

Na sequência, considerando a proposta da pesquisa que tem como foco o pronome lexical, passaremos a análise da rodada binária, gerada em função dessa variante.

Vejamos os resultados apresentados (TABELA 21), a seguir:

Tabela 21 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa no grupo tipo de registro na fala de Fortaleza: resultado para a variável *pronome lexical*

TIPO DE REGISTRO	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
DID - Diálogo entre Informante e Documentador	1845/6841	27,0%	0,572	4996/6841	73,0%	0,428
D2 - Diálogo entre Dois Informantes	105/1414	7,4%	0,199	1309/1414	92,6%	0,801
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

Como podemos observar na tabela 21, o tipo de registro D2 – Diálogo entre Dois Informantes (modelo de fala menos monitorado, por não contar com a presença do documentador), influencia, consideravelmente, o uso das três variantes juntas: SN anafórico, objeto nulo e clítico acusativo, com frequência de 92,6% e PR 0,801; enquanto, no tipo de registro DID – Diálogo entre Informante e Documentador (modelo de fala também espontâneo, mas contando com a participação do documentador), a frequência 27,0% e o PR 0,572 apontam favorecimento do uso da variante *pronome lexical*.

Os resultados apresentados opõem-se a nossa hipótese, pois a estimativa era encontrar objeto nulo e SN anafórico no Diálogo entre Informante e Documentador e pronome lexical no Diálogo entre Dois Informantes.

Apresentamos, na sequência, o grupo de fatores *sexo do informante*, sexto considerado relevante para a amostra de fala da Capital do Ceará.

5.2.3.3 Sexo do informante

Labov (2001), em fenômenos linguísticos variáveis, assume uma codificação necessária em função do sexo do falante, para permitir comparabilidade entre as pesquisas. A expectativa, ao controlar sexo do informante é perceber se as mulheres utilizam mais a forma padrão na língua, no caso o clítico acusativo, do que os homens, no sentido de apontar se um é mais conservador que outro. De acordo com Paiva (2003, p. 41), “qualquer explicação das

diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social estudado”. Conforme apontado na fundamentação teórica, as mulheres apresentam maior propensão ao emprego de formas socialmente prestigiadas em sociedades onde elas exercem uma função na vida pública.

Como já verificado em diversos trabalhos, as mulheres são mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas e, dessa forma, podem optar ou não pelo uso da forma inovadora (no fenômeno em questão, o pronome lexical) a depender do *status* social que essa variante assume na comunidade.

Vejamos os resultados (TABELA 22) para o grupo de fator extralinguístico *sexo*, a seguir:

Tabela 22 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa* no grupo *sexo* na *fala de Fortaleza*

SEXO	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
masculino	25	0,6	1891	43,1	951	21,7	1517	34,6	4384	53,1
feminino	10	0,3	1264	32,7	999	25,8	1598	41,3	3871	46,9
Total	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Em observação à tabela 22, no que diz respeito ao uso dos clíticos, embora em seu *continuum* de baixíssimas frequências nesse estudo, os homens o fazem em 0,6% nas ocorrências de ODA e as mulheres em 0,3%. Atentemos para o fato de que esta é a forma mais conservadora, porém, não necessariamente, a mais prestigiada. Assim, esta questão pode ser um indício da sensibilidade das mulheres em relação ao prestígio social. Esses resultados não confirmam nossa expectativa.

O objeto nulo ou categoria vazia, uma forma inovadora não prescrita nos padrões gramaticais, apresenta maior percentual de emprego por representantes do sexo feminino (41,3%, em oposição à 34,6% do sexo masculino).

Em relação ao SN anafórico, há uma inversão de comportamento, com maior frequência de uso por parte dos homens (43,1%, em oposição à 32,7% das mulheres).

Já para o pronome lexical, com 25,8% de uso pelas mulheres e 21,7% para os homens, a diferença é de 4,1%. Essa diferença, embora pouco expressiva, aponta que o emprego dessa forma pode não ser estigmatizado na comunidade, embora não seja prescrito pela gramática normativa.

Continuando a análise, passaremos a observar, na tabela 23, os resultados para esse grupo de fator extralinguístico *sexo*, sexto selecionado como relevante na rodada binária: pronome lexical x outras (SN anafórico, objeto nulo e clítico acusativo), em nossa amostra de fala.

Tabela 23 - Objeto direto anafórico de 3ª pessoa em relação ao sexo na fala de Fortaleza: resultado para a variável *pronome lexical*

SEXO	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
masculino	951/4384	21,7%	0,452	3433/4384	78,3%	0,548
feminino	999/3871	25,8%	0,554	2872/3871	74,2%	0,446
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

Observa-se, na tabela 23, que o percentual de 25,8% e PR de 0,554, em relação à variante *pronome lexical*, para as mulheres, destaca maior tendência ao uso da variante não padrão. Por consequência, representantes do gênero masculino tendem ao uso das outras formas de realização do ODA: SN anafórico, objeto nulo e clítico acusativo (78.3% e peso relativo de 0,548). Entretanto, Como se pode observar, os pesos relativos, 0,554 (sexo feminino) e 0,452 (sexo masculino), apresentam uma diferença de 0,102, o que demonstra que a variante não padrão, pronome lexical, está em uso tanto pelo sexo feminino quanto pelo masculino.

Ressalta-se que, em nossa amostra de fala de fortalezenses, não se observa estigma social em relação ao uso da variante *pronome lexical*, o que se verifica pela observação do comportamento da faixa intermediária (5 a 8 anos) de escolaridade, que corresponde, atualmente, ao ensino fundamental II, apresentar tendência crescente ao uso dessa forma de realização do ODA de 3ª pessoa e pelo fato de representantes do sexo feminino (peso relativo 0,554) utilizarem o pronome lexical mais que o masculino (peso relativo 0,452).

Entretanto, a consideração do sétimo fator selecionado, *faixa etária*, a ser analisado na sequência, poderá confirmar o que já se anuncia pela observação dos fatores: *escolaridade e sexo*: o crescente uso, na língua falada de fortalezenses, do pronome lexical como objeto direto anafórico de 3ª pessoa.

5.2.3.4 Faixa etária

O fator social *faixa etária* é uma variável bastante relevante nos estudos variacionistas por contribuir para o apontamento de uma possível mudança em curso ou uma variação estável, observada em tempo aparente. A seleção desse fator faz-se importante pelo fato de uma ou mais faixas etárias apresentarem comportamento diferente. Essas diferenças podem ser observadas em uma comunidade de fala, entre os mais jovens e os mais velhos, em relação ao processo de variação investigado.

A expectativa é de que, através da comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias, ou seja, num estudo em tempo aparente, seja possível saber se um fenômeno linguístico está apenas sofrendo variação, quando as variantes coexistem num mesmo momento sincrônico, e se há uma situação de mudança em progresso, quando uma das variantes deixa de coexistir com as outras no sistema. Nesse contexto, faz-se saber se as formas não padronizadas e conseqüentemente inovadoras tenderiam a ser mantida por falantes mais jovens, ao passo que a forma considerada padrão seria mais bem preservada na linguagem de falantes mais velhos.

A seguir, os resultados apresentados (TABELA 24) sobre a influência do fator extralinguístico *faixa etária* na realização do ODA de terceira na amostra de fala de fortalezenses:

Tabela 24 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa* no grupo *faixa etária* na fala de Fortaleza

FAIXA ETÁRIA	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
15 a 25 anos	7	0,5	592	43,9	258	19,2	490	36,4	1347	16,3
26 a 49 anos	16	0,6	989	39,6	658	26,3	836	33,5	2499	30,3
a partir de 50 anos	12	0,3	1574	35,7	1034	23,5	1789	40,6	4409	53,4
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Contrariando as expectativas, os dados da tabela 24 mostram que os informantes mais jovens (15 a 25 anos) usam com mais frequência o SN anafórico (43,9%); os de idade intermediária (26 a 49 anos) preferem usar o pronome lexical (26,3%) e os indivíduos mais idosos, que estão na faixa etária a partir de 50 anos, dão preferência de uso ao objeto nulo ou categoria vazia (40,6%).

Importante destacar que a faixa de informantes mais jovens é a que menos emprega o pronome lexical, apresentando, entre as três faixas, o maior percentual de uso do SN anafórico. Não houve também confirmação da hipótese para emprego do clítico.

Apesar desses resultados não confirmarem a nossa hipótese, permitem-nos afirmar que, tanto os mais velhos, quanto os mais jovens, utilizam as variantes inovadoras e não prescritas nos padrões gramaticais, o *SN anafórico*, o *objeto nulo ou categoria vazia* e o *pronome lexical*. Assim, em relação à faixa etária, em nossa amostra do falar fortalezense, fica evidente o uso menos frequente da variante padrão e o uso mais frequente das variantes não prescritas pelas gramáticas.

Entretanto, para uma análise mais detalhada desse fator, damos continuidade com a verificação dos pesos relativos (TABELA 25):

Tabela 25 – Objeto direto anafórico de 3ª pessoa em relação à faixa etária na fala de Fortaleza: resultado para a variável *pronome lexical*

FAIXA ETÁRIA	VARIANTES					
	PRONOME LEXICAL			OUTRAS		
	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
15-25 anos	258/1347	19,2%	0,404	1089/1347	80,8%	0,596
26-49 anos	658/2499	26,3%	0,569	1841/2499	73,7%	0,431
50 anos em diante	1034/4409	23,5%	0,490	3375/4409	76,5%	0,510
TOTAL	1950/8255	23,6%	-	6305/8255	76,4%	-

Por meio desses resultados, podemos perceber que, entre as formas de apresentação do ODA de 3ª pessoa, a variante *pronome lexical* tem maior frequência (26,3%) e peso relativo (0,569) entre os falantes de faixa etária de 26 a 49 anos. Nas faixas etárias: 15 a 25 anos e 50 anos em diante, são favorecidas as outras variantes: *SN anafórico*, *objeto nulo* e *clítico acusativo*, como se apresentam os respectivos pesos relativos: 0,596 e 0,510. Tanto os jovens quanto os informantes de mais idade se utilizam das mesmas variantes para expressarem o ODA de 3ª pessoa.

O comportamento uniforme dessas faixas etárias, em relação ao fenômeno, é indício de um fenômeno variável relativamente estabilizado na comunidade. Essa uniformidade entre as faixas etárias consideradas, com apenas 4,3 pontos percentuais separando a faixa de maior idade (76,5%) da faixa de menor idade (80,8%) sugere que o fenômeno variável provavelmente não sofrerá grandes alterações nas próximas gerações.

Na sequência, apresentamos a variável extralinguística não selecionada como relevante na rodada binária.

5.2.4 Variável extralinguística não selecionada como relevante para o fenômeno

Apresentamos os resultados para o único grupo de fatores extralinguístico não selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB X*, para o emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na fala de fortalezenses: *tema discursivo*.

5.2.4.1 Tema discursivo

O grupo de fatores *tema discursivo* partiu do pressuposto de que os contextos diferentes de envolvimento dos falantes com o conteúdo da entrevista poderiam influenciar no emprego das diferentes variantes de retomada do ODA de 3ª pessoa. A expectativa era de que o *tema social* propiciasse maior aproximação com a prescrição gramatical e que o *tema pessoal* favorecesse as variantes não prescritas gramaticalmente (*SN anafórico*, *objeto nulo* e *pronomes lexical*).

Na tabela 26, a seguir, os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 26 - Distribuição das variantes de *objeto direto anafórico de 3ª pessoa* no grupo *tema discursivo* na fala de Fortaleza

TEMA DISCURSIVO	Variantes									
	Clítico acusativo		SN anafórico		Pronome Lexical		Objeto Nulo		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
peçoal	22	0,4	2342	38,6	1444	23,8	2261	37,3	6069	73,5
social	13	0,6	813	37,2	506	23,1	854	37,2	2186	26,5
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

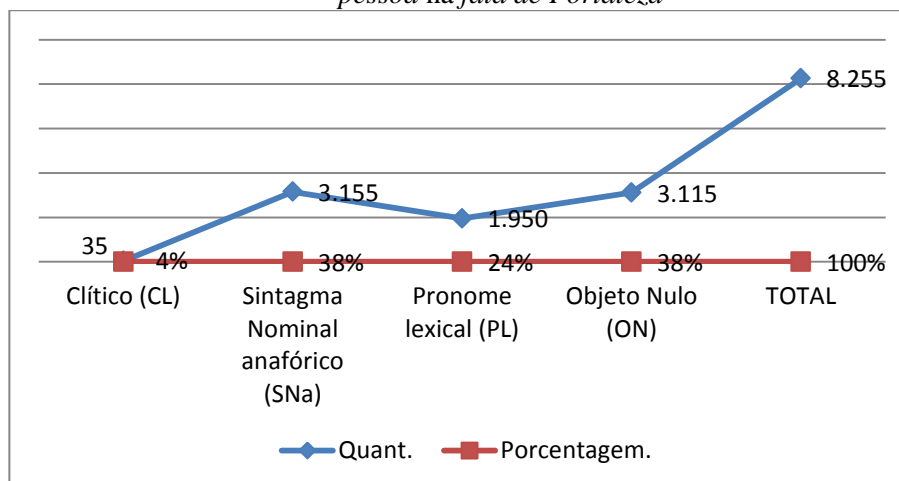
As frequências apresentadas em relação ao fator *tema discursivo* contribuem para a confirmação da não seleção desse grupo de fatores no emprego do ODA de terceira pessoa, pois, como se pode notar, os percentuais de cada fator não apresentam diferença significativa entre si (SN anafórico: 38,6% (peçoal) e 37,2% (social); objeto nulo: 37,3% (peçoal) e 37,2% (social); pronome lexical: 23,8% (peçoal) e 23,1% (social) e clítico acusativo: 0,4% (peçoal) e 0,6% (social)).

Passaremos, a seguir, às considerações sobre as variantes em estudo: *SN anafórico*, *pronomes lexical*, *objeto nulo* e *clítico acusativo*.

5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VARIANTES EM ESTUDO NA AMOSTRA DE FALA DE FORTALEZA

Neste tópico, far-se-ão breves considerações sobre as variantes em estudo, no intuito de sintetizar os resultados apresentados inicialmente na tabela 6, no início do capítulo, e retomados no gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 - Resultados gerais da frequência de uso para a realização do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala de Fortaleza



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

5.3.1 Clítico acusativo

O desaparecimento do clítico acusativo de 3ª pessoa na língua falada de informantes escolarizados foi comprovado nas pesquisas variacionistas realizadas nas grandes capitais do Brasil, como exemplo, os estudos de Duarte (1986 - SP), Corrêa (1991 - SP), Freire (2000 - RJ), Matos (2003 - SE), Mendonça (2004 - Mata Grande/AL), Alves (2009 - BA). Em relação aos informantes não escolarizados, os estudos de Pereira (1981 - RJ), Pará (2000 - RJ), Figueiredo Silva (2004 - BA), Marafoni (2004 - RJ), Brito (2010 - BA) descartam a sua possibilidade de escolha para o preenchimento do ODA. Na capital cearense, o resultado (0,4%) é semelhante, destacando a escassez dessa variante no falar de fortalezenses.

Em nossa comunidade de fala, assim como nas pesquisas referendadas, alguns fatores mostram-se, ainda que de forma esporádica, ser contextos favoráveis ao seu uso: o *antecedente [+animado]* (0,7%), o *grau de formalidade do discurso* (0,6%) e a *forma verbal* (0,5%).

Observa-se que, com a perda dos clíticos de terceira pessoa, o uso do objeto nulo e do pronome *ele* na posição de objeto direto é muito comum entre os falantes, o que demonstra que o PB se distanciou bastante do PE e que uma revisão nos padrões linguísticos deve ser implementada levando em consideração trabalhos como os apontados acima.

A esse respeito, (Duarte, 1986, p. 23) esclarece que: “A observação destes resultados leva-me a crer que o uso do clítico pré e pós- verbal limita-se a formas já cristalizadas no português, não havendo dúvida de que é a forma verbal o fator que sustenta suas esporádicas ocorrências”.

Nos resultados desta pesquisa sobre o clítico acusativo, verifica-se que nem mesmo esses fatores, apontados por Duarte como condicionadores dessa variante e apresentados no início desta seção, levam à sua realização no dialeto analisado.

5.3.2 Sintagma nominal anafórico

Em nossa amostra de fala, uma estratégia que se mostrou bastante relevante no resultado de todos os fatores foi o SN anafórico, apresentando 3155 ocorrências (38,2%), variante responsável por manter a coesão entre os enunciados de um texto e a retomada de antecedentes. Na realização do ODA, a frequência dessa variante é bastante significativa, embora não facilmente visível, como o pronome lexical.

Para Duarte (1986), “a realização dessa variante funciona como uma estratégia de esquiva ao clítico”. (DUARTE, 1986, p. 69). Os resultados dessa pesquisa ainda demonstram que o uso dessa variante é condicionado por fatores semelhantes aos que condicionam a categoria vazia, principalmente, no se refere à estrutura da sentença: orações constituídas com um predicado complexo, *V + OD + PRED*, e o traço [-animado] do antecedente, tal como em nossa amostra, onde, para esses grupos de fatores obteve 38,4% e 43,8%.

Essa variante é também condicionada por fatores extralinguísticos, como mostra Duarte (*op.cit*). A frequência dos SNs aumenta em grupos com maior escolaridade e faixa etária mais alta, superando o uso da variante clítico acusativo. Assim, quanto ao uso dos SNs anafóricos, obtivemos usos bastante significativos.

5.3.3 Pronome lexical

Quanto aos pronomes lexicais, Galves (1984, págs. 126/127) expressa que eles “existem na língua independentemente da concordância e não tem compromisso com a gramática de frase” e que “a noção de liberdade que faz referência à vinculação do pronome pelo contexto – sobre a qual a gramática de frase nada tem a dizer – tem que ser forçosamente reconsiderada numa língua de tópico”, não sendo de estranhar o fato de que “o pronome lexical seja atraído pelo tópico, como elemento mais proeminente do discurso” (p.127). E

como um objeto não-reflexivo não pode ser diretamente vinculado por um antecedente situado na sentença, o pronome lexical objeto pode ser diretamente vinculado pelo tópico e sua função seria realçar tal vinculação, não deixando nenhuma ambiguidade sobre a função do sintagma nominal lexical na frase” (p. 126).

Em nossa amostra de fala, o uso do pronome lexical (pronome *ele* na posição de objeto direto), apresentou resultados consideráveis, pois, no total de 8255 ocorrências, obteve 1950 (23,6%) na rodada geral.

Nos fatores linguísticos controlados, apresentou: 33,2% de ocorrências com antecedentes [+animado]; 28,3% com número SN objeto no singular; 26,9% com verbos flexionados; 30,3% com estrutura sintática da sentença simples; 30,3% com oração principal; 27,0% com presença do sujeito; 29,6% com antecedente definido; e 29,6% com sujeito não topicalizado; já nos fatores extralinguísticos, obteve: 25,8% com o sexo feminino; 19,2% com a faixa etária dos mais jovens, 26,3% na faixa etária intermediária e 23,5% na faixa etária de mais idade; 23,0% com 0 a 4 anos de escolaridade, 36,0% com 5 a 8 anos de escolaridade e 11,4% com 9 a 11 nos de escolaridade; 23,8% com o tema pessoal e 23,1% com o social e 27,0% no tipo de registro DID – Diálogo entre Informante e Documentador.

Quando rodamos os dados: pronome lexical x outras (clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo), os pesos relativos dos fatores linguísticos para essa variante foram: 0,628 com antecedente [+animado]; 0,531 com verbos flexionados; 0,582 com presença do sujeito e 0,606 com sujeito não topicalizado. No que se refere aos fatores extralinguísticos, obteve-se: 0,584 com o sexo feminino; 0,569 com a faixa etária intermediária (26 a 49 anos), 0,404 com a faixa etária mais jovem e 0,490 na faixa etária de mais idade; 0,466 com 0 a 4 anos de escolaridade, 0,691 com 5 a 8 anos de escolaridade e 0,326 com 9 a 11 nos de escolaridade e 0,572 com o tipo de registro DID – Diálogo entre Informante e Documentador.

Assim, essa variante, considerada não padrão pela tradição gramatical e por ela marcada (estigmatizada), apresenta-se atuante na posição de objeto, com um emprego considerável por parte dos falantes. Para Câmara Junior (2004, p. 96):

É, todavia, um traço geral típico do português de todos os níveis sociais no Brasil, só o evitamos em certas situações, nas quais aquele que fala sente toda uma responsabilidade de homem instruído e, mesmo assim, ele não chega a eliminá-lo de tudo.

Dessa afirmação, pode-se inferir que há indícios, no PB, para que se possa interpretar que a mudança, aqui centrada nas colocações pronominais, no caso, o pronome lexical,

mesmo que prefiguradas na estrutura da língua, precisa ser focalizada, principalmente e inicialmente, na gramática internalizada do falante, em uma comunidade de fala. O que se pode concluir que, a língua falada dos indivíduos e os fatores sociais que o envolvem podem atuar fortemente nos processos de mudanças linguísticas.

Nesse sentido, o pronome lexical, na língua falada dos cearenses, está presente de forma espontânea, sem padrões pré-estabelecidos de uso, como se observa no contexto social, onde há distribuição significativa, seja quanto ao sexo, faixa etária, nível de escolaridade, formalidade ou informalidade.

5.3.4 Objeto nulo ou categoria vazia

O objeto nulo ou categoria vazia, embora nas pesquisas variacionistas aqui referendadas tenha liderado nos resultados, apresenta-se com o seguinte percentual, em nossa amostra: 37,7% (3115 ocorrências). Considerando 3155 ocorrências de SN anafórico (38,2%), tem-se uma diferença de 0,5% entre as duas variantes.

Os estudos de Omena (1978) e Duarte (1986) destacam que essa variante é favorecida, principalmente, pelo traço semântico [*-animado*] do antecedente, tanto em estruturas simples como em estruturas complexas.

A preferência dos falantes pelo emprego do objeto nulo ou categoria vazia, mostrou-se bastante significativa, principalmente por ser uma variante não marcada gramaticalmente, o que permite inferir que os mais jovens, usando mais a categoria vazia, confirmam o diagnóstico de que esta variante está se implementando na gramática dos falantes.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou estudar o comportamento variável do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na língua falada de fortalezenses, partindo da pesquisa bibliográfica, de observações de nosso *corpus* (projeto NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e da análise estatística realizada através do *GOLDVARB X* (2005), o que possibilitou verificar de que formas o objeto direto anafórico se apresenta na língua falada, observando as variantes: *clítico acusativo*, *SN anafórico*, *pronome lexical* e *objeto nulo ou categoria vazia*.

Partimos da hipótese geral de que a faixa etária e nível de escolaridade mais alto favoreceriam o uso da variante padrão. Contrariamente, faixa etária e nível de escolaridade mais baixo propiciariam o uso das variantes não padrão: o SN anafórico, o objeto nulo ou categoria vazia e o pronome lexical.

Com foco em nosso objetivo geral, elaboramos os seguintes objetivos específicos: a) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis pelo uso das variantes: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo ou categoria vazia no falar de fortalezenses; b) investigar, a partir de análises no tempo aparente (faixa etária), se há indícios de essas variantes estarem passando por um processo de mudança em curso ou se se trata de uma variação estável.

As pesquisas variacionistas que embasaram este estudo (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; PEREIRA, 1981; TARALLO, 1983; CORREA, 1991; FREIRE, 2000; 2005; AVERBUG, 2000; MATOS, 2003; ARAÚJO, 2005; ARRUDA, 2006; NEIVA, 2007; PARÁ, 2007; OLIVEIRA, 2007; ALVES, 2009; MENDONÇA, 2004; MARAFONI, 2004; FIGUEIREDO SILVA, 2004; CÂMARA JÚNIOR, 2004; BRITO, 2010; SOLEDADE, 2010,2011) já mostram os resultados nas formas de realização do objeto direto anafórico de 3ª pessoa no português do Brasil.

A seguir, retomaremos os nossos principais resultados apresentados, que constituem uma tentativa de acrescentar algo ao esclarecimento do fenômeno analisado.

Em termos gerais, em nossa amostra, foi constatado que, de todas as formas variantes de realização do objeto direto anafórico, a que apresentou baixíssimo percentual de uso foi o *clítico acusativo* (0,4% e 35 ocorrências). Como se percebe, um número bastante insignificante num universo de 8.255 ocorrências. A estratégia mais utilizada foi o SN anafórico (38,2%), embora com reduzida diferença em relação ao objeto nulo ou categoria vazia (37,7%) e, para o pronome lexical, encontramos 23,6%.

Os condicionamentos linguísticos levantados mostram que o uso do pronome lexical é altamente favorecido pela estrutura complexa da frase em que ocorre e pelo traço [+animado] do antecedente, enquanto o uso do objeto nulo ou categoria vazia privilegia, de forma extremamente significativa, o traço [-animado], independentemente da estrutura sintática em que ocorre. Quanto ao clítico, pode-se dizer que ele ainda resiste em estruturas simples em que ocorre um tempo simples, que não o imperativo, ou, de preferência, um infinitivo.

Os fatores extralinguísticos: *escolaridade* e *faixa etária* destacam o fato de os informantes com nível de escolaridade mais alta e pertencentes à faixa etária mais alta preferirem os SNs, o objeto nulo e o pronome lexical, resultados que contrariam a nossa hipótese geral. Quanto ao pronome lexical, é mais comumente utilizado em construções complexas, nas quais seu condicionamento é mais forte. Os mais altos índices de uso do pronome lexical ficam com o grupo de jovens e o grupo de informantes de mais idade, com nível de escolaridade mais baixo, que não usam o clítico.

Em termos mais específicos, considerando os pesos relativos (rodada binária: pronome lexical x outras (clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo), nossa amostra apresenta, inicialmente, em relação à animacidade do antecedente (os traços [+/- animado], apontados como relevantes nas diferentes formas de representação do objeto direto), para o traço [+animado], o favorecimento da variante pronome lexical, com 33,2% de frequência e 0,628 de peso relativo; enquanto o traço [-animado], com frequência de 15,3% e peso relativo de 0,612 é propenso ao uso das outras três variantes juntas: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou categoria vazia*. Esse resultado confirma a nossa hipótese levantada em relação às frequências brutas para esse grupo de fator e corrobora o resultado encontrado no estudo de Duarte (1986), que, para a variante *pronome lexical*, embora não tenha trabalhado com os pesos relativos, obteve frequência de 98,4% com antecedente de traço [+animado].

Quanto à topicalização do antecedente, se topicalizado, os resultados para as outras variantes juntas: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou categoria vazia* são maiores (84,6% de frequência e peso relativo 0,643 (somatória de todas as outras variantes)); e quando não topicalizado, os índices percentuais de objeto direto favorecem ao uso do pronome lexical, apresentando uma frequência de 29,6% e peso relativo de 0,606. Esse resultado confirma a nossa hipótese para esse grupo de fator em relação aos percentuais de frequências.

No que se refere à presença ou ausência do sujeito, os resultados apresentados pelos pesos relativos confirmam os resultados apresentados pelas frequências, ou seja, nossa hipótese não se confirma, pois há maior tendência de emprego do pronome lexical para os

contextos em que há a presença do sujeito na oração, com peso relativo 0,582 e com 27,0% do total de dados; assim também como em sua ausência há maior tendência ao emprego das outras variantes juntas (*clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou categoria vazia*).

Em relação à forma em que se encontra o verbo na oração em que ocorre o objeto direto anafórico, os resultados mostram que, quando o ODA de 3ª pessoa refere-se aos verbos flexionados, a frequência de pronome lexical sobe de 23,0% para 26,9%. Esses resultados, em frequências brutas, são confirmados pelo peso relativo (0,531) que reflete o cálculo probabilístico que considera o peso simultâneo de todas as variáveis independentes. Para as outras variantes juntas: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo*, o peso relativo para o tempo e modo verbal: infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo é de 0,506, resultado que evidencia ser esse um fator que favorece o uso da variante pronome lexical como ODA.

Para o grupo de fatores *escolaridade*, esperávamos, em termos de frequências brutas, que a redução das formas padronizadas atuasse em conformidade com a diminuição do grau de escolaridade possuído por nossos informantes. Enquanto, falantes com níveis intermediários de escolarização (5 a 8 anos) e maior nível de escolarização em nossa amostra (9 a 11) se utilizassem de estratégias como objeto nulo ou categoria vazia e *SN anafórico*. Estratégias, inclusive, contra as quais a prescrição normativa não se opõe veementemente como faz contra o pronome lexical.

Nossos resultados, contudo, no que se refere aos pesos relativos, demonstram que os informantes com maior escolarização, nível III (9 a 11 anos), correspondendo ao ensino médio, apresentam maiores percentuais (88,65%) e pesos relativos de 0,674 para uso das outras variantes juntas: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou categoria vazia*, o que ocorre também com os informantes do nível I (0 a 4 anos), correspondendo, atualmente, ao ensino fundamental I, que apresentam percentuais de 77,0% e pesos relativos 0,534, enquanto os informantes que se encontram no nível II (5 a 8 anos) apresentam maior preferência pelo uso do pronome lexical, com 36,0% percentuais e 0,691 de pesos relativos.

Desses resultados, podemos concluir que o comportamento de informantes com mínima escolarização (0 a 4 anos) e peso relativo de 0,534 para uso de outras variantes juntas: *clítico acusativo*, *SN anafórico* e *objeto nulo ou categoria vazia*, aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização em nossa amostra, (9 a 11 anos), que corresponde ao ensino médio, de peso relativo 0,674 para emprego de outras variantes; resultados opostos às expectativas e a influência do fator *escolaridade* em fenômenos variáveis do PB.

A faixa intermediária (5 a 8 anos), que corresponde, atualmente, ao ensino fundamental II, apresenta tendência crescente ao uso da forma não padrão (pronomes lexicais), peso relativo de 0,691, apesar de, nesse nível de ensino, ser exigido do aluno um maior domínio das prescrições gramaticais. Assim, a observação desse grupo de fator apresenta o pronome lexical como forma de uso de objeto direto anafórico de 3ª pessoa, e como uma variante em crescente uso na língua falada de fortalezenses.

Em relação ao tipo de registro: DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes, observamos que, o tipo de registro D2 – Diálogo entre Dois Informantes influencia, consideravelmente, o uso das variantes juntas: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo ou categoria vazia, com frequência de 92,6% e 0,801 de peso relativo; enquanto no tipo de registro DID – Diálogo entre Informante e Documentador, a frequência 27,0% e o peso relativo 0,572 favorecem o uso da variante pronome lexical. Os resultados apresentados opõem-se à nossa hipótese para as frequências brutas, pois a estimativa era encontrar objeto nulo e SN anafórico no Diálogo entre Informante e Documentador e pronome lexical no Diálogo entre Dois Informantes. Para esses contextos, os pesos relativos 0,572 e 0,801 evidenciam o favorecimento do tipo de registro no emprego do ODA de 3ª pessoa na amostra de fala dos fortalezenses.

Os resultados da atuação do fator *sexo do informante* no emprego do ODA de 3ª pessoa confirmam que falantes do sexo feminino possuem maior tendência ao uso da variante inovadora e não padrão pronome lexical (25,8% e peso relativo de 0,554) e, das outras variantes juntas: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo ou categoria vazia (78,3% e peso relativo de 0,548). Observa-se, ao relacionar os dois resultados em termos de peso relativo, certo equilíbrio em relação ao uso das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa em nossa amostra de fala de fortalezenses.

No que se refere à atuação da faixa etária sobre o ODA de 3ª pessoa para a nossa amostra da língua falada de fortalezenses, podemos perceber que a variante pronome lexical tem maior frequência (26,3%) e peso relativo (0,569) entre os falantes de faixa etária 26 a 49 anos. Nas faixas etárias: 15 a 25 anos e 50 anos em diante, são favorecidas as outras variantes juntas: clítico acusativo, SN anafórico e objeto nulo ou categoria vazia, como se apresentam os respectivos pesos relativos: 0,596 e 0,51. Como podemos ver, em nosso estudo, tanto os jovens quanto os informantes de mais idade se utilizam das mesmas variantes para expressarem o ODA de 3ª pessoa. Esse comportamento quase uniforme dessas faixas etárias, em relação ao fenômeno, é indício de um fenômeno variável relativamente estabilizado na comunidade. Essa semelhança entre as faixas etárias consideradas, com apenas 4,3 pontos

percentuais separando a faixa de maior idade (76,5%) da faixa de menor idade (80,8%) sugere que o fenômeno variável provavelmente não sofrerá grandes alterações nas próximas gerações.

Em nossas análises, percebemos, portanto, que as formas não referendadas pelas normas gramaticais para a retomada do objeto direto anafórico: *o SN anafórico* e *o objeto nulo ou categoria vazia*, são as mais utilizadas no falar fortalezense; o pronome lexical, também é consideravelmente utilizado e não se observa estigma social em relação ao uso dessa variante.

Diante do exposto acima, nossa hipótese não foi confirmada, pois a faixa etária e o nível de escolaridade, altos ou baixos, favorecem o uso das variantes não padrão: o SN anafórico, o objeto nulo ou categoria vazia e o pronome lexical. Assim, a variante *pronome lexical*, na língua falada, faz parte das construções existenciais de nossa amostra, ocupando o espaço do clítico em desuso.

A análise em tempo aparente (faixa etária) do fenômeno variável objeto direto anafórico de terceira pessoa na fala de fortalezenses revela que há uma variação estável entre as três variantes: *SN anafórico*, *objeto nulo* e *pronome lexical* e que a presença do clítico acusativo ocorre apenas como um resquício, fruto da influência da escolaridade. Entretanto, para chegarmos a conclusões mais precisas, precisaríamos de dados de tempo real.

Em síntese, tivemos uma visão geral do que ocorre com a variável dependente objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza: o encaixamento das variantes: *SN anafórico* e *o objeto nulo*. e o uso da variante *pronome lexical*. Contudo, destacamos a necessidade de continuar a observação sobre as realizações que comandam a posição de objeto direto anafórico no português do Brasil, especialmente no que se refere à colocação da variante pronome lexical na escrita, vez que se espera que a escola desempenhe sua função de enriquecimento linguístico do indivíduo, sem desconsiderar a dinamicidade da língua e a constante reorganização do sistema pronominal brasileiro, refletidas nas mais variadas realidades linguísticas e necessidades comunicativas de uma comunidade de fala.

Para concluir, podemos afirmar que, apesar de termos analisado somente dois tipos de registros, dos três que compõe o *corpus* NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), os nossos resultados fornecem informações importantes acerca do falar fortalezense. Apesar de, na maior parte do trabalho, referirmo-nos sempre a nossa amostra, acreditamos que ela seja representativa do universo maior que é a língua falada no Brasil; a considerar os trabalhos variacionistas sobre esse tema em outras capitais do país. Por fim, ressaltamos que este estudo, como qualquer outro sobre língua natural, está longe de ser

completo. É um *continuum*. Por fim, espera-se que os resultados aqui expressos, aliados a outros já apresentados, possam contribuir com os estudos sociolinguísticos, no sentido de se esboçar um perfil linguístico do falante cearense, bem como enriquecer os estudos relacionados ao português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática da língua portuguesa**. 41ª ed. São Paulo-SP, Saraiva Editora, 1997.

ALVES, J. da S. O objeto direto anafórico: uma análise na língua falada popular de jovens soteropolitanos. **Letra Magna**, Minas Gerais-MG, Ano 05 n. 11 – 2º Semestre de 2009. Disponível em: <www.letramagna.com/objetodirsotero.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2015.

APRECE – Associação dos Prefeitos do Estado do Ceará. 2015. Disponível em: <<http://www.Aprece.org.br>>. Acesso em: 20 Set. 2015.

ARAÚJO, A. A. de. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA. Rio de Janeiro-RJ. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. 83 **Anais... Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 a, vol. XV, nº 5, t.1. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/72.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

_____. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3597/1/2007_tese_ALAraujo.pdf>. Acesso em: 23 abril. 2015.

ARAÚJO, R. C. O objeto direto anafórico em textos da web. In: **Revista Inventário**. 4ª ed., jul/2005. Disponível no web world wide em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/04rcavalcante.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ARRUDA, N. C. **A realização do objeto direto no Português Brasileiro culto falado**: um estudo sincrônico. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93959/arruda_nc_me_ararafcl.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 set. 2015.

AVERBUG, M. C. G. **Objeto Direto Anafórico e Sujeito Pronominal na Escrita de Estudantes**. 2000. 215f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 2000. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/averbugmccg.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, E. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade? São Paulo-SP, Ática Editora, 2006.

_____. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. 15ª reimpr. Rio de Janeiro-RJ, Lucerna, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado 1988.

_____. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRITO, J. F. A. **O objeto direto (ana) fórico no falar rural baiano: um estudo Sociolinguístico**. 2010. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/3007-3017.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2015.

BRUNO, A.; FARIAS, A. de. **FORTALEZA: 285 anos**. p. 01-11, 2011. Disponível em: <www.arturbruno.com.br/images/conteudo/file/cartilhaHFortaleza.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016.

CAMACHO, R. G. Uma Reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. **D.E.L.T.A. (Online)**, São Paulo-SP, EDUC, vol. 26, n.1, 2010, p.151. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/50102-44502010000100006.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2015.

CÂMARA JR., J.M. **Dispersos**; org. por C.E.F. Uchôa. Rio de Janeiro-RJ, Lucécia, 2004.

CAMPEDELLI S. Y.; SOUZA J. B. **Gramática do Texto - Texto da Gramática**. São Paulo-SP, Saraiva Editora, 2000.

CASTILHO, A. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo-SP, Contexto Editora, 2012.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 40ª ed. São Paulo-SP, Companhia Editora Nacional, 2005.

CEREJA, W; COLH T. **Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação**. 3ª ed. São Paulo-SP, Atual Editora, 2009.

CHAMBERS, Jack K; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo-SP, Contexto Editora, 2015.

CORRÊA, V. R. **Objeto Direto Nulo no Português do Brasil**. 1991. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1991. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro-RJ, Nova Fronteira Editora, 2007.

CYRINO, S. M. L. **O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: UEL, 1997.

DUARTE, M. E. L. **Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. 1986. 73f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo-SP, 1986.

_____.; SERRA, C. R. Gramática (s), ensino de português e “adequação linguística”. **Matraga** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro-RJ, v. 22, n. 36, p. 31-55, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2015.17046>>. Acesso em: 23 agos. 2015.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Language and gender**. New York: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: Disponível em: <<https://linguistlist.org/issues/14/14-1289.html>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, n. 13, p. 51-82, Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). 1996. Disponível em: Disponível em: <<http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

_____. **Norma culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2008.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. V. de. **Objeto Nulo no Dialeto Rural Afro-brasileiro**. 2004, 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11610/1/Maria%20Silva.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2015.

FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana**. 2005, 215f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2005. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2015.

_____. **Os Clíticos de Terceira Pessoa e as Estratégias para sua Substituição na Fala Culta Brasileira e Lusitana**. 2000, 204f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em letras vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2000. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2015.

GALVES, C. **Pronomes e categorias vazias em português do Brasil**. Campinas-SP, Editora UNICAMP, 1984, n. 7. p.107-136. Disponível em: <revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3432>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **Ensaaios sobre as gramáticas do português**. São Paulo-SP, Editora da Unicamp, 2001.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 2ª ed. São Paulo-SP, Martins Fontes Editora, 1985.

GUIMARÃES, T. de A. A. S. **Tu é doido, macho!**: a variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTACAO_TATIANE.pdf>. Acesso em 02 dez. 2015.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística Quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. <www.ibge.gov.br>; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - INEP/Min. da Educação <www.inep.gov.br>. Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais. (2015). Acesso em: 09 jul. 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972], 2008.

_____. **Principles of Linguistic Change** – Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED157378>>. Acesso em 03 fev. 2015.

_____. Where does the Linguistic variable stop. A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, n. 44. Texas, 1978, p. 05-16. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED157378>>. Acesso em 03 fev. 2015.

_____. **Alguns passos iniciais na análise da narrativa**. The Journal of Narrative and Life History. Trad. de Ferreira Netto. Volume 7. 1997.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL. Vol. 05, n. 09, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Otero. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____; ASH, S.; BOBERG, C. The atlas of North American English. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. A Study of Nonstandard English. Washington, DC: National Council of Teachers of English, 1968.

_____. **W. The Social stratification of English in new York**. Washington, D. C.: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, n. 7, London, 1977, p. 171-183. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=2923932>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. **Where does the sociolinguistic variable stop?** *Language Society*, n. 7, 1978. p. 171-182.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo-SP, Globo Editora, 2002.

MARAFONI, R. L. **A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração**. 2004, 112f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2004. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

_____. **A distribuição do objeto nulo no português europeu e no português brasileiro**. 2010, 159f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2010. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MATOS, M. Z. M. de S. II **ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - II ENPOLE**. Curitiba-PR, A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos Itabienses: uma primeira abordagem. **Anais...** Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL, Paraná, 2003. p. 1014-1021. Disponível em: <www.escavador.com/sobre/.../maria-zelma-meneses-de-santana-matos>. Acesso em: 12 jul. 2015.

MATOS, A. M.; NETO, A. Oportunidade e Miséria nos Bairros de Fortaleza. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146(030). <[www.ub.es/geocinit/sn/sn-146\(030htm\)](http://www.ub.es/geocinit/sn/sn-146(030htm))>. Acesso em 05 de abril de 2015.

MELLO, T. de. **Faz escuro, mas eu canto**. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil, 1999.

MENDONÇA, V. de A. **O objeto direto anafórico na fala Mata Grandense e Paulistana: um estudo comparativo**. 2004, 97f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2004. Disponível em: <www.repositorio.ufal.br/bitstream/.../1/ValdenicedeAnucenaMendonca.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2015.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC. 1994.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística** - domínios e fronteiras. v. 1. 3ª ed. São Paulo-SP, Cortez editora, 2003.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, C; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, C; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NEIVA, N. C. **Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador**: o clítico em desuso. 2007, 135f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2007. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/.../Nordélia%20Costa%20Neiva.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2015.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola?**: Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo-SP, Contexto Editora, 2004.

_____. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NORMA. In: FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. Curitiba-PR, Positivo Editora, 2010.

OLIVEIRA, S. M. **Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro**: uma análise de textos escolares. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** - ReVEL. UFSC, vol. 5, n. 9, agosto de 2007, p. 1-30. Disponível em: <www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_objeto_direto_nulo.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

OMENA, N. P. de. **Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas Formas Variantes em Função Acusativa**. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro-RJ, 11 de julho de 1978.

PARÁ, M. L. D. **Estratégias de representação do objeto direto correferencial**: um estudo variacionista. 1997, 215f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 1997. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/Pará.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

PEREIRA, M. das G. D. **A Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil**. 1981, 301f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica – PUC-RJ, Rio de Janeiro-RJ, 1981.

PAIVA, M. da C.. Sexo. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2003.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2010.

_____. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2004.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP, Mercado de Letras, 1996.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 36ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio. 1998.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no Português Brasileiro e Europeu: estudo Sociolinguístico comparativo**. São Paulo-SP, Editora UNESP, 2012. p.81-83. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/109234>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

SACCONI, L. A. **Gramática Essencial Ilustrada**. São Paulo-SP, Atual Editora, 1994.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A; SMITH, E. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em 17 abril. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916]. Título original: Cours de linguistique générale.

SOLEDADE, C. de L. V. A realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa em cartas de ilustres do século XIX. In: SEMINÁRIO DO GEL, 58. 2010, *Programação...* São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6795-10>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

_____. **A realização do objeto direto anafórico em peças de autores brasileiros dos séculos XIX e XX: dados empíricos para observação de mudança no Português Brasileiro**. 2011, 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SoledadeCLV.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo-SP, Ática Editora, 1991.

_____. Relativization Strategies in Portuguese. Philadelphia University of Pennsylvania. Tese de Doutorado. Mimeo. (1983). In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas-SP, UNICAMP, 1993.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**. Middlesex: Penguin Books Ltd, 1974.

TUFANO, D. **Gramática:** Estudos de Língua Portuguesa. 2ª ed. São Paulo-SP, Moderna Editora, 1990.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of linguistics*, 19(1), 1983 [1977], (29-58). In: COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística.** São Paulo-SP, Contexto Editora, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teorias da mudança linguística.** Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1968], 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Mapa dos estudos variacionistas sobre o ODA de terceira pessoa



Estudos Variacionistas sobre o ODA de 3ª pessoa	
LEGENDA	LOCALIZAÇÃO
	Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, Piauí e Bahia.
	Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.
	Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

APÊNDICE B - Chave de Codificação

CHAVE DE CODIFICAÇÃO		CÓDIGOS
VARIÁVEL DEPENDENTE		
Clítico Acusativo		1
Sintagma Nominal Anafórico		2
Pronome Lexical		3
Objeto Nulo		4
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES	CÓDIGOS
<i>Tipo de Registro</i>	DID - Diálogo entre Informante e Documentador	d
	D2 - Diálogo entre Dois Informantes	D
<i>Sexo</i>	Masculino	M
	Feminino	F
<i>Faixa etária</i>	15 a 25 anos	Q
	26 a 49 anos	V
	50 em diante	C
<i>Escolaridade</i>	0-4 anos	f
	5-8 anos	F
	9-11 anos	M
<i>Tema discursivo</i>	Pessoal	P
	Social	S
<i>Traço semântico dos antecedente</i>	[+animado]	A
	[-animado]	I
<i>Número do sintagma nominal objeto</i>	Singular	s
	Plural	p
<i>Forma verbal</i>	(infinitivo, gerúndio, particípio e subjuntivo)	t
	(verbos flexionados)	T
<i>Estrutura sintática da sentença</i>	Simplex (SVO)	S
	Complexas: (SVOD) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto); (SVOD + PRED.) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto + Predicativo); (SVODI) (Sujeito/Verbo/Objeto Direto/Indireto).	C
<i>Tipo de oração</i>	Principal (absoluta)	A
	Outras (coordenadas e subordinadas)	O
<i>Presença ou ausência do sujeito</i>	Presença	P
	Ausência	a
<i>Tipo de antecedente</i>	Definido	D
	Indefinido	I
<i>Topicalização do antecedente</i>	Topicalizado	T
	Não topicalizado	N

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

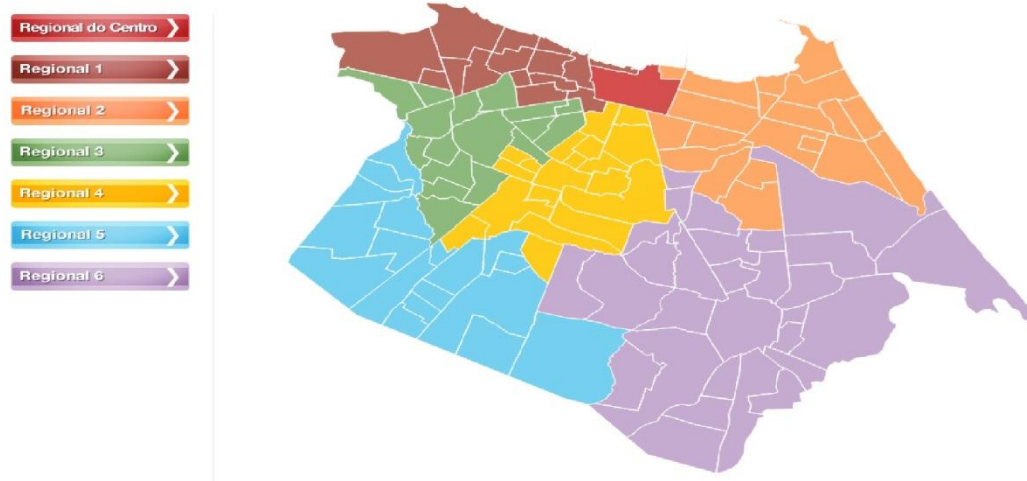
ANEXOS

ANEXO A - Distribuição dos bairros de Fortaleza por SERs¹⁷

SERs	BAIRROS	Quantidade
SER I	Vila Velha, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Barra do Ceará, Floresta, Álvaro Weyne, Cristo Redentor, Ellery, São Gerardo, Monte Castelo, Carlito Pamplona, Pirambu, Farias Brito, Jacarecanga e Moura Brasil	15 bairros
SER II	Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon	20 bairros
SER III	Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy, Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha	17 bairros
SER IV	São José Bonifácio, Benfica, Fátima, Jardim América, Damas, Parreão, Bom Futuro, Vila União, Montese, Couto Fernandes, Pan Americano, Demócrito Rocha, Itaoca, Parangaba, Serrinha, Aeroporto, Itaperi, Dendê e Vila Pery	19 bairros
SER V	Conjunto Ceará, Siqueira, Mondubim, Conjunto José Walter, Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Genibaú, Canindezinho, Vila Manoel Sátiro, Parque São José, Parque Santa Rosa, Maraponga, Jardim Cearense, Conjunto Esperança, Presidente Vargas, Planalto Ayrton Senna e Novo Mondubim	18 bairros
SER VI	Aerolândia, Ancuri, Alto da Balança, Barroso, Boa Vista (unificação do Castelão com Mata Galinha), Cambeba, Cajazeiras, Cidade dos Funcionários, Coaçu, Conjunto Palmeiras (parte do Jangurussu), Curió, Dias Macedo, Edson Queiroz, Guajerú, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, José de Alencar (antigo Alagadiço Novo), Messejana, Parque Dois Irmãos, Passaré, Paupina, Parque Manibura, Parque Iracema, Parque Santa Maria (parte do Ancuri), Pedras, Lagoa Redonda, Sabiaguaba, São Bento (parte do Paupina) e Sapiranga	29 bairros
Sercefor	Centro	1 bairro
Total		119

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

¹⁷ <http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais>. Página visitada em 20 de setembro de 2015.

ANEXO B - Mapa das SERs de Fortaleza, com suas subdivisões¹⁸.

Subdivisões do município de Fortaleza ¹⁹			
SER	Número de bairros	Área	População (2010)
<u>I</u>	15	24,4 km ²	363 912
<u>II</u>	20	44,4 km ²	334 868
<u>III</u>	17	25,8 km ²	360 551
<u>IV</u>	19	33 km ²	281 645
<u>V</u>	18	56,1 km ²	541 511
<u>VI</u>	29	119,9 km ²	541 160
<u>Central</u>	1	4,8 km ²	28 538

¹⁸ Fonte: Aprece.org. br – Página visitada em 20 de setembro de 2015, às 14h10min.

¹⁹ Fundação Demócrito Rocha. «Administração pública: Secretarias Executivas Regionais (SERs)». Anuário de Fortaleza 2012-2013. Arquivado desde o original em 24 de fevereiro de 2015. Consultado em 24 de fevereiro de 2015.

ANEXO C - Modelo de Ficha de Informante NORPOFOR (ARAÚJO, 2007)

FICHA DO INFORMANTE**DADOS DA ENTREVISTA****1.1. DADOS DO INQUÉRITO**

- A) DATA _____ / _____ / _____
- B) TIPO () EF () D2 () DID
- C) DOCUMENTADOR (ES): _____
- D) TEMA: _____
- E) LOCAL: _____
- F) DURAÇÃO: _____
- G) GRAU DE INTIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES:
Grande () Médio () Escasso () Nulo ()
- H) GRAU DE INTIMIDADE ENTRE LOCUTORES E DOCUMENTADORES:
Grande () Médio () Escasso () Nulo ()

1.2. DADOS DOS INFORMANTES

- A) NOME COMPLETO: _____
- B) SEXO: M () F ()
- C) NATURALIDADE: () Fortalezense () Cearense – veio para Fortaleza com menos de cinco anos.
- D) IDADE: _____
- E) ENDEREÇO: Rua _____ Nº _____ Bairro: _____
- F) TELEFONE: _____ E-MAIL: _____
- G) VIAGENS (PARA ONDE E POR QUANTO TEMPO): _____
- H) ESCOLARIDADE: () 0–4 anos () 5–8 anos () 9–12 anos
- I) CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: _____
- J) GRAU DE UTILIZAÇÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: _____
- K) PROFISSÃO: _____
- L) OUTRAS ATIVIDADES: _____
- M) ESTADO CIVIL: () Solteiro () Casado () Divorciado () Relação estável () Outros
- N) NATURALIDADE DOS PAIS: Pai _____ -Ce/ Mãe _____ -Ce
- O) OCUPAÇÃO DOS PAIS: _____ / _____
- P) NATURALIDADE DO CÔNJUGE: _____
- Q) OCUPAÇÃO DO CÔNJUGE: _____
- R) FILHOS (sexo, idade): _____